

Jorge Hessen

LYON

CORTES E RECORTES HISTÓRICOS
DA CIDADE BALUARTE
DO ESPIRITISMO NA FRANÇA



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

LYON - CORTES E RECORTES HISTÓRICOS DA CIDADE BALUARTE DO ESPIRITISMO NA FRANÇA

Jorge Hessen

Revisão: Irmãos W.

Diagramação: Ery Lopes

Versão digitalizada:

© 2019

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



"Bulletin Le Spiritisme Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec" e da fundação da Creche Espírita de Lyon foram traduzidos por Fabiana Rangel.

LYON

CORTES E RECORTES HISTÓRICOS
DA CIDADE BALUARTE
DO ESPIRITISMO NA FRANÇA

JORGE HESSEN

ÍNDICE

- Prefácio — pág. 6
- Lyon, cidade suporte do Espiritismo na França — pág. 8
- Nobre grupo lionês — pág. 11
- Lyon, a cidade dos mártires — pág. 13
- Emmanuel rememora os acossamentos do ano 177 em Lyon — pág. 15
- Lista dos (50) primeiros mártires de Lyon e de Vienne — pág. 20
- Epístola dos cristãos de Vienne e de Lyon às congregações da Ásia e da Frígia — pág. 23
- Allan Kardec e a reencarnação do mártir Jan Huss — pág. 25
- Vivência íntima dos ensinamentos cristãos-espíritas — pág. 26
- Kardec e o movimento espírita em Lyon — pág. 27
- Henri Sausse foi o precursor da composição biográfica de Allan Kardec — pág. 30
- Artigo de Henri Sausse publicado em Le Spiritisme sobre a adulteração de A Gênese — pág. 34
- Denúncia de Henri Sausse e o manuscrito original do médium Desliens — pág. 36
- A denúncia de Henri Sausse — pág. 39
- Os anos incertos — pág. 41
- La Fédération Spirite Lyonnaise — pág. 42
- A renovação — pág. 45
- Um nascimento histórico — pág. 46
- Um testemunho comovente — pág. 47
- A Creche Espírita de Lyon — pág. 48
- A origem da creche — pág. 51
- Uma mensagem de Ambroisine Dayt — pág. 53
- O declínio do Movimento espírita francês — pág. 55
- Société Spirite Lyonnais e o Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec — pág. 56

Kardec e o Espiritismo em Lyon — [pág. 57](#)

Alocação do sr. Dijoud, chefe de oficina, presidente do grupo espírita de Brotteaux, em agradecimento aos bons espíritos — [pág. 62](#)

Brinde do sr. Courtet, negociante — [pág. 63](#)

Brinde do sr. Bouillant, professor — [pág. 64](#)

Discurso do Sr. Allan Kardec no banquete de Lyon — [pág. 65](#)

Epístola (na íntegra) de Erasto aos Espíritas Lioneses — [pág. 71](#)

Discursos pronunciados nas reuniões gerais dos Espíritas de Lyon e outras — [pág. 77](#)

O Movimento espírita de Lyon em 1868 — [pág. 102](#)

Kardec em resposta ao convite dos espíritas de Lyon e de Bordeaux — [pág. 103](#)

Resposta do Sr. Allan Kardec à Gazette de Lyon — [pág. 105](#)

Banquete - Oferecido pelos espíritas lioneses ao Sr. Allan Kardec, a 19 de setembro de 1860 — [pág. 113](#)

A loucura espírita - Resposta ao Sr. Burlet, de Lyon — [pág. 115](#)

O Espiritismo em Lyon hoje — [pág. 122](#)

ADENDO

Carta inédita de Allan Kardec a Amélie-Gabrielle Boudet 20/09/1861 — [pág. 127](#)

PREFÁCIO

Eis aqui esparsos apontamentos sobre o movimento espírita lionês desde os seus primórdios. Elegemos fazer esta narrativa percorrendo diversas fontes, deparando por intrigantes passagens cintilantes, nomeando esparsos episódios sobre alguns detalhes de episódios admiráveis do movimento espírita lionês.

Relembrando nomes e grupo de espíritas que laboraram denodadamente em nome da Terceira Revelação. A história dos primeiros mártires cristãos, em geral, conforma que eles deram as suas vidas em holocausto pela Verdade e por amor a Jesus, especialmente nos três primeiros séculos após a crucificação.

Os mártires de Lyon e de Vienne, em particular, moravam na cidade e nos arredores de Lugdunum, capital da Gália Lugdunense, colônia romana à época, hoje França, capital situada na foz dos rios Saône e Ródano. Portanto, Lyon foi a cidade dos mártires onde a maioria dos cristãos pioneiros foram martirizados, flagelados e cruelmente perseguidos por professarem e praticarem a fé cristã, conforme as explicou o Espírito Erasto a Kardec. O Espírito Emmanuel na obra *Ave Cristo!* descreve as perseguições aos cristãos do ano 177 em Lyon.

Os seguidores de Jesus, nas Gálias, não obstante todos os reveses da imensa luta, persistiram na fé, valorosos e invictos. Como os druidas, seus heroicos antepassados, procuraram as florestas para os seus cânticos de louvor a Deus. Depois do trabalho de cada dia, marchavam à noite, rumo ao campo amigo e silencioso, em cujas catedrais de arvoredo, sob o firmamento estrelado, oravam e comentavam as divinas revelações, como se respirassem, por antecipação, as alegrias do Reino Celeste.

Ocorreram diversas perseguições sanguinolentas nos idos de 202 e 217 determinadas por Séptimo Severo que promulgou um edito de perseguição. Autoridades inescrupulosas, depois de senhorearem o patrimônio de todos os cidadãos contrários à política dominante, realizaram tremenda carnificina de cristãos, dentro da cidade de Lyon e nas localidades vizinhas.

Decidimos listar nesta obra os cinquenta primeiros mártires de Lyon e de Vienne. Lembrando que Hippolyte Léon Denizard Rivail (lionês) foi um dos mártires quando reencarnado no personagem Jan Huss.

Allan Kardec enaltecendo o movimento espírita em Lyon, em memorável ocasião, foi a Lyon em setembro de 1860, onde um evento especial foi organizado em sua homenagem; o responsável pelo grupo espírita de Brotteaux invocou, nesse dia, o

espírito de um mártir lionês que afirmou o seguinte: aquela celebração é comparável em diversos aspectos às ágapes dos primeiros cristãos.

Descrevemos sobre os eventos que culminaram na fundação da Federação Espírita Lionesa. Aliás, a Fédération Spirite Lyonnaise organizou inúmeras conferências em Lyon com Léon Denis, Gabriel Delanne, Metzger, de Reyle etc.

Enaltecemos o trabalho social com a fundação da Creche Espírita de Lyon que foi uma das primeiras instituições públicas, atuando na França, por iniciativa e promoção do Espiritismo. Foi fundada por exortação dos Espíritos em 1903. Até 1925, foi subsidiada pelo governo francês e pela cidade de Lyon que forneceu leite gratuitamente até 1914.

Relembramos um dos momentos cruciais que levou ao declínio do movimento espírita francês na década de 1920, com as sucessivas desencarnações dos grandes pioneiros do Espiritismo: Dr. Gustave Geley, Camille Flammarion, Gabriel Delanne, Jean Meyer, Leon Denis, deixando órfãos os espíritas da França.

Por fim, resumimos em parcimoniosas palavras sobre o atual movimento espírita lionês.

Em que o Espiritismo ressurge em Lyon como um raio consolador, um novo sol iluminando e recordando ao homem a respeito do seu verdadeiro destino, portanto, preenchendo o vazio trazido pelo nada das teorias materialistas. E como sinal de renovação, brota um grupo de “espíritas” formado recentemente em Lyon sob o nome Cercle Thérèse d'Avila de Estudos Espirituais e Psíquicos.

Brasília (DF) 15 de dezembro de 2019

Jorge Hessen

LYON, CIDADE SUPORTE DO ESPIRITISMO NA FRANÇA

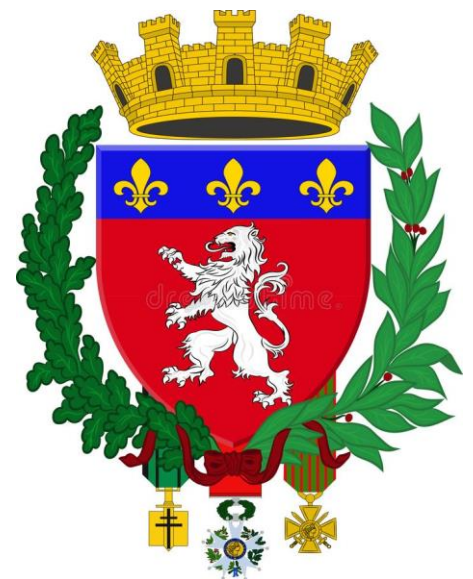
Escolhemos fazer esta narrativa percorrendo alguns caminhos fulgurantes a fim de escaltar de maneira salteada determinados detalhes de episódios importantes do movimento espírita lionês.

Preliminarmente anotemos que a origem da cidade de Lyon remonta às remotas Gálias.¹ Foi então chamado Condato, vocábulo celta que denota “confluência”. Ao contrário do senso comum, Lyon não deve seu nome ao “rei das selvas”, que ainda hoje é o emblema de seu brasão, todavia a um deus gaulês: Lug, o protetor dos viajantes.

Os romanos renomearam a cidade de Lugdunum e deram o título de capital da Gália. Existem duas etimologias possíveis de Lugdunum. O primeiro significa em latim *a colina do deus Lug* (em referência à colina de Fourvière); quanto à segunda etimologia possível, seria uma transcrição de *Lug de Dannan* (Lug da tribo de Dana) por Lugdunum. Além da Gália Lugdunense, existia a Gália Narbonense e a Gália Aquitânia, conhecidas como as célebres Três Gálias.

A cidade de Lyon levava o nome do protetor dos viajantes em face de sua posição geográfica, porque era o cruzamento de inúmeras trocas comerciais e culturais durante sua história, em especial graças às suas famosas feiras. Edificada na estrada Ródano-Reno, localizada a uma distância igual entre Londres, capital do Anglicanismo e da Maçonaria, e Roma, capital do catolicismo, também está localizada entre Puy de Dome, antigo polo celta e Genebra, capital do calvinismo. Assim, Lyon conhecia um caldo de culturas religiosas ou filosóficas. Foi influenciado por duas grandes correntes: celtismo e cristianismo.

O celtismo, que deixou poucos traços físicos, marcou profundamente o inconsciente de Lyon, que sempre manteve uma forte crença na outra vida. Lembremos que a doutrina dos druidas repousava em grandes princípios:



BRASÃO DE LYON

¹ O termo *Gália* é usado para referir a antiga região francesa povoada pelos Gauleses, que serviu como uma província do Império Romano. O nome de Gália é mencionado pela primeira vez no século II a.C. por Pórcio Catão, mas é muito provável que tenha sido empregado antes. No entanto seria com a Guerra das Gálias de Júlio César que o termo seria largamente

- Um Deus único, eterno e infinito,
- A imortalidade e evolução da alma,
- Vidas sucessivas (reencarnação).
- Manifestações dos mortos.

A crença na imortalidade era tão forte entre os gauleses que chegaram ao ponto de se emprestar dinheiro para se retribuir no próximo mundo. A Bretanha, que durante muito tempo foi a cidadela do celticismo na Gália, preservou mais do que qualquer outra parte da Gália a firme crença na outra vida, na sua vida invisível, na presença e nas manifestações dos mortos.

O cristianismo entraria na consciência dos Lyon com um episódio notável: o sangue inocente dos mártires cristãos. Em 177, durante o reinado de Marco Aurélio, os cristãos foram perseguidos: 48 deles morreram em frente aos animais selvagens no anfiteatro de Croix-Rousse. Seus corpos foram queimados e suas cinzas jogadas no rio, para que não houvesse nenhum vestígio na terra. Pothin, então bispo de Lyon, foi o primeiro a perecer, em resposta ao seu carrasco que perguntou quem era seu Deus: você o conhecerá se for digno.

O que poderia ser atribuído a esses homens senão a fé em Cristo? Vamos consultar os historiadores latinos: Suetônio fala de sua religião como uma superstição nova e maligna, e Tácito os acusa de professar o ódio à raça humana. Apesar das ameaças,

Essas duas correntes de pensamento, os ensinamentos de Jesus voltados para a gentileza e caridade, e os ensinamentos druídicos mais viris, onde o ser deve conquistar as virtudes por seus méritos, embora diferentes à primeira vista, eram semelhantes em muitas ocasiões, muitos pontos:

- Unidade de Deus,
- Imortalidade da alma.

De fato, ambos se originaram da mesma fonte de origem sobre-humana: os druidas eram médiuns poderosos que extraíram seus ensinamentos diretamente do mundo invisível; quanto a Jesus, ele é sem comparação o maior meio que a terra conheceu.

Nas páginas históricas da *Revista Espírita* de outubro de 1861, artigo II (Banquete oferecido ao Sr. Allan Kardec pelos vários Grupos de Espíritas lioneses, a 19 de setembro de 1861 – Epístola de Erasto aos espíritas lioneses, lida no banquete de 19 de setembro de 1861), encontramos uma profunda mensagem do Espírito Erasto², dirigida a esses

difundido.

² Erasto foi discípulo e colaborador de São Paulo, acompanhando-o a Éfeso (em torno do ano 54), cidade que se encontrava no roteiro da Terceira Viagem Missionária do Apóstolo dos Gentios, ajudando-o igualmente na Macedônia (Atos dos Apóstolos, 19:22). Encontramos também breves dados e citações na 2ª Epístola de Paulo a Timóteo, 4:20 (Erasto em Corinto), escrita quando o Apóstolo se encontra prisioneiro em Roma, e na Epístola de Paulo aos Romanos, 16:23 (Erasto como procurador ou tesoureiro da cidade de Corinto), conforme consta na saudação final. Considerando, então, a estreita e antiga relação de Erasto com o Apóstolo Paulo de Tarso, desde 1.800 anos (contando de 1861, ano da próxima mensagem), é o próprio Espírito Erasto que se autoidentifica como sendo discípulo de São Paulo, conforme dizeres de sua autoria, registrados por Kardec na *Revista Espírita* acima citada.

espiritistas, dentro do contexto da 2ª Viagem Espírita que Allan Kardec realizou a Lyon e região, a fim de divulgar e consolidar a Doutrina nascente.

A referida Epístola havia sido recebida em Paris, na Société Parisienne des Études Spiritiques (SPEE), antes do incansável Codificador encetar a sua viagem a Lyon, distante de Paris aproximadamente 450km. Portanto, percebamos a notável programação, disciplina e organização, tanto dos Espíritos comunicantes, dos médiuns da SPEE, como do preclaro mestre de Lyon.

[...] Hoje, caros discípulos, aquele que foi sagrado por São Paulo vem dizer-vos que vossa missão é sempre a mesma, porque o paganismo romano, sempre de pé, sempre vivaz, ainda enlaça o mundo, como a hera enlaça o carvalho...³

³ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1861, RJ: Ed. FEB, 1997.

NOBRE GRUPO LIONÊS

No primeiro parágrafo da *Revista Espírita* de setembro de 1861, o Espírito Erasto cita vários mártires de Lyon e também diversos Espíritos da plêiade lionesa, guias e protetores do Movimento Espírita lionês que, de maneira profícua, secundavam os esforços ingentes da SPEE (sediada na Capital), sendo Lyon, a sudeste da França, a segunda maior cidade francesa, à época.

Reportamos o parágrafo referido:

Não é sem a mais suave emoção que venho entreter-me convosco, caros espíritas do grupo lionês. Num meio como o vosso, onde todas as camadas se confundem, onde todas as condições sociais se dão as mãos, sinto-me cheio de ternura e de simpatia, e feliz por vos poder anunciar que nós todos, que somos os iniciadores do Espiritismo na França, assistiremos com muito viva alegria as vossas ágapes fraternas, aos quais fomos convidados por João e Irineu, vossos eminentes guias espirituais.

Ah! Essas ágapes despertam em meu coração a lembrança daqueles em que todos nos reuníamos, há mil e oitocentos anos, quando combatíamos os costumes dissolutos do paganismo romano, e quando já comentávamos os ensinamentos e as parábolas do Filho do Homem, morto para a propagação da ideia santa, sobre o madeiro da infâmia.

Meus amigos, se o Altíssimo, por efeito de sua infinita misericórdia, permitisse que a lembrança do passado pudesse brilhar um instante em vossa memória entorpecida, recordar-vos-íeis dessa época, ilustrada pelos santos mártires da plêiade lionesa: Sanctus, Alexandre, Attale, Episódio, a doce e corajosa Blandine, Irineu o bispo audaz, de cujo cortejo muitos de vós então participáveis, aplaudindo seu heroísmo e cantando louvores ao Senhor. Também vos lembraríeis de que vários dos que me ouvem regaram com seu sangue a terra lionesa, esta terra fecunda que Eucher e Gregório de Tours chamaram de pátria dos mártires.

Não vo-los nomearei, mas podeis considerar os que, em vossos grupos, desempenham uma missão, um apostolado, como tendo sido mártires da propagação da ideia igualitária, ensinada do alto do Gólgota pelo nosso Cristo bem-amado! Hoje, caros discípulos, aquele que foi sagrado por São Paulo vem dizer-vos que vossa missão é sempre a mesma, porque o paganismo romano, sempre de pé, sempre vivaz, ainda enlaça o mundo, como a hera enlaça o carvalho. Deveis, pois, espalhar entre os vossos irmãos infelizes, escravos de suas paixões ou das paixões alheias, a santa e consoladora doutrina que meus amigos e eu viemos revelar-vos por nossos médiuns de todos os países.

Não obstante, constatamos que os tempos progrediram; que os costumes já não são os mesmos e que a Humanidade cresceu, porque hoje, se fôsseis vítimas de perseguição, esta não emanaria mais de um poder tirânico e invejoso, como ao tempo da Igreja primitiva, mas de interesses coligados contra a ideia e contra vós, os apóstolos da ideia.⁴

Ao final Erasto provê novos elementos históricos e doutrinários, vejamos:

⁴ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1861, RJ: Ed. FEB, 1997

A João, a Irineu, a Blandine, bem como a todos os vossos Espíritos protetores incumbe a tarefa de vos premunir de agora em diante contra os falsos profetas da erraticidade. O grande Espírito emancipador que preside aos nossos trabalhos sob o olhar do Todo-Poderoso proverá isso, podeis crer-me. Quanto a mim, embora esteja mais particularmente ligado aos grupos parisienses, virei algumas vezes entreter-me convosco e acompanharei sempre com interesse os vossos trabalhos particulares.

Esperamos muito da província lionesa, e sabemos que não faltareis, nem uns nem outros, às vossas respectivas missões. Lembrai-vos de que o Cristianismo, trazido pelas legiões cesaristas, lançou, há quase dois mil anos, as primeiras sementes da renovação cristã em Vienne e Lyon, de onde se propagaram rapidamente à Gália do Norte. Hoje o progresso deve realizar-se numa radiação nova, isto é, do Norte para o Sul. À obra, pois, lioneses! É preciso que a verdade triunfe, e não é sem uma legítima impaciência que esperamos a hora em que soará a trombeta de prata que nos anunciará o vosso primeiro combate e a vossa primeira vitória.

Agora deixai-me agradecer-vos o recolhimento com que me escutastes e a simpática acolhida que nos concedestes. Que Deus Todo-Poderoso, Senhor de nós todos, nos conceda sua benevolência e espalhe sobre vós e sobre o seu servo muito humilde os tesouros de sua misericórdia infinita! Adeus, lioneses! Eu vos bendigo!

Conjuntura histórica dos primeiros cristãos Os mártires cristãos, em geral, deram as suas vidas em holocausto pela Verdade e por amor a Jesus, especialmente nos três primeiros séculos do Cristianismo. Os mártires de Lyon e de Vienne, em particular, moravam na cidade e nos arredores de Lugdunum, capital da Gália Lugdunense, colônia romana à época, hoje França, capital situada na foz dos rios Saône e Ródano.

Meus amigos, se o Altíssimo, por efeito de sua infinita misericórdia, permitisse que a lembrança do passado pudesse brilhar um instante em vossa memória entorpecida, recordar-vos-íeis dessa época, ilustrada pelos santos mártires da plêiade lionesa.⁵

O Espírito Erasto refere-se aos mártires cristãos de Lyon, cidade fundada pelos romanos em 43 a.C. e que, naquele tempo, chamava-se Lugdunum, capital da Gália Lugdunense (à época, colônia romana, hoje território da França), situada na confluência de dois rios: o Ródano e o Saône. Sob o império de Marco Aurélio (161-180) e de outros imperadores romanos, anteriores e posteriores, os cristãos foram martirizados, principalmente no ano 177 da Era Cristã, quando foram flagelados e cruelmente perseguidos em Lyon, Vienne e arredores (Viena ou Vienne é uma cidade da França, próxima de Lyon; preferimos particularmente a grafia original Vienne, para não confundir com Viena, capital da Áustria, embora ambos os nomes estejam corretos).

⁵ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1861, RJ: Ed. FEB, 1997.

LYON, A CIDADE DOS MÁRTIRES ^[6]

Vimos anteriormente que Lugdunum era o antigo nome latino de Lyon, conhecida hoje como a Cidade dos Mártires⁶, onde a maioria dos cristãos foi martirizada, principalmente no ano 177 da Era Cristã, quando foram flagelados e cruelmente perseguidos por professar e praticar a fé cristã, conforme as explicou o Espírito Erasto.

A obra *Ave, Cristo!* (Emmanuel, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier) expõe a grande importância da cidade de Lyon, no contexto histórico, geográfico, político e social: Lião, pela sua admirável posição geográfica, desde a ocupação do procônsul Munácio Planco, tornara-se expressivo centro político administrativo do mundo gaulês. Para ela convergiam diversas estradas importantes, convertendo-se, por isso mesmo, em residência quase que obrigatória de numerosas personalidades representativas da nobreza romana. Vipsânio Agripa, o genro de Otávio, fortalecera-lhe a situação privilegiada, ampliando-lhe as vias de comunicação. Áulicos da corte de Cláudio haviam construído nela magníficos palácios. As ciências e as artes, o comércio e a indústria aí floresciam com imensa vitalidade. Dentro de seus muros, reuniam-se, anualmente, junto do famoso altar de Roma e Augusto, as grandes assembleias do Concilium Galliarum, no qual cada cidade das três Gálias possuía o seu representante.⁷

Força e abnegação dos primeiros mártires do Cristianismo

Constituíram as torturas e os suplícios sofridos pelos primeiros mártires cristãos ante toda espécie de arbitrariedades, ora dos governos ditatoriais, ora do próprio povo não cristão, suportando dores indescritíveis com muita dignidade e dando o exemplo cristão diante de injúrias, maus tratos, rapinas, acusações infundadas, assaltos, insultos, golpes, arrestos arbitrários, tormentos, execuções sumárias, calúnias, chicotadas, humilhações, lapidações, decapitações, etc. Também foram jogados às feras e expostos – ante milhares de pessoas – em anfiteatros, tribunais e arenas, ou acorrentados a cadeiras de ferro, onde seus corpos, ao calcinar-se, lançavam um forte cheiro de carne queimada. Foram crucificados, encarcerados, degolados, queimados vivos, torturados em calabouços infectos, tendo as mãos e os pés presos e o corpo esticado, morrendo muitos por asfixia dentro das prisões, onde também passaram sede e fome, sem maldizer aos seus verdugos, inclusive perdoando-os no instante da morte, a fim de viverem o verdadeiro Cristianismo.

⁶ Disponível em <http://www.mundoespirita.com.br/?materia=os-valorosos-e-quase-esquecidos-martires-de-lyon>, acesso em 2 de dezembro de 2019.

⁷ XAVIER, Francisco Cândido. *Ave, Cristo!*, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB: 1983.

Os seguidores de Jesus, nas Gálias, não obstante todos os reveses da imensa luta, persistiram na fé, valorosos e invictos. Como os druidas, seus heroicos antepassados, procuraram as florestas para os seus cânticos de louvor a Deus. Depois do trabalho de cada dia, marchavam à noite, rumo ao campo amigo e silencioso, em cujas catedrais de arvoredo, sob o firmamento estrelado, oravam e comentavam as divinas revelações, como se respirassem, por antecipação, as alegrias do Reino Celeste.⁸

⁸ XAVIER, Francisco Cândido. *Ave, Cristo!* Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB: 1983.

EMMANUEL REMEMORA OS ACOSSAMENTOS DO ANO 177 EM LYON

Emmanuel lembra a visita espiritual de alguns dos mártires cristãos de Lyon, flagelados no ano de 177, no momento da morte do patriarca cristão Ápio Corvino, que se encontrava em agonia, após ter sido apunhalado por um inimigo do Cristianismo. Enquanto ele é amparado nos seus últimos instantes pelo protagonista da obra, Quinto Varro, tem a seguinte visão espiritual:⁹

– Como é linda a nossa verdadeira pátria!...

E, voltando-se com brandura para o moço em lágrimas, concluiu:

– Eis a cidade de nosso Deus!...

Nesse instante, contudo, o corpo do patriarca foi sacudido por uma onda de vida nova. Seu olhar, que empalidecera, devagarinho, voltou a possuir estranho brilho, como que reanimado por milagrosa força.

Denunciando uma alegria desvairada, bradou:

– Abriu-se o grande caminho!... É Átalo que vem!... Ó meu Deus, como é sublime o carro de ouro!... Centenas de estrelas brilham!... Oh!... é Átalo e Maturo, Santo e Alexandre... Alcibíades e Pôntico... Pontimiana e Blandina. O ancião ensaiava o gesto de quem se dispunha a cair de joelhos, totalmente esquecido da presença de Varro e da precariedade da própria condição física.

– Oh!... Senhor! quanta bondade!... não mereço!... sou indigno!... – continuava dizendo, em voz arrastada.

O pranto escorria-lhe agora dos olhos inexplicavelmente revigorados, contudo Varro, cuidadosamente, reconduziu-o ao leito manchado de sangue. [Destques nossos.]

Algumas páginas antes, a pena magistral do Espírito Emmanuel fizera referência às cruéis perseguições do ano 177, nomeando outros mártires de Lyon, que deram a vida em holocausto pela Verdade.

⁹ XAVIER, Francisco Cândido. *Ave, Cristo!* Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB: 1983.

Eram realmente cristãos corajosos, agora reunidos em desconfortável choupana, a desmantelar-se na estrada de Óstia, compondo uma pequena assembleia de adeptos que havia se formado na sala simples, para escutar a Corvino, velho pregador de Lião (o Espírito Emmanuel registra em sua nota de rodapé nº 3: No tempo da dominação de Roma, nas Gálias, o nome da cidade de Lião era Lugdunum). Ápio Corvino, o pregador de Lugdunum, era também um grande cristão gaulês, que naquele momento se despedia dos cristãos de Roma, e do qual há a seguinte e valiosa informação histórica:

Na mocidade, foi contemporâneo de Átalo de Pérgamo, admirável herói entre os mártires gauleses. Corvino conta mais de setenta anos, mas, segundo as impressões gerais, é portador de um espírito juvenil.

Um pouco mais adiante, complementa o sábio Espírito Emmanuel, ao referir-se a Quinto Varro:

Com surpresa, foi informado de que as despedidas do grande cristão gaulês não se realizariam naquela noite e, sim, na seguinte.

Corvino achava-se, desse modo, à disposição dos amigos para um entendimento familiar.

Não havia, porém, outro assunto mais fascinante para o grupo que as reminiscências das perseguições de 177.

Os tormentos dos cristãos lioneses eram narrados minuciosamente pelo nobre visitante.

Enquanto o círculo ouvia, extático, o ancião das Gálias recordava, com prodigiosa memória, os mínimos acontecimentos. Repetia os interrogatórios efetuados, incluindo as respostas inspiradas dos mártires. Reportava-se às preces ardentes dos companheiros da Ásia e da Frígia que, piedosamente, haviam socorrido as comunidades de Lião e Viena (nota nº 4 de Emmanuel: Cidade da França, próxima de Lião). Falava, entusiasmado, da imensa caridade de Vétio Epágato, o abnegado senhor que renunciara à nobre posição que desfrutava, a fim de converter-se em advogado dos cristãos humildes. Inflamava-se-lhe o olhar, comentando a estranha coragem de Santo, o diácono de Viena, e o heroísmo da débil escrava Blandina, cuja fé confundira o ânimo dos carrascos. Pintou a alegria de Potino, o chefe da Igreja de Lião, cruelmente ultrajado e espancado na rua, sem uma palavra de revolta, aos noventa anos de idade.

Por fim, deteve-se com misteriosa alegria, aljofrada de lágrimas, nas aventuras e tormentos de Átalo de Pérgamo, que lhe fora o iniciador da fé.

Relacionava todos os pormenores dos suplícios a que se submetera o venerável amigo. Lembrava-se da dilação havida no processo, em razão da consulta do Propretor a Marco Aurélio, e demorava-se na descrição dos últimos sofrimentos do grande cristão, esmurrado, chicoteado, atado à cadeira de ferro incandescido, e finalmente degolado, em companhia de Alexandre, o devotado médico frígio que, em Lião, oferecera ao Senhor admirável testemunho de fé.

Mais encaços aos primeiros mártires em 202 e 217

Emmanuel permanece registra em *Ave, Cristo!* Sobre as novas e cruéis perseguições aos cristãos primitivos, no ano 217, isto é, 40 anos depois dos terríveis assassinatos em massa de 177. Descreve o contexto político, histórico e social da referida época. Vejamos:

Ao tempo de Bassiano-Caracala, a quem servira de berço, Lião alcançara imenso esplendor.

O novo César, por várias vezes, dispensara-lhe graças especiais.

A corte aí se reunia, frequentemente, em jogos e comemorações.

Contudo, apesar da proteção que o imperador concedia ao torrão pátrio, a cidade guardava, ainda em 217, dolorosas e vivas reminiscências da matança de 202, determinada por Sétimo Severo. Anos depois do triunfo sobre o General Décio Clódio Sétimo Albino, o eleito das legiões da Bretanha, morto em 197, instigado por seus conselheiros, o vencedor de Pescênio Níger promulgou um edito de perseguição. Autoridades inescrupulosas, depois de senhorearem o patrimônio de todos os cidadãos contrários à política dominante, realizaram tremenda carnificina de cristãos, dentro da cidade de Lião e nas localidades vizinhas.

Milhares de seguidores do Cristo haviam sido flagelados e conduzidos à morte.

Por vários dias perdurou a perseguição, com assassínios em massa.

Postes de martírio, espetáculos de feras, cruzes, machados, fogueiras, lapidações, chicotes e punhais, sem nos reportarmos às cenas de selvageria para com mulheres e crianças indefesas, foram postos em prática por tropas inconscientes.

Durante a matança, Ireneu, o grande bispo e orientador da coletividade evangélica da cidade, foi torturado, com todos os requintes da violência perversa, até ao último suspiro. Nascido na Ásia Menor, fora aprendiz de Policarpo, o abnegado e mui venerado sacerdote de Esmirna, que, por sua vez, havia recebido a fé por intermédio do apóstolo João, o evangelista.

Ireneu dedicara-se a minuciosas observações da Escritura. Manejando o grego e o latim com grande mestria, escreveu expressivos trabalhos, refutando os adversários da Boa Nova, preservando as tradições apostólicas e orientando os diversos serviços da edificação cristã.

Emmanuel também faz alusão a outros mártires do Cristianismo primitivo, agora citados pelo cristão Lucano Vestino, antigo presbítero refugiado na sua singela residência, que era um casebre onde se reuniria uma assembleia de oração, na qual, por causa do medo e das terríveis perseguições, começaram a surgir, entre os prosélitos, manifestações de apostasia, isto é, de abandono, renegação e renúncia à fé cristã:

A reunião evangélica, no domicílio de Vestino, caracterizava-se por indefiníveis apreensões.

Apenas vinte companheiros participavam do culto.

Muitas famílias, aparentemente devotadas ao Evangelho, haviam fugido (...).

A igreja de Lião, tantas vezes amargamente provada, conhecia a extensão da violência romana.

Entre os prosélitos que não haviam desertado, começaram a surgir manifestações de apostasia.

Em razão disso, somente os espíritos bastante valorosos na fé animavam-se a enfrentar a nova perseguição que se esboçava, infalível.

Vestino, tomando a palavra, formulou sentida prece e leu, nos apontamentos sagrados, a excelsa recomendação do Senhor: “Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim.” [João, 14:1]

Meditando o versículo, ergueu a voz e comentou, inflamado de confiança:

– Meus amigos, acreditamos que a hora é das mais significativas para a nossa família espiritual.

Simpatizantes de nossa causa, funcionários do Governo, avisam-nos que a opressão romperá, cruel.

Nossa fé, tantas vezes selada com o sangue dos nossos antepassados, provavelmente nos reclamará o testemunho de sacrifício!

Olhemos para a vida de mais alto!

Quando o Mestre nos convidou à fortaleza, prevenia-nos quanto às atribulações que nos sitiariam no tempo.

O mentor do Chico continua narrando em *Ave, Cristo!* Dizendo também do pouco conhecidos a homenagem e a divulgação dos homens e mulheres silenciosos, que construíram as bases do Cristianismo com seu próprio testemunho, espelhados no exemplo sublime do Mestre Jesus. Calma, coragem, fidelidade e amor.

Os nomes desses mártires cristãos são proferidos por Lucano Vestino, ante a visão espiritual que ele mesmo descreve diante da pequena assembleia, registrando, como médium vidente, a presença de Espíritos venerandos do Cristianismo redivivo e dos seus continuadores:

– Não se turbe o nosso coração!... Os que se amam, em Cristo, moram acima da separação e da morte...

Nesse instante, porém, Vestino ergueu a fisionomia serena, inundada por traços de uma ventura ignorada na Terra, e continuou a falar:

– Nosso recinto permanece gloriosamente visitado pelos mártires que nos antecederam...

E, com a voz quase embargada pelo pranto, nascido da alegria em que se lhe desabotava o coração, prosseguiu:

– Ofuscam-me o olhar com a bendita luz de que se vestem! À frente, entrou Ireneu, o nosso pastor inesquecível, trazendo nas mãos um rolo resplendente... Depois dele, outros amigos espirituais, glorificados no Reino, penetraram nossa porta, com sorrisos de amor!... Vejo-os a todos... Conheço-os, de minha primeira mocidade! São velhos

companheiros nossos, trucidados ao tempo dos imperadores Séptimo Severo e Caracala!...

Aqui se encontram Ferréolo e Ferrúcio, com radiantes auréolas, a começarem da boca, lembrando o suplício da língua que lhes foi violentamente arrancada!... Andeolo, o valoroso subdiácono, traz sobre a fronte um diadema formado de quatro estrelas, recordando a flagelação da cabeça, partida em quatro partes pelos soldados... Félix, a quem subtraíram o coração vivo do peito, traz no tórax um astro irradiante! Valentiniana e Dinócrata, as virgens que suportaram pavorosos insultos dos legionários, envergam peplos alvinitentes!... Lourenço, Aurélio e Sofrônio, três rapazes com os quais brinquei em minha infância e que foram varados por espadas de pau, são portadores de palmas líriais!... Outros chegam e nos saúdam, vitoriosos... Ireneu aproxima-se de mim e destaca um dos fragmentos do rolo de luz... Recomenda-me a leitura em voz alta!..

Finalmente, voltemos a Paulo de Tarso, a quem Erasto tanto amou e ajudou, e de quem tomou o salutar costume de escrever Epístolas, agora para os espíritas. O Apóstolo dos Gentios é citado pelo próprio Espírito Emmanuel, que, no ápice do livro mencionado, registra com a sua habitual emoção e mestria:

Vestino faz breve pausa e exclama, admirado:

– Ah! é a segunda epístola do apóstolo Paulo aos coríntios!

Com voz entrecortada pela emoção, passou a ler:

– “Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus em nosso corpo, para que a sua gloriosa vida se manifeste igualmente em nós...” [II Coríntios, 4:8 a 10]

Em seguida, a curto intervalo, anunciou:

– Comunica-nos o amado orientador que a nossa hora de testemunho está próxima. Pede-nos calma, coragem, fidelidade e amor... Nenhum de nós será lançado ao abandono... Alguns terão a morte adiada, mas todos conheceremos o cálice do sacrifício...

Após ligeira pausa, notificou que os visitantes cantavam um hino de graças, em louvor ao Mestre Amantíssimo.¹⁰

¹⁰ XAVIER, Francisco Cândido. *Ave, Cristo!* Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB: 1983.

LISTA DOS CINQUENTA PRIMEIROS MÁRTIRES DE LYON E DE VIENNE

Com referência aos mártires lioneses, e a vários outros – alguns dos quais estão inscritos na hagiografia cristã –, podemos citar os que seguem, nomes que destacamos com letra negrita, reforçando igualmente àqueles que já foram mencionados, destacando outras alcunhas nacionais ou estrangeiras pelas quais são conhecidos, ou seus nomes originais latinos. Damos, juntamente com alguns dados biográficos e históricos, a relação dos cinquenta mártires de Lyon e de Vienne¹¹, por ordem alfabética, a fim de serem melhor localizados (apesar dos mártires serem mais, estes são os mais citados, aos quais deveremos somar os referidos acima pelo Espírito Emmanuel):

- 1) Albina (Albine), mártir decapitada em Lyon;
- 2) Alcibíades (Alcibíade), mártir decapitado;
- 3) Alexandre (Alexander), médico da Frígia, crucificado em Lyon;
- 4) Alomnia, mártir da plêiade lionesa;
- 5) Antônia (Antonie), martirizada na prisão;
- 6) Apolonius (Apolônio, Apollon ou Apolonio), martirizado na prisão;
- 7) Arisceus (Arisceo, Aréscio ou Aristeu), martirizado na prisão;
- 8) Átalo (Attalo, Attale ou Atalo), originário de Pérgamo, martirizado na arena;
- 9) Ausônia (Ausone, Auzonia ou Ausona), martirizada na prisão;
- 10) Bíblida (Biblis ou Biblides) que, por medo das torturas, primeiramente renegou sua condição de cristã, mas depois, caindo em si, recompôs-se e aceitou de novo a sua fé, sendo decapitada;
- 11) Blandina (ou Blandine), a frágil escrava que, apesar da fraqueza do seu corpo, dilacerado e aberto em feridas, resistiu de forma valorosa às torturas realizadas pelos soldados e verdugos que a golpeavam, os quais ficaram extenuados pela resistência prolongada e pela sua coragem, virtudes com as quais ela enfrentou o martírio até a sua morte na arena;

¹¹ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1861, RJ: Ed. FEB, 1997.

- 12) Cominus (Comino ou Comminus), decapitado;
- 13) Cornelius (ou Cornélio), martirizado na prisão;
- 14) Domna, martirizada na prisão;
- 15) Elpa (Elpis, Helpes ou Helpis), decapitada;
- 16) Emília (ou Émilie), martirizada na prisão;
- 17) Epipódio (Épipode, Episode ou Epípodo), decapitado;
- 18) Filumino (Filomeno, Philuminus ou Filumnio), decapitado;
- 19) Germiniano (Geminianus, Geminien ou Geminiano), martirizado na prisão;
- 20) Germino (Gémino, Geminus ou Gemino), decapitado;
- 21) Grata, mártir da falange lionesa;
- 22) Irineu (Irénee ou Ireneo), o valente bispo lionês (Ásia Menor, c. 130 – Lyon, 202), torturado e martirizado de modo cruel no ano 202, durante uma nova matança de cristãos em Lyon e arredores, agora sob o imperador Séptimo Severo (193-211). Irineu foi aprendiz do abnegado cristão Policarpo (Esmirna, c. 69 – Idem, 155), sacerdote que, ao seu turno, fora discípulo do Apóstolo João Evangelista, que parece ser o Guia espiritual João, referido pelo Espírito Erasto na Revista Espírita de outubro de 1861;
- 23) Jâmnica (Iamnica ou Jamnique), martirizada na prisão;
- 24) Josino (ou Iosinus);
- 25) Júlia (Julie ou Iulia), martirizada na prisão;
- 26) Júlio (ou Iulius), decapitado;
- 27) Justa (Iusta ou Juste), martirizada na prisão;
- 28) Macário (Macaire ou Macarius), decapitado;
- 29) Materna (ou Materne), decapitada;
- 30) Maturus (ou Maturu), o recém convertido, martirizado na arena;
- 31) October (Octobre ou Octubre), decapitado;
- 32) Pompéia (Pompée ou Pompeya), decapitada;
- 33) Pôntico (ou Ponticus), jovem de 15 anos, martirizado na arena;
- 34) Pontimiana (Potamia ou Postumiana), decapitada;
- 35) Potino (Photin, Fotino ou Photino), considerado o primeiro bispo de Lyon, cruelmente ultrajado e golpeado na rua, no ano 177, morrendo algumas horas depois, martirizado na prisão, aos 90 anos – nasceu antes do ano 87 e foi um dos primeiros membros daquela comunidade –, enfrentando o martírio com grande valor, apesar da sua fraqueza corporal; Irineu sucedeu-o, primeiramente como presbítero e depois como bispo de Lyon, de 189 até sua morte em 202;
- 36) Primus (ou Primo), decapitado;
- 37) Quárcia (Quartia, Quarta ou Cuarra), decapitada;
- 38) Ródana (Rhodana ou Rodana), decapitada;
- 39) Rogácia (ou Rogata), decapitada;
- 40) Séptimo, mártir da falange de Lyon;
- 41) Sanctus (Santos ou Santo), diácono de Vienne, martirizado na arena;

- 42) Sílvio (ou Silvius), decapitado;
- 43) Titus (Tite ou Tito), martirizado na prisão;
- 44) Trófima (Trophime ou Trophima), martirizada na prisão;
- 45) Úlvio (Ulpus ou Ulpio), decapitado;
- 46) Vétio Epágato (ou Vécio Epágato), advogado dos cristãos perseguidos;
- 47) Vidal (Vitalis ou Vital), decapitado;
- 48) Zacarias, o presbítero;
- 49) Zórico (Zoticus, Zotique ou Zótico), martirizado na prisão;
- 50) Zósimo (ou Zosime), martirizado na prisão.

EPÍSTOLA DOS CRISTÃOS DE VIENNE E DE LYON ÀS CONGREGAÇÕES DA ÁSIA E DA FRÍGIA

Vários detalhes do martirologio cristão e dos diversos nomes dos mártires lioneses encontram-se no célebre livro do historiador e “Pai da Igreja”, Eusébio de Cesareia, intitulado *História Eclesiástica*¹², obra que conservou para a posteridade a histórica Carta dos cristãos de Vienne e de Lyon às Igrejas da Ásia e da Frígia, documento importantíssimo escrito pelos sobreviventes da matança lionesa.

Em *Personagens da Boa Nova*, lemos que toda classe de recursos foi utilizada contra os seguidores de Jesus, elencando as terríveis calúnias espalhadas entre o povo, os soldados e tribunos, incitando-os contra os cristãos perseguidos:

Sua presença passou a não ser tolerada em parte alguma, nem nos banhos, nem no Foro, nem no Mercado. Contra eles se levantaram acusações de que cometiam infanticídios; que se banquetevavam com carne humana, enfim, que praticavam incestos e toda sorte de crimes.

Outra bibliografia sobre o assunto em pauta, que tem fontes escassas, é *O Livro dos Mártires*,¹³ que relata as várias perseguições aos cristãos durante os três primeiros séculos da Era Cristã, ressaltando que muitos de nós somos cristãos graças ao valor, à devoção e ao sacrifício desses cristãos primitivos, apesar do poder tirânico e invejoso que imperava no tempo da igreja primitiva.

Relembramos os dizeres históricos do Espírito Erasto, ao citar Eucher (São Euquéri), teólogo e bispo de Lyon (370-449), e a São Gregório de Tours (c. 538-594), historiador da Igreja, dos francos, da Auvérnia – região do Sul da França – e bispo de Tours, que também listou os mártires de Lyon e de Vienne para a posteridade:

(...) Também vos lembraríeis de que vários dos que me ouvem regaram com seu sangue a terra lionesa, esta terra fecunda que Eucher e Gregório de Tours chamaram a pátria dos

¹² CESAREA, Eusebio de. *História eclesiástica*. Texto, versão espanhola, introdução e notas de Argimiro Velasco-Delgado, OP. Madrid, Espanha. Biblioteca de Autores Cristãos – BAC Seleções: 2010.

¹³ FOXE, John. *O Livro dos Mártires*. Preparado por W. Grinton Berry e traduzido por Almiro Pisetta. 3. ed., 10ª reimpressão (2013). cap. I, p. 27-33. São Paulo, MUNDO CRISTIANO: 2005.

Além da mencionada obra *Ave, Cristo!*, o notável volume *Cartas e Crônicas*¹⁵ registra as tristes consequências da matança lionesa do ano 177, relatando a Tragédia no circo, crônica que faz referência a vários responsáveis pelo martírio dos cristãos de Lyon, que, através da reencarnação, resgataram em dolorosa expiação, no incêndio de um circo em dezembro de 1961, em Niterói - RJ, no qual foram calcinados pelo fogo devorador, na terrível tragédia que comoveu o Brasil e o mundo.

¹⁴ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1861, RJ: Ed. FEB, 1997

¹⁵ XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas e Crônicas*. Ditado pelo Espírito Irmão X, RJ: Ed. FEB, 1991.

ALLAN KARDEC E A REENCARNAÇÃO DO MÁRTIR JAN HUSS



Não poderíamos deixar de citar, entre os mártires lioneses, ao próprio Codificador do Espiritismo, Allan Kardec (1804-1869), nascido em Lyon – Cidade dos mártires –, que foi um glorioso mártir cristão no século XV, queimado vivo na sua reencarnação como Jan Huss (1369-1415), em holocausto pela Verdade e pelo amor ao Cristo.

No ano de 2015, cumpriram-se 600 anos da desencarnação desse reformador tcheco.

Portanto, a presença física e moral de Allan Kardec em Lyon, em 1861, por ocasião da segunda Viagem Espírita do Codificador à sua terra natal, é realmente muito significativa, fato que voltaria a repetir-se na terceira e mais extensa Viagem Espírita em 1862, quando, além de Lyon, visitaria cerca de vinte localidades em roteiro de difusão espírita, participando em mais de cinquenta reuniões doutrinárias e percorrendo 693 léguas (3.862km, aproximadamente), durante sete semanas de viagem, em parques e precários transportes da época, levando a Doutrina nascente ao interior da França e, posteriormente, ao Exterior (1864).

VIVÊNCIA ÍNTIMA DOS ENSINOS CRISTÃOS-ESPÍRITAS

Atualmente, nós, os cristãos-espíritas da última hora, não temos a necessidade de enfrentar o doloroso sacrifício físico diante das feras exteriores no circo, mas urge que enfrentemos o difícil desafio perante as feras da nossa alma, hoje conhecidas com os nomes de egoísmo, orgulho, vaidade, intolerância, violência, inveja, que são graves defeitos geradores de intrigas, maledicências, infelicidades, desavenças, que devemos combater com as armas da caridade, da humildade, da modéstia, da não-violência, do autoconhecimento, da benevolência, da educação do ser integral, enfim, do amor em ação.

Por isso os bons Espíritos nos recomendam, nesta transição planetária em que vivemos, o cultivo diário da fé, da coragem, da calma, da fidelidade e do amor, magnas virtudes que fazem tanta falta nestes dias de perturbações e de variadas violências, internas e externas, onde também deveremos ter a máxima coragem de abraçar a própria cruz, como verdadeiros mártires do Bem.

Finalmente, ao lembrar-nos dos valorosos mártires de Lyon, tomados de grande emoção, repetimos a comovedora frase que os mártires cristãos proferiam nas arenas dos circos e nos anfiteatros romanos, antes de enfrentar as feras que destroçariam seus corpos, mas que nada podiam fazer com as suas elevadas e imortais almas:

Ave, Cristo! Os que vão viver para sempre te glorificam e saúdam!...

KARDEC E O MOVIMENTO ESPÍRITA EM LYON



O Codificador do Espiritismo trazia em si as heranças dessas grandes correntes de pensamento que influenciaram vigorosamente Lyon e França, a saber: o Celtismo¹⁶ e o Cristianismo, e não por acaso Hippolyte Léon Denizard Rivail foi escolhido para coordenar e compilar o Espiritismo, laço da união entre as doutrinas dos druidas (o Druidismo)¹⁷ e dos cristãos (o Cristianismo) e que trazem em suas procedências efetivas algumas verdades sucedidas do mundo dos “mortos”.

¹⁶ O Celtismo começa a ganhar forma em meados do século XVII com o nascimento de um movimento literário conhecido como Renascença céltica estendendo-se por grande parte da Europa. Este movimento cultural foi mudando com o passar do tempo e as situações sociopolíticas da Europa e sobrevive em maior ou menor grão até a atualidade nas chamadas Nações celtas.

¹⁷ Druidas eram pessoas encarregadas das tarefas de aconselhamento e ensino, e de orientações jurídicas e filosóficas dentro da sociedade celta. Embora não haja consenso entre os estudiosos sobre a origem etimológica da palavra, druida parece provir do vocábulo *dru-wid-s*, formado pela junção de *deru* + *wid*. Assim, druida significaria aquele(a) que tem o conhecimento do carvalho. O carvalho, nesta acepção, por ser uma das mais antigas e destacadas árvores de uma floresta, representa simbolicamente todas as demais. Ou seja, quem tem o conhecimento do carvalho possui o saber de todas as árvores. Demência mútua A visão cristã mostra os druidas como sacerdotes, mas isso na verdade não é comprovado pelos textos clássicos, que os apresentam na qualidade de filósofos. Se levarmos em conta que o druidismo era uma filosofia natural, da terra baseada no animismo, e não uma religião revelada, os druidas assumem então o papel de diretores espirituais do ritual, conduzindo a realização dos ritos, e não de mediadores entre os deuses e o homem.

O Espiritismo não é uma doutrina nova, dizia Léon Denis, porém uma ressurreição das doutrinas dos antigos Druidas que continha conhecimento aprofundado sobre o mundo invisível e as leis que o regem. Desta forma, nada surpreendente em que o túmulo de Allan Kardec seja representado por um dólmen (símbolo druístico); erguido no cemitério monumental do Père-Lachaise, em Paris.

A força do Espiritismo está, dentre outras, nas provas que ele oferece sobre o mundo dos Espíritos e em seus preceitos que sintetiza os princípios essenciais de todas as filosofias e religiões, esclarecendo, completando e harmonizando às necessidades dos tempos modernos. Ressaltando aqui que o Espiritismo foi anunciado pelo Cristo como o “Consolador”, a fim de que pudesse elucidar em termos claros e sem equívocos o que Ele disse através das parábolas.

Durante os idos de 1852, ocorrem estranhos fenômenos metafísicos das singulares “mesas girantes, falantes, dançantes” que invadiram o território francês entusiasmando curiosos para buscas de entretenimentos. De tal modo, divertia-se ao invocar e dialogar com o Espírito de mortos através das mesas (e outros móveis), o mais frequentemente pelo método de “batidas”.

Essa inovação divertida veio do outro lado do Atlântico onde, alguns anos anteriores, a América do Norte tinha sido estremecida pela façanha das irmãs Fox¹⁸, duas jovens que dialogavam com o Espírito de um mascate de nome Charles B. Rosma, o qual tinha trinta e um anos quando, quatro anos antes, teria sido assassinado naquela casa e enterrado na adega.

O assassino teria sido um antigo inquilino o que, pela data, levou a deduzir que o crime poderia ter sido cometido pelo Sr. Bell. Os mais interessados em esclarecer o caso resolveram escavar a adega, visando encontrar os despojos do suposto assassinado que assombrava a humilde casa modesta na povoação localizada de Hydesville, no estado de Nova Iorque, distante cerca de trinta quilômetros da cidade de Rochester (EUA).

Tornemos a Lyon, onde o modo de examinar o magnetismo tinha granjeado os salões desde 1835. Por outro lado, as “danças das mesas” aparelharam numerosos partidários do ceticismo que sob incredulidade iam ouvir e controverter os princípios filosóficos propostos pelo acadêmico Hippolyte Léon Denizard Rivail, que estudou os fenômenos e anunciou suas observações ao mundo sob o nome de “Allan Kardec”.

Em memorável ocasião, Kardec foi a Lyon em setembro de 1860, e um evento especial foi organizado em sua homenagem; o responsável pelo grupo espírita de Brotteaux invocou, nesse dia, o espírito de um mártir lionês que afirmou o seguinte: aquela celebração é comparável em diversos aspectos às ágapes dos primeiros cristãos.

¹⁸ As Irmãs Fox foram três mulheres que, nos Estados Unidos da América tiveram um importante papel na gênese do Moderno Espiritualismo Ocidental. As irmãs eram Katherine "Kate" Fox (1837–1892), Leah Fox (1814–1890) e Margaret "Maggie" Fox (1833–1893). As irmãs fizeram sucesso por muitos anos como médiuns que diziam possibilitar espíritos a se manifestarem por batidas (tiptologia). Em 1888 Margaret alegou que as batidas eram uma farsa e no ano seguinte se retratou de tal alegação, dizendo que na verdade eram manifestações mediúnicas mesmo. Este quadro de "confissão" seguido de retratação tem fornecido argumentos para os espiritualistas e materialistas defenderem suas posições sobre o caso, de modo que a controvérsia nunca termina.

Allan Kardec registrou na Revista Espírita de novembro de 1860: “Mas, é sobretudo em Lyon que os resultados são mais notáveis. Os espíritas ali são numerosos em todas as classes e, na classe trabalhadora, eles formam centenas. Em resumo, a propagação do Espiritismo caminha com a mais encorajadora rapidez”.¹⁹

Kardec acrescenta com outras palavras: “E, bem! Senhores, eu lhes digo com alegria, aqui em Lyon, em nenhum lugar vi se ocuparem do Espiritismo por pura curiosidade; aqui não vi se servirem das comunicações por temas fúteis; aqui o objetivo doutrinário é sério, as intenções são ajuizadas... e não sem razão, percebo que os espíritos me responderam outro dia por um de seus médiuns mais devotos, enquanto eu exprimia minha surpresa: “Por que o espanto? Lyon foi a cidade dos mártires, nela a fé é viva, ela forneceu apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é a cabeça, Lyon será o coração”.

Durante essa viagem em 1860, havia ali então muitos grupos familiares, contudo apenas o grupo dirigido pelo sr. Dijoud, chefe do atelier dos Brotteaux era público. No ano seguinte (1861), surgiram, grupos importantes por toda parte, seja na Croix-Rousse, Vaise, Saint-Just, Perrache. Do mesmo modo, em 1861 foi criada a Société Spirite Lyonnaise, pelo sr. Deprêe e Chevalier. De algumas centenas de militantes em 1860, o movimento espírita ultrapassou a marca de 30.000 adeptos em 1862.

¹⁹ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, nov. 1860, RJ; Ed. FEB, 1997

HENRI SAUSSE FOI O PRECURSOR DA COMPOSIÇÃO BIOGRÁFICA DE ALLAN KARDEC



Relembramos a nobre figura de Henri Sausse que foi o precursor na composição biográfica de Allan Kardec. Ele escreveu nos principais periódicos espíritas europeus. Seus biógrafos informam que Sausse era comerciante de profissão, precisando enfrentar, não raro, momentos difíceis, críticos mesmo, contestando acusações gratuitas que esses faziam contra os espíritas e contra a Doutrina, além das perseguições movidas por adversários intransigentes, exigindo-lhe testemunhos heroicos.

O escritor espírita Henri Sausse nasceu em 6 de maio de 1852, em Étoile-sur-Rhône [Drôme]. Foi o primeiro biógrafo de Allan Kardec (para alguns autores foi Anna Blackwell), tendo escrito a *Biographie d'Allan Kardec*, além de várias outras obras, a saber: *Biographie de Léon Denis* (Biografia de Léon Denis); *Espérance et courage* (Esperança e coragem); *Le Spiritisme à Lyon* (O Espiritismo em Lyon); *Des preuves?? En voilà!!* (Provas? Ei-las!); *La Réincarnation selon le Spiritisme* (A reencarnação segundo o Espiritismo); *Les séances du Groupe Amitié* (As sessões do Grupo Amizade); *Mémoire adressé au Congrès Spirite de 1925* (Memória dirigida ao Congresso Espírita de 1925); *Spiritisme transcendantal* (Espiritismo transcendental); *À la recherche des origines de l'âme humaine* (Em busca das origens da alma humana) etc.

Dotado de vontade férrea e de muita perseverança, lutador disposto a sacrifícios, Henri Sausse participou de inúmeras Sociedades, entre elas a Union Fraternelle de Valence e a Union Spirite Française, sendo muito estimado. Dedicou-se, a partir de 1869, à difusão intensiva do Espiritismo, revelando-se admirador de Allan Kardec (1804-1869) e, mais tarde, de León Denis (1846-1927). Integrou-se no Movimento Espírita de Lyon, onde foi um dos fundadores da Société Spirite Lyonnaise em 1873. Durante mais de vinte anos foi presidente muito dinâmico da Société Fraternelle pour l'Étude du Spiritisme (Sociedade Fraternal para o Estudo do Espiritismo). Em 1885, foi também um dos fundadores da Fédération Spirite Lyonnaise e o seu secretário-geral até 1923.

Escreveu nos principais periódicos espíritas europeus. Seus biógrafos informam que Sausse era comerciante de profissão, precisando enfrentar, não raro, momentos difíceis, críticos mesmo, contestando acusações gratuitas que esses faziam contra os espíritas e contra a Doutrina, além das perseguições movidas por adversários intransigentes, exigindo-lhe testemunhos heroicos.

Henri Sausse descreveu algumas reuniões espíritas da época, vejamos: os ouvintes eram espremidos nos bancos como pontuais entre os grupos, o Espiritismo em Lyon marchava a passos largos. O espírito de tolerância estava tão na ordem do dia e o desejo de propagar a nova filosofia tão ardente entre seus pioneiros, que os sacrifícios lhes pareciam naturais, enquanto isso o Espiritismo nascente ali encontrava ambiente natural.

Em 1863 surge o primeiro jornal espírita de Lyon – *La Vérité* – localizado na rue de la Charité, nº 48, e editado por Evariste Edoux. No ano de 1868 o lançado *Spiritisme à Lyon* jornal espírita com publicações quinzenais editado pelo Sr. Finet.

Praticamente todos os informes que hoje possuímos da vida pessoal e da missionária de Allan Kardec devemos ao representante comercial francês, nascido em Lyon, no ano de 1851.

Henri descobriu-se médium aos dezesseis anos, quando ouvia ruídos inexplicáveis na casa de seus pais. Em 1869, quando Allan Kardec desencarnou, ele passou a se dedicar com afinco aos estudos das obras do codificador. Nesta época filiou-se ao Groupe Finet, que realizava reuniões mediúnicas com a presença de mais de trinta e cinco pessoas.

O prefeito de Lyon recebeu, em 1873, determinações da Ordem Moral – recurso mencionado no capítulo 21, da segunda parte, desta unidade – para proibir reuniões espíritas, sob a acusação de anarquia. O Groupe Finet foi fechado. Contudo, alguns médiuns continuaram as sessões na residência de Sausse. As mensagens recebidas eram destruídas após cada encontro, para evitar que fossem deixados vestígios que pudessem servir de prova contra os componentes. Passado o período da repressão o grupo voltou a reunir-se até o desencarne do Senhor Finet.

Em 6 de maio de 1883, Pierre-Gaëtan Leymarie, então diretor da *Revue Spirite (Revista Espírita)*, reuniu-se com os espíritas de Lyon. No encontro o poeta francês Adolphe Laurent de Faget, propôs a criação de uma Federação para reunir os espíritas lioneses. Apesar de a ideia ter sido aceita por todos, o resultado final não foi a criação de

uma Federação, mas sim, da Société Fraternelle d'Étude Scientifique et Morale du Spiritisme (Sociedade Fraternal de Estudos Científicos e Morais do Espiritismo). Em 30 de setembro de 1883, Adolphe tornou-se o seu presidente e Sausse o vice-presidente.

As atividades de Henri no meio espírita não cessavam. Ele ajudou na criação e se tornou dirigente, em agosto de 1883, do Groupe Amitié (Grupo Amizade), composto por seus amigos da Sociedade Fraternal. O grupo dedicava suas reuniões à educação da Mediunidade dos participantes; utilizavam o recurso das “mesas girantes”, mas, apesar dos constantes encontros, não conseguiram nenhum fenômeno.

Em busca de respostas para o insucesso, Henri provocou a hipnose em uma jovem médium de nome Louise; o resultado foi a resposta: “Quando se sabe ler corretamente não se tem mais necessidade de soletrar. Todos sabem escrever, escrevam, por conseguinte, em vez de perder o vosso tempo e o nosso”. A partir desta orientação eles abandonaram as Mesas Girantes e se dedicaram primeiramente ao estudo do Magnetismo (hipnose). Em janeiro de 1884, por meio da mediunidade de Louise, assistiram ao transporte de rosas; em maio foram surpreendidos com a escrita direta. O grupo começava a obter resultados com seus esforços.

As materializações de Espíritos foram obtidas após insistentes tentativas. Em 11 de fevereiro de 1889, conseguiram obter moldes em parafina das mãos do Espírito Esther (um dos que se materializava para o grupo). As atividades do Grupo Amizade duraram até 28 de outubro de 1890, quando Louise casou-se. Por ocasião da visita de Gabriel Delanne, em julho de 1885, Henri voltou à questão levantada por Adolphe Laurent de Faget, quando da visita de Leymarie. Por sua insistência foi criada, oficiosamente, a Fédération Spirite Lyonnaise (Federação Espírita Lyon). Por meio desta Federação, Henri fundou, em 1888, uma sociedade de socorro mútuo composta por espíritas Lioneses para ajudar aos necessitados durante o rigoroso inverno francês. A Federação Espírita Lyon foi a responsável pela visita de Léon Denis, em 1887.

Durante o 2º Congresso Espírita Internacional, Henri Sausse foi nomeado secretário da Comissão de Propaganda, presidida por Léon Denis. A amizade que se formou entre os dois espíritas propiciou a Henri elementos para escrever uma biografia de Denis. Entretanto, não foi aquele o único relato biográfico escrito por ele. Em 1896, Henri realizou uma de suas principais contribuições aos espíritas: a biografia de Allan Kardec, depois de anos de pesquisa, publicou a primeira biografia de Allan Kardec em 1896. Este folheto foi vendido por 30 centavos.

Para tanto pesquisou documentos e obteve informações com pessoas próximas ao codificador, particularmente Leymarie. A *Biographie d'Allan Kardec* (Biografia de Allan Kardec), é talvez até hoje a principal fonte de consulta para os que pretendem conhecer algo da vida do codificador. Reunindo esforços ele conseguiu oficializar a Federação Espírita Lyon, em 02 de agosto de 1903, nela sendo nomeado secretário-geral.

A Federação Espírita Lyon organizou muitas conferências em Lyon com Leon Denis, Gabriel Delanne, Metzger, Reyle, etc. Já em 1887, a Caixa de seguro pagava pensões a

idosos e deficientes, por isso diz que Henri Sausse afirma por atos e o valor social do Espiritismo.

Federação Espírita Lyon não parou ali a sua ação social: uma creche espírita que foi fundado em 1904, na place de la Croix-Rousse nº 08 na cidade de Lyon e para receber e cuidar gratuitamente das crianças, sem distinção de sexo, religião ou nacionalidade. A creche espírita foi ampliada primeiro em 1924, depois em 1926 pelo orfanato Allan Kardec, onde abrigava jovens crianças órfãs. O Educandário foi reconhecido como de utilidade pública.

Além disso, a Federação fundou a Ecole Spirite Lyonnaise em 1917. E, em 1925, um asilo foi financiado em benefício dos idosos e dos necessitados. A atividade da Federação Espírita Lyon foi intensa com muitas revistas e jornais que existiram como: *Le Spiritisme à Lyon, le Bulletin des Invisibles, Le bulletin de la Fédération Spirite Lyonnaise, Le Spiritisme Kardéciste, La paix universelle e La Vérité*.

Em 21 de março de 1910, criou o Groupe Espérance (Grupo Esperança). É interessante ressaltar que o nome foi sugerido pelos Espíritos orientadores. Seus componentes decidiram tornar o grupo rigorosamente fechado para curiosos; novos elementos só seriam admitidos com a aprovação dos Espíritos.

No Grupo Esperança a médium era a jovem Bernadette (chamada carinhosamente de Bedette por Henri). Depois, em 03 de fevereiro de 1913, Louise retornou às atividades para auxiliar o grupo. Durante as sessões do novo grupo foram realizadas diversas materializações, o primeiro objeto materializado foi um anel que o Espírito Esther deu de presente para a médium Bedette; para se obter o ajuste perfeito no dedo da jovem foram necessárias vinte sessões. Na medida em que as materializações ficaram mais sofisticadas os Espíritos revelaram que a presença de Henri, em virtude de sua mediunidade, era fundamental para a realização dos fenômenos.

Em 27 de junho de 1914, os Espíritos deram uma licença não solicitada para que seus membros se afastassem por um período, depois se descobriu que foi em virtude da Primeira Guerra Mundial que foi declarada no dia seguinte. Pouco antes do final da guerra, em 1 de janeiro de 1918, Henri passou a editar o periódico mensal *Spiritisme Kárdeciste* (Espiritismo Kardecista) – é bem verdade que Kardec não admitia vincular desta forma seu nome ao Espiritismo, pois ele sabia que o Espiritismo é obra dos Espíritos.

Por fim, em 1923, depois de estar à frente da Federação por trinta e oito anos, Henri transferiu o cargo de secretário-geral e mudou-se para a aldeia francesa Drôme, onde passou a atualizar a quarta edição da biografia de Kardec. Desencarnou naquele local em 26 de fevereiro de 1928. “É um fato para mim incontestável, que se as obras de Allan Kardec fossem lidas frequentemente e mais seriamente, seriam mais bem compreendidas, seus ensinamentos melhor observados, e seria apreciado o seu justo valor pelos detratores que o desacreditam apenas por conhecê-lo mal, ou mesmo por não o conhecer de forma alguma”.²⁰

²⁰ Fonte: *Le Spiritisme - Bulletin 16 - Spécial: Henri Sausse*.

ARTIGO DE HENRI SAUSSE PUBLICADO EM *LE SPIRITISME* SOBRE A ADULTERAÇÃO DE *A GÊNESE*

Tendo como desígnio fornecer subsídios concretos considerando a investigação séria sobre a adulteração de *A Gênese*,²¹ trazemos para o leitor o artigo “Uma Infâmia”, publicado em *Le Spiritisme* na 1ª quinzena de dezembro de 1884, e que trata da denúncia que Henri Sausse fez sobre a plausível adulteração de *A Gênese*.

Ei-lo:



Uma Infâmia

Perdoem-me, Irmãos e Irmãs de fé, se, a contragosto, deixei-me levar pela indignação que minha alma transborda.

Deveria expulsar do meu coração todo pensamento de raiva e ódio. Há, contudo, circunstâncias em que não se pode conter uma indignação muito justa.

Todos nós sabíamos que havia uma sociedade espírita, fundada para a continuação das obras de Allan Kardec, e nela confiávamos que cuidasse da integridade da herança moral que nos foi deixada pelo mestre. O que ignorávamos é que ao lado dela, talvez até na sua sombra, se organizasse uma outra para a corrupção das obras fundamentais da nossa doutrina, e esta última, não apenas existe, mas pode ainda continuar com sua triste tarefa.

Não tenho certeza se todas as obras de Allan Kardec foram sujas por mãos sacrílegas, mas me dei conta de que havia pelo menos uma, *A Gênese*, que havia sofrido importantes mutilações.

Chocado com estas três palavras: “Revisada, Corrigida e Aumentada”, colocadas abaixo da

²¹ Disponível em:

<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Henri%20Sausse/Henri%20Sausse.htm>,
acesso 03/12/2019

quinta edição, tive a paciência de confrontar, página por página, linha por linha, esta quinta edição com aquela publicada em 1868, que eu comprei logo após seu lançamento. Aqui está o resultado do meu trabalho.

Descobri, comparando os textos da primeira e da quinta edição, que 126 trechos tinham sido modificados, acrescentados ou suprimidos. Desse número, onze (11) foram objetos de uma revisão parcial. Cinquenta (50) foram acrescentados e sessenta e cinco (65) foram suprimidos, e não conto os números dos parágrafos trocados de lugar nem os títulos que foram adicionados.

Todas as partes desse livro sofreram mutilações mais ou menos graves, mas o capítulo XVIII: Os tempos são chegados, é o que foi mais maltratado; as modificações feitas nele o tornam quase irreconhecível.

Agora, digam-me, quem são os culpados?

Qual o motivo dessas manobras?

Mencionarei, na primeira edição de *A Gênese*, apenas uma das passagens que foram excluídas e basta apontá-las para que vocês mesmos ponham-se a julgar quem deveria lucrar com essa infâmia.

A Gênese, edição de 1868, capítulo XV. Os Milagres do Evangelho, páginas 379 e 380:

“Nº 67. No que se tornou o corpo carnal? É um problema cuja solução só pode ser deduzida, até nova ordem, que, senão por hipóteses, faltam elementos suficientes para estabelecer uma convicção. Esta solução, além disso, é de uma importância secundária e não acrescentará nada aos méritos do Cristo, nem aos fatos que comprovam, de uma maneira bem mais peremptória, sua superioridade e sua missão divina.

“Portanto, só pode haver opiniões pessoais sobre o modo como esse desaparecimento ocorreu, que só teriam valor a menos que fossem sancionados por uma lógica rigorosa e pelo controle universal dos Espíritos, e, até o presente, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção desse duplo controle.

“Se os Espíritos ainda não decidiram a questão pela unanimidade de seus ensinamentos, é que sem dúvidas o momento de resolvê-la ainda não veio, ou que nos faltam os conhecimentos pelos quais poderíamos resolvê-la nós mesmos. Entretanto, se descartarmos a suposição de um sequestro clandestino, poderíamos encontrar, por analogia, uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno de transportes e invisibilidade.”

A supressão dessa passagem deixa evidente a quem Allan Kardec foi vendido para que fosse necessário insistir nesse ponto. Todos os espíritas sabem a quem se aplica o segundo parágrafo que eu mesmo enfatizei.

P.S. — Para aqueles que gostariam de estar cientes das modificações sofridas por *A Gênese*, aqui estão os números das páginas onde poderão ser encontradas.

Passagens modificadas da edição de 1868:

Páginas: 68, 79, 85, 105, 148, 155, 181, 203, 205, 215, 429 (onze).

Passagens adicionadas na 5ª edição:

Páginas: 10, 16, 17, 48, 52, 73, (75-76), 84, 104, 127, 133, 138, 142, 159, 174, 176, 178, (188-189), 194, 196, (201-202-203-204), 212, (220-221), 223, 234, (240-241), 245, 251, 257, 274, (276-277-278), 284, 286, 301, 310, 311, 312, 313, (314-315-316), 320, (367-368), 376, 394, 399, 424, 433, 436, (448-449-450-451-452-453-454), 455 (cinquenta).

Passagens suprimidas da edição de 1868:

Páginas: 12, 23, 47, 48, 50, 54, 58, (59-60), (61-62), 65, 69, 73, 74, 78, 82, 83, 85, 86, (87-88), 93, 95, 97, 118, (145-146-147), 165, (173-174), 177, 181, 189, 190, 192, 195, 203, 204, 205, 229, 232, 243, (244-245), 247*, 251, 263, (267-268*), 270, 279, (303-304-305), (379-380), (385-386), 389, 392, 393, 403, 411, 412, 433, (435-436), (439-440), (441-442), (444-445-446), (447-448), (451-452-453) (sessenta e cinco).

As supressões das páginas marcadas por um * é característico.

DENÚNCIA DE HENRI SAUSSE E O MANUSCRITO ORIGINAL DO MÉDIUM DESLIENS²²

Inserimos a parte essencial da denúncia de Henri Sausse e a parte final do artigo focalizando o manuscrito do médium A. Desliens que também foi alterado em futura publicação em **Obras Póstumas**. Encontramos outra fonte sobre este assunto, em um manuscrito de Allan Kardec, transcrito abaixo, de uma comunicação recebida pelo médium A. Desliens. Esta comunicação foi publicada por P.-G. Leymarie na **Revista Espírita** de 15 de março de 1887 e em **Obras Póstumas** em 1890, mas com adulterações comparadas a este original por Allan Kardec.²³



Isso reduz muito a confiança que podemos depositar em P.-G. Leymarie, que aparentemente tinha interesse em continuar a esconder qualquer adulteração da sua parte na 5ª edição de **A Gênese**.

22 de fevereiro de 1868. (Médium Sr. Desliens).
Conselhos sobre A Gênese:

Permita-me alguns conselhos pessoais sobre o seu livro **A Gênese**. Eu acho que, como

²² KEMPF, Charles e BUFFET, Michel. Disponível em <http://www.oconsolador.com.br/ano12/601/especial.html>, acesso 04/12/2019

²³ Esta mensagem foi incluída com cortes e alterações em **Obras póstumas**, organizada por P.-G. Leymarie, e publicada em 1890: 2ª parte, Cap. “A minha iniciação no Espiritismo”, item “Minha nova obra sobre *A Gênese*”.

you faz, ele deve passar por um rearranjo que o fará ganhar valor em termos metódicos; mas também lhe aconselho a rever certas comparações dos primeiros capítulos, que, sem serem imprecisas, podem ser ambíguas, e que podem ser usadas contra você no arremate das palavras. Não quero indicá-los de uma maneira mais especial, mas, analisando cuidadosamente o segundo e terceiro capítulos, eles certamente o surpreenderão. Nós cuidamos da sua pesquisa. É apenas uma questão de detalhe, sem dúvida, mas os detalhes às vezes têm sua importância; é por isso que achei útil chamar sua atenção para esse lado.

Pergunta. Na reimpressão que vamos fazer, gostaria de acrescentar algumas coisas, sem aumentar o volume. Você acha que existem partes que poderiam ser removidas sem inconveniência?

Resposta. Minha opinião é que não há absolutamente nada para tirar como doutrina; tudo é útil e satisfatório em todos os aspectos; mas também acredito que você poderia, sem inconveniência, condensar ainda mais certas ideias que não precisam de desenvolvimento para serem compreendidas, já tendo sido esboçadas em outro lugar; em seu trabalho de reorganização, você conseguirá isso facilmente. Devemos deixar intactas todas as teorias que aparecem pela primeira vez aos olhos do público; não retire nada como ideias, repito, mas corte apenas, aqui e ali, desenvolvimentos que não acrescentam nada à clareza. Você será mais conciso, sem dúvida, mas igualmente compreensível, e é o terreno assim adquirido que você poderá ter que adicionar elementos novos e urgentes. É um trabalho sério para esta revisão, e peço-lhe que não espere demasiado tarde para o fazer, é melhor que esteja preparado antes da hora do que se tivesse que esperar depois de si. Acima de tudo, não se apresse. Apesar da aparente contradição das minhas palavras, você me entende sem dúvida. Comece a trabalhar prontamente, mas não fique por muito tempo. Tome seu tempo; as ideias serão mais claras e o corpo ganhará menos fadiga.

Pergunta. A venda tão rápida até agora vai se acalmar, sem dúvida; é o efeito do primeiro momento. Então eu acho que a terceira e a quarta edições vão demorar mais tempo; no entanto, como leva um certo tempo para revisão e reimpressão, é importante não ser pego de surpresa. Você poderia me dizer aproximadamente quanto mais tempo adiante eu disponho, para agir de acordo?

Resposta. Você tem que esperar um fluxo rápido. Quando lhe dissemos que este livro seria um sucesso entre seus sucessos, ouvimos sucesso filosófico e material. Como você pode ver, estávamos certos em nossas previsões. Esteja pronto em todos os momentos; será mais rápido do que você supõe.

Esse texto confirma vários pontos fundamentais em nossa análise:

- Allan Kardec pretendia rever **A Gênese**, mas sem urgência; – O fluxo rápido das duas primeiras edições (2.000 cópias);
- Que Kardec pretendia uma 3ª e 4ª edição (e não uma 4ª e 5ª edição, transcritas por P.-G. Leymarie...), bem como uma reedição (2.000 cópias impressas de fevereiro de 1869).

Este último ponto sugere que Kardec achou que a primeira impressão daria quatro edições, não três e que aconteceu no início de 1869 com o esgotamento da terceira edição, antes de ter terminado todas as revisões que previra, decidindo uma nova impressão que deu a 4ª edição, idêntica às três primeiras. Nesse meio tempo, ele havia consagrado, sob a influência dos espíritos, e como pode ser visto na **Revista Espírita** no intervalo, a sua energia na preparação do projeto de 1868, com conselhos valiosos para sua sucessão, e preparou-se para sua aposentadoria na Villa Segur e a transferência da livraria para um

novo endereço, que seria no início de abril de 1869 a da Rue de Lille. Ele estava definitivamente planejando terminar as revisões após esta transferência e sua mudança.

A DENÚNCIA DE HENRI SAUSSE

Para completar essa análise reproduzimos textos da denúncia feita por Henri Sausse no artigo “Uma infâmia”,²⁴ publicado na revista *Le Spiritisme*, 2o. ano. N. 19. 1a. Quinzena, dezembro de 1884: “(...) Não sei se todas as obras de Allan Kardec foram maculadas por mãos sacrílegas, mas me dei conta de que há pelo menos uma, **A Gênese**, que sofreu importantes mutilações. Chocado por estas três palavras: Revista, Corrigida e Aumentada, colocadas abaixo da quinta edição, tive a paciência de confrontar, página por página, linha por linha, essa quinta edição com a publicada em 1868 e que eu havia comprado no momento de sua publicação. O resultado de meu trabalho é este. Ao comparar os textos da primeira edição com os da quinta, encontrei que 126 passagens haviam sido modificadas, acrescentadas ou suprimidas. Desse número, onze (11) foram objeto de uma revisão parcial. Cinquenta (50) foram acrescentadas e sessenta e cinco suprimidas, sem contar os números dos parágrafos trocados de lugar, nem os títulos que foram acrescentados. Todas as partes desse livro sofreram mutilações graves, em maior ou em menor grau, mas o capítulo XVIII: ‘São chegados os tempos’, é o que foi mais maltratado; as modificações que se produziram nele tornam-no quase irreconhecível. Agora, me direis, quem são os culpados? Qual foi o motivo dessas manobras? Ressaltarei, na primeira edição da **A Gênese**, somente uma única passagem das que foram suprimidas; será suficiente que a indique para colocar-vos em condições de julgar quem deveria tirar proveito dessa infâmia.”

Em suma

Na conclusão deste infeliz debate, não há nada como seguir o conselho que encontramos em nossa própria filosofia espírita, especialmente o princípio da precaução, ilustrado pelo Espírito Erasto, em **O Livro dos Médiuns**, capítulo XX, nº 230:

²⁴ Os autores Kempf e Buffet reproduziram a denúncia do biógrafo de Kardec, Henri Sausse, onde relaciona as deturpações na edição de **A Gênese** de 1872, e também as prolongadas discussões em correspondências e artigos entre o biógrafo e Leymarie. No presente artigo foi reproduzida apenas a principal conclusão de Sausse. Disponível: Enciclopédia Espírita: www.spiritisme.net; GOIDANICH, Simoni Privato. *O legado de Allan Kardec*. Ed. USE-SP, 2018.

"[...] Em dúvida, abstenha-se, diz um de seus velhos provérbios; portanto, apenas admita o que é obviamente para você. Assim que uma nova opinião aparecer, se lhe parecer duvidosa, passe-a pelo crivo da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso refutam, rejeitem-na corajosamente; é melhor rejeitar dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa..."

Os elementos apresentados consistem em uma convergência de evidências no sentido de adulteração por P.-G. Leymarie. Dúvida sendo mais do que legítima, Le Mouvement Spirite Francophone decidiu publicar a partir de agora **A Gênese** segundo as quatro primeiras edições, realizadas no tempo de Allan Kardec. Também permite evitar que, no caso de comprovação definitiva da adulteração, seja acusada de ter violado a Convenção de Berna, incorporada nas leis da maioria das nações, que preserva, sem limitação de tempo, o direito moral dos autores, neste caso o próprio Allan Kardec.

Além disso, é necessário lutar implacavelmente contra o personalismo e os conflitos de interesse dentro e especialmente na direção do movimento espírita, para não repetir este episódio "Leymarie", sempre de acordo com o conselho contido nos livros da filosofia espírita, e sempre segundo o Espírito Erasmo, em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, capítulo XX, item 4:

P.: Se muitos dos chamados ao Espiritismo são enganados, qual é o sinal de reconhecer aqueles que estão no caminho certo?

R.: Você os reconhecerá nos princípios da verdadeira caridade que eles professarão e praticarão; você os reconhecerá entre os aflitos a quem eles trouxeram consolo; você os reconhecerá por seu amor pelo próximo, sua abnegação, seu desinteresse pessoal; você os reconhecerá finalmente no triunfo de seus princípios, pois Deus quer o triunfo de sua lei; aqueles que seguem sua lei são seus escolhidos, e ele lhes dará a vitória, mas esmagará aqueles que distorcem o espírito desta lei e fazem dela um ponto de partida para satisfazer sua vaidade e ambição. (Erasto, anjo guardião do médium. Paris, 1863.)

OS ANOS INCERTOS

Em 31 de março de 1869, o súbito falecimento de Allan Kardec imerge a grande família espírita no denso luto. Mal ingressaram na dorida emoção causada pela inesperada e súbita desencarnação do Codificador uma tragédia irreparável se instala na França: a guerra franco-alemã de 1870.

Christine Bergé escreveu em seu livro *O Além e os Lioneses*: Em 1873, na hora da “Ordem moral”, não se ria. Lyon está sob a palmatória do sinistro prefeito Ducros, que estabeleceu medidas proibitivas contra os grupos espíritas que ele então comparava as associações anarquistas. O julgamento do jornal *Le Spiritisme à Lyon* em 1873 foi inapelável. O medo e o terror estavam em toda parte entre os adeptos do Espiritismo em Lyon e muitos grupos espíritas cerraram as suas portas.

Henri Sausse, militante espírita de Lyon, relata que alguns encontros espíritas ocorriam em pequenos grupos e que as comunicações mediúnicas eram incineradas para não deixar vestígios em caso de busca pela polícia. Porém, apenas um grupo prosseguiu com suas reuniões públicas: La Société Spirite Lyonnaise.

LA FÉDÉRATION SPIRITE LYONNAISE

No dia 6 de maio de 1883 realizaram uma recepção reunindo centenas pessoas, por ocasião da chegada à cidade de Pierre Leymarie, espírita parisiense, forasteiro legatário dos direitos autorais de Allan Kardec, advertindo aqui que Leymarie foi delatado por Henri Sausse em face das fraudulentas adulterações agenciadas em 1870, no livro *A Gênese*.

Alguns espíritas de Lyon, incluindo Adolphe Laurent, Deprele, Chevallier, Brun, Ambroisine Dayt, recomendarão o ideário da criação de uma Fédération Spirite Lyonnaise a fim de coordenar o movimento espírita em Lyon. A ideia foi abraçada por aclamação.

Por razões de formalismo a administração a cidade de Lyon apresentou dificuldades para autorizar a fundação da Fédération. Em 1884 foi fundada La Société Fraternelle d'Etude Scientifique et Morale du Spiritisme. Inicialmente composta por cerca de 200 membros, presidida por mais de duas décadas pelo insigne Henri Sausse. Essa nova sociedade representará os Espíritas de Lyon, tendo como enfoque o estudo da mediunidade e do magnetismo. E juntamente com a Société Spirite Lyonnaise, que era então dirigida por Deprêlle e Chevallier.

Em 1885, esses dois grupos laboraram federativamente enquanto a Fédération Spirite Lyonnaise não havia sido oficializada. Trinta grupos participarão dos trabalhos da agremiação federativa (já oficializada), dentre os quais Grupo Amizade, Grupo Solidariedade, Grupo Allan Kardec, Grupo do Progresso, Grupo Dauphiné, grupo Béziade, Grupo Guérin, Grupo Koch, Grupo Garnier, Grupo Damian, Grupo Oullins, Grupo Pierre-Bénite.

Não existia um distrito de Lyon, nem um subúrbio, que não possuía um grupo espírita, conforme relata Henri Sausse. Todos esses grupos trabalharam para disseminar o Espiritismo sob os auspícios da Fédération Spirite Lyonnaise, em particular pela distribuição gratuita de obras de Allan Kardec.

Henri Sausse, que afirmava que "O Espiritismo é uma obra de caridade moral e material e é bom que se afirme por meio de ações". E na sua supervisão foi criado um fundo de auxílio para distribuição de pensões aos idosos e outros necessitados.

A Fédération Spirite Lyonnaise organizou inúmeras conferências em Lyon com Léon

Denis, Gabriel Delanne, Metzger, de Reyle etc.

Escrevendo para Henri Sausse, em agosto de 1890, Léon Denis dizia que amava profundamente o movimento espírita da cidade na qual fazia questão de visitar regularmente, considerando inclusive que Lyon era baluarte do Espiritismo.

Aproveitando as facilidades oferecidas pela nova lei de 1901 do governo francês sobre as associações sem fins lucrativos, os espíritas de Lyon criarão oficialmente a Fédération Spirite Lyonnaise em 04 de agosto de 1903.

Henri Sausse, presidente da La Société Fraternelle, será eleito secretário-geral da Fédération Spirite Lyonnaise, ele ocupará esta posição por 20 anos.

O Espiritismo foi reorganizado em Lyon; onde existiam 6 grupos espíritas aderentes à Fédération Spirite Lyonnaise em 1903: a La Société Spirite Lyonnaise e a La Société Fraternelle, é claro, assim como o Grupo Harmonia, o Grupo Esperança dirigido por Henri Sause, o Grupo Lembrança e o Grupo Allan Kardec.

Desde 1887, os donativos foram convertidos todos os anos para uma Caixa de Socorro aos idosos e aos enfermos necessitados, a fim de, dito por Henri Sausse, afirmar pelos atos o valor social da Filosofia Espírita.

A Fédération Spirite Lyonnaise em sua ação filantrópica fundou uma creche espírita em 1904, na place de la Croix-Rousse, a fim de receber e cuidar gratuitamente de crianças que lhes eram confiadas, sem distinção de gênero, religião ou nacionalidade.

A creche foi ampliada em 1924, depois em 1926, para Orfanato Allan Kardec onde jovens órfãos eram criados. A creche espírita foi reconhecida de utilidade pública. No mais, a Federação fundou em 1917, a Escola Espírita Lionesa. E em 1925, um asilo foi financiado em benefício de idosos e necessitados.

A atividade da Fédération Spirite Lyonnaise foi intensa e havia muitas revistas espíritas como: Sources da Vie Eternelle, Bulletin des Invisibles, Bulletin de la Fédération Spirite Lyonnaise, Le Spiritisme Kardéciste, La Paix Universelle dirigido por Alphonse Bouvier.

A primeira guerra mundial não afetou as atividades dos espíritas de Lyon. A Fédération Spirite Lyonnaise imprimirá 1000 fascículos da obra "Léon Denis - O porquê da vida" para serem enviados nas trincheiras.

Em 1º de janeiro de 1918, a Fédération Spirite Lyonnaise publicou um boletim mensal, o *Espiritismo Kardecista*, que será publicado durante 4 anos.

A Federação é composta por 9 grupos, incluindo:

- La Société Fraternally,
- La Société Spirite Lyonnaise,
- Le Groupe Allan Kardec avec la Société pour la crèche spirite,
- Le Groupe Spirite Jeanne d'Arc,
- La Société d'Études Psychiques et Spirites de Lyon.

Esses agrupamentos espíritas faziam parte da Fédération Spirite Lyonnaise.

Henri Sausse, que permaneceu secretário-geral da Fédération Spirite Lyonnaise desde 1903, deixou seu cargo em 1923 para se dedicar aos seus trabalhos.

Henri Sausse, que se dedicou com afinco ao Espiritismo, descobriu-se médium aos dezesseis anos, quando ouvia ruídos inexplicáveis na casa de seus pais. Em 1869, quando Allan Kardec desencarnou, ele passou a se dedicar com afinco aos estudos das obras do codificador. Nesta época filiou-se ao Groupe Finet, que realizava reuniões mediúnicas com a presença de mais de trinta e cinco pessoas.

Foi presidente da La Société Fraternelle por 20 anos e também como secretário-geral da Fédération Spirite Lyonnaise, morreu em 26 de fevereiro de 1928, aos 76 anos de idade, após completar sua quarta edição da *Biografia de Allan Kardec*.

Infelizmente, sua morte acompanhará os primeiros declínios da Fédération Spirite Lyonnaise e do Espiritismo em Lyon.

No final da década de 1920, com as partidas sucessivas dos grandes pioneiros do Espiritismo de Lyon: Alphonse Bouvier, Georges Mélusson, Joseph Brun, Joanny Malosse, M. Peythieux, M. Delabonne, juntamente com espíritas do movimento espírita francês como: Dr. Gustave Geley, Camille Flammarion, Gabriel Delanne, Jean Meyer, Léon Denis.

A morte desses grandes defensores do Espiritismo deixou órfãos os espíritas da França. Acrescenta-se que as reviravoltas engendradas pela guerra de 39-45 fizeram cair no esquecimento o Espiritismo na França. A ***Revisa Espírita*** fundada por Kardec parou de circular em 1940, a Casa dos Espíritas em Paris foi pilhada pelos nazistas e as obras espíritas foram queimadas.

No ano de 1945 foi decretada a morte do Espiritismo em Lyon a Fédération Spirite Lyonnaise foi dissolvida por lutas internas devido às questões doutrinárias que destoavam o Espiritismo.

A RENOVACÃO

O imenso declínio do Espiritismo em Lyon da década de 1930 continuou até a década de 1980, porém a Société Spirite Lyonnaise resistia funcionando.

Esta Sociedade que foi criada em 1861 por Noël Deprêlle e Jean-Baptiste Chevallier. Foi dirigido por Henri Brun, Joseph Brun e, finalmente, Madame Baujelin, de 1925. O neto de Baujelin assumiu a administração da sociedade em seguida. Salvando os arquivos da Société Spirite Lyonnaise, passando ao novo grupo espírita formado sob a direção de Roger Perez, ex-presidente da Union Spirite Française et Francophone, Perez que foi estreado no Espiritismo em Casablanca no Marrocos.

O novo grupo espírita, o Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec, iniciou as suas atividades de divulgação espírita em 1985, e se mantém operacional presentemente, considerando que nestes últimos anos, houve um crescimento do Espiritismo em Lyon.



Placa comemorativa do nascimento de Allan Kardec – Lyon, França

O nascimento Denizard Rivail (Allan Kardec) foi em Lyon, na 74 rue Sala, em 3 de outubro de 1804. Em face de vários danos com frequentes enchentes no local, o número 74 da rue Sala não existe mais. Por causa das inundações do rio Ródano foram erguidas barreiras de contenção nas margens para deter os constantes transbordamentos.

UM NASCIMENTO HISTÓRICO

Fato marcante em Lyon foi o nascimento em 3 de outubro de 1804 na rue Sala de Hippolyte Léon Denizard Rivail, codificador do Espiritismo. Seu espírito protetor, Zephir, deu a ele uma comunicação na qual disse que eles haviam se conhecido em uma existência anterior, na época dos druidas. Ele próprio era um druida e foi então chamado Allan Kardec.

Além disso, antes de ter sido Rivail, O Espírito Allan Kardec teve outra encarnação em 1369 em Praga, ele foi o padre e filósofo Jan Huss, excomungado pela Igreja em face de sua luta obstinada contra comércio de recuperações de indulgências e confissões auriculares e, em particular, por não ter reconhecido o único Cristo como único governante da Igreja. Ele caiu numa cilada e foi queimado em 6 de julho de 1415.

É interessante notar a curiosa analogia que existe entre Praga e Lyon, essas duas avós das principais cidades européias: Também situada na encruzilhada da Europa, Praga também era o lugar de uma forte fé e uma forte crença na outra vida. Jean-Louis Bernard dirá que ela é a contraparte de Lyon na Europa central em seu livro *Secret History of Lyon and Lyonnais*.

O Espiritismo não é uma nova doutrina, escreveu Leon Denis, mas a ressurreição das doutrinas dos antigos druidas, que tinham um conhecimento profundo do mundo invisível e das leis que o governam. Portanto, não é de surpreender que o túmulo de Allan Kardec seja representado por um dolmen, sempre presente no cemitério de Père-Lachaise, em Paris.

UM TESTEMUNHO COMOVENTE

Todas essas atividades foram financiadas por meio de presentes, dos quais aqui está um exemplo, o da Sra. Levet, citado por Henri Sausse: Deixe-me apresentar-lhe a Sra. Levet, cujo nome eu imploro que se lembre. Tornou-se desviante e conhecia os longos dias do dia, que começavam por volta das 4h da manhã e, no máximo, terminavam depois das 21h e 22h. Quando a encontrei, ela era uma viúva, sem família, e se sentiu se aproximando da última hora. Ela me chamou; Foi no início de 1897, que me continha quase a seguinte linguagem: "Você não sabe quem eu sou, ou não se lembra de mim, mas já faz muito tempo que eu o conhecia. Lembro-me de vê-lo em Perrache e nas reuniões do Sr. Finet; eu tinha te perdido de vista quando te encontrei no dia da conferência do Sr. Léon Denis, no Scala. Essa conferência me deu tanto prazer, achei tão bonito, tão alto, que prometi trazer o Sr. Léon Denis para Lyon, e às minhas custas, e comecei a trabalhar.

Desde 1887, economizei o máximo que pude no meu dia, mas estou exausta e sinto que estou indo embora; então, antes de morrer, eu queria lhe dar esse dinheiro para que você possa trazer o Sr. Léon Denis de volta a Lyon. Com esta chave, abra esta gaveta e me entregue. Todos se mudaram, fiz o que me foi pedido. A Sra. Levet pegou um pacote velho enegrecido pelo tempo e o abriu; continha duas sacolas de lona... Não acreditando na Sra. Levet tão perto do fim, eu queria recusar o dinheiro que ela poderia precisar.

Nessas instâncias, eu consenti em recebê-lo, dizendo que ele seria colocado no banco de poupança e que, enquanto ela vivesse, não a tocaríamos; que ele permaneceria à sua disposição. A sacola continha 600 francos, economizando um centavo por um período de dez anos por um trabalhador pobre que ganhava de 40 a 50 centavos por dia. Alguns dias depois, acompanhamos o comboio da Sra. Levet ao cemitério Croix-Rousse.

Foi graças à generosidade dessa mulher de coração e também ao desinteresse de nosso devotado professor, Léon Denis, que esse apóstolo do Espiritismo pôde fazer cinco séries de conferências em Lyon, que tiveram um sucesso completo e merecido.

A CRECHE ESPÍRITA DE LYON



A creche espírita de Lyon foi uma das primeiras instituições públicas, atuando na França, por iniciativa e promoção do Espiritismo. Foi fundada por exortação dos Espíritos em 1903. Até 1925, foi subsidiada pelo governo francês e pela cidade de Lyon que forneceu leite gratuitamente até 1914.



*à la Croix-Rousse au numéro 8 de la place,
vous découvrirez l'emplacement
de la première crèche française*

Localização

Na Place de la Croix-Rousse, nº 8, foi afixada uma placa no elevador de uma porta com a inscrição: "Creche sob a proteção de Deus e de nossos Mestres e Protetores Allan Kardec e Marie-Ange".

Descrição interna

A edificação é uma casa de trabalhadores. No segundo andar, a porta da direita dá acesso à creche. Em seguida, o visitante identifica um vestíbulo iluminado por uma janela, onde há longo tamborete à guisa de arca.

Algumas cadeiras estão instaladas, assim como um buffet contendo organizadas pequenas garrafas de leite esterilizadas. Nas paredes, há imagens alegres e ornamentadas; em todos os lados nota-se uma preocupação com a elegância e a limpeza. Na sala contígua sucedem-se os berços decorados com particular cuidado compostos de alvíssima tonalidade. As crianças descansam e são trocadas com frequência.

Cada berço tem seu hóspede (bebê). No centro da sala, há um pequeno cercado que abriga os pequenos que ensaiam os passos para atravessarem o trajeto que separam os pequenos assentos. As duas amplas janelas deixam inundar o ambiente com abundante luz solar e generosa quantidade de ar onde, diariamente, são abrigados entre doze e quinze crianças.

O abrigo ainda inclui uma cozinha no pátio onde se prepara o leite necessário para alimentar toda esta humanidade germinante. O ático clássico serve como um secador para os inúmeros lençóis que devem ser constantemente lavados, porque a natureza tem exigências frequentes junto à clientela da creche.

A organização

A primeira observação óbvia é que se pode, com bom gosto e simplicidade, instalar confortavelmente uma creche em um lugar pequeno e que parecia, pelo seu primeiro destino, em nada prestar a tal serviço; o aluguel é de 450 francos.

Os custos indiretos estão nos mesmos moderados valores. Durante um semestre, três senhoras dedicam todo o seu tempo às crianças, ficam das 07 às 19 horas, e dividem 765 francos como salário. Leite e outros exigem um gasto de 334 francos; o aquecimento custa 113 francos; iluminação a 76 francos; lavagem a 56 francos. Tudo somado, em um semestre, a despesa foi de cerca de 1.600 francos.

O apelo lançado em 1903 pelas diretoras da creche

Em julho de 1903, um apelo se fez ouvir entre os círculos espíritas: "Uma creche espírita está sendo formada! Ela convoca todos os irmãos e irmãs espíritas para oferecer sua contribuição para a fundação deste trabalho que tem como ponto de partida a criança desde o berço, porque as benesses do Espiritismo se estendem sobre o homem, do berço

ao túmulo.”

Posto que seu lema seja a Caridade! Seu princípio a Fraternidade! Sua força é a lei divina do amor que, regulando os atos do homem, desde o seu primeiro dia até o último, faz com que ele atinja seu objetivo: Deus! Para o qual ele só vai pelo cumprimento do dever. Essa creche tem por dedicação estas simples palavras: "Sob a proteção de Deus e dos nossos Mestres e Protetores Allan Kardec e Marie-Ange". Asilo aberto à infância de quinze dias a três anos, sem distinção de crença e nacionalidade.

Hoje, a creche se abre! Nossos irmãos do exterior, como os da França, poderão visitá-la de 2 a 4 horas. Ela está localizada na Place de la Croix-Rousse, no número 8, no segundo andar.

O amor é a inspiração deste trabalho! Ele apela a todo espírito de amor e de razão. Esperamos que seu chamado seja ouvido e que todos queiram cooperar no esforço que estabelecerá a base da creche em uma base sólida que lhe permita estender seus benefícios.

A Sociedade Espírita para o trabalho da creche tem, no banco, um depósito de 10.000 francos, dos quais 4.545 francos constituem um fundo inalienável; 4.500 asseguram o funcionamento da creche por aproximadamente um ano, e 954 francos para o ano que começa. Acreditamos que este fraco sucesso seja precursor de um maior! Acreditamos que as listas de assinatura farão inveja para que, em nosso solo francês, levantem-se asilos à infância onde, ao mesmo tempo, a criança aprenderá a amar e respeitar seu irmão na família e na sociedade.

Este é o único propósito da sociedade espírita com o trabalho da creche, com o de dar à nação uma raça vigorosa sob o esforço de devotado cuidado. Esperamos que todo homem de boa vontade nos ajude a alcançá-lo. Associações e assinaturas estão disponíveis no local, Place de la Croix-Rousse, no n° 8.

A ORIGEM DA CRECHE



Mademoiselle Ambroisine Dayt, diretora da creche e médium, certa vez foi orientada pelo Espírito de Mary-Ange (entidade familiar a Allan Kardec), a fundar uma creche.

Mas como?

Onde conseguir o dinheiro?

Os Espíritos ditavam à diretora os nomes das pessoas a quem as solicitações deveriam ser feitas e, com todos os endereços indicados, as bolsas eram abertas. Desta forma, foi possível instalar tudo, levantar o valor de quase 2.000 francos para reparos e depósito bancário em reserva, de 10.000 francos.

O futuro não apresentava nenhuma incerteza porque os Espíritos disseram: "Use suas forças, nós as renovaremos". O mundo espiritual, portanto, acompanha com interesse o sucesso desta creche.

Esta nova criação é a realização prática dos ensinamentos do Espiritismo que tem como máxima: "Fora da caridade não há salvação". Sua finalidade é fazer com que a doce fraternidade penetre no coração da população pela mãe e pela criança.

"Nós nos vemos na obra (conforme narra o último relatório", a bondade divina que nos gratifica tão abundantemente por nossos esforços e pelas alegrias íntimas que ela nos dá, que sentimos que o amor vai vencer e mudará em laços fraternos as relações que nos unem à mãe e à criança.

O mais recalcitrante se amolece! As criancinhas gostam de dançar em rodas e cantar com suas mães: "Alegria! Alegria! O sol faz o trigo amadurecer."

Poesia feita em homenagem à creche espírita de Lyon pelo poeta Laurent de Faget, redator chefe da periódico Le Progrès Spirite, publicado em junho de 1907.

*Minhas queridas crianças sorriam com prazer,
Ao verem aqui nossos benfeitores;
Peçam a Deus que eles
Sempre sejam seus Protetores.
"Papai Celestial" lhes escuta,
Das profundezas de seu firmamento azul;
Vocês sabem todo o caminho,
Que lhes mostra cada "mamãe".*

*Perguntem, então, as coisas belas
Que as crianças podem amar:
Muito amor, muitas rosas,
Trabalho mesclado de prazer;*

*E que a creche cresça
Para receber outras crianças;
E que o nosso trabalho seja bem-sucedido
De acordo com nossos ardentes desejos!*

*Com seus pais e suas mães
E aqueles que pensam como nós,
Nós faremos um povo de irmãos
De laços sempre mais fortes, mais doces.*

*Vocês aprenderão, queridos seres pequenos,
E vocês dirão com respeito,
Como todos nós: Nossos dois grandes mestres
São: Jesus e Kardec!*

*Allan Kardec foi o intérprete
De semideuses, Espíritos puros:
Escutemos o divino profeta.
Vamos reler seus escritos com frequência.*

*Espíritos, família unida,
Para melhor lutar contra o mal
Preparemos a harmonia humana,
Realizemos o ideal!*

UMA MENSAGEM DE AMBROISINE DAYT

"Nossas economias no banco estão bem curtas, digamos de novo! Mas nada fez perder as promessas dadas, esperanças colocadas em nossos corações! Nós, portanto, abençoamos em Deus dizendo obrigado a vocês, amados irmãos e irmãs, que apoiam a creche de Allan Kardec com suas doações, suas contribuições, seu encorajamento pela palavra, pelo pensamento, por sua boa vontade, pelos seus escritos preciosos! E, em troca de todo o seu apoio, desejamos a você a fé poderosa e a confiança inalterável que tornam forte e feliz em qualquer esforço ao qual se dedica.

A revista espírita *La Paix Universelle* de 1 a 16 de dezembro de 1905, dirigia nossos agradecimentos a todos os nossos irmãos conhecidos e desconhecidos que, de a sua boa vontade, sua fala, sua contribuição ou suas doações têm ajudado a formação da creche, então lhe assegurando a existência.

Nós hoje nos dirigimos a eles novamente e contemplamos a todos os nossos irmãos espirituais ao nomear dois nomes em torno dos quais todos aqueles que amam o "Espiritismo pelas leis do espírito que se deve conhecer" e todos aqueles que se associam à "pesquisa das leis científicas que confirmam as leis espirituais".

Nós, portanto, nomeamos Léon Denis, a quem o Espiritismo deve:

Após a Morte!

Espiritismo e Cristianismo!

No Invisível!

Por que a vida!

Assim, nomeamos Gabriel Delanne, a quem devemos:

O Espiritismo Diante da Ciência!

O Fenômeno Espírita!

A Evolução Anímica!

A Alma Imortal!

Que Deus abençoe seus esforços! Nós lhes bendizemos.

Outras obras importantes também vieram, por exortação dos Espíritos protetores

da creche, completar e coroar os esforços da Sociedade Espírita pelo trabalho da creche, as obras são:

O *Le Journal du désincarné à l'incarné*, jornal gratuito.

O Salão de Allan Kardec, rua da Alma, nº 13, para os cuidados espirituais.

O Grupo de Allan Kardec, grupo de estudo, todas as sextas-feiras das 8h às 10h.

A Sociedade de Socorros Imediatos, (trabalho solidário).

A Escola Filosófica, Instruções, todos os dias das 3h às 4h.

Nós estendemos nossos melhores desejos para a prosperidade destas obras tão úteis para o progresso das sociedades, e, de nossa parte, apelamos à generosidade das pessoas beneficentes para o apoio dessas obras.

O DECLÍNIO DO MOVIMENTO ESPÍRITA FRANCÊS

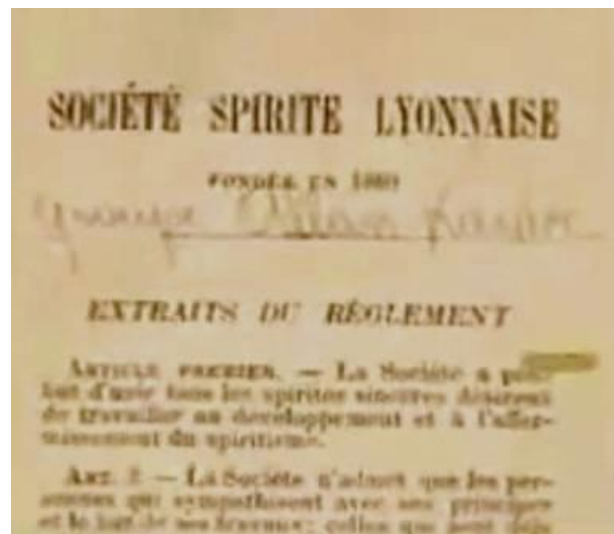
O declínio do Espiritismo começou em 1924, com as sucessivas partidas dos grandes pioneiros do Espiritismo: Dr. Gustave Geley, Camille Flammarion, Gabriel Delanne, Jean Meyer, Léon Denis. A partida desses grandes defensores do Espiritismo deixou órfãos os espíritas da França. Além disso, nos anos que se seguiram, muitas fraudes foram desmascaradas em certos meios famosos, que desacreditaram o fenômeno espírita e expulsaram os cientistas. Além disso, os levantes provocados pela guerra de 1939-45 fizeram com que o Espiritismo fosse esquecido na França. A *Revue Spirite* deixou de editar em 1940, a Casa dos Espíritos em Paris foi saqueada e as obras queimadas.

Apenas dois grupos espiritualistas continuaram suas atividades após a guerra e ainda existem hoje: a Sociedade de Estudos Espirituais e Psíquicos e a Sociedade de Joana d'Arc.

O primeiro foi fundado em 1885 pelo Dr. Austin e era membro da Federação Spirite Lyonnaise e da Union Spirite Française. Afetada pela guerra e pelo declínio do Espiritismo, ele mudará seu nome em 1952 para Société d'Etudes Psychiques, abandonando o adjetivo "espírito". Hoje, misturando radiestesia, numerologia, astrologia, parapsicologia, magnetismo e religiões orientais, ela não mais defende o Espiritismo.

A Sociedade Jeanne d'Arc foi fundada em 1903. Alguns amigos se encontraram uma noite e conversaram sobre o Espiritismo quando uma menina de sete anos teve uma visão: Joana d'Arc a cavalo, segurando uma faixa que cobria a sala onde esses amigos estavam juntos. A seus pés estava Jean-Baptiste Vianney, o público estava longe de suspeitar da criação de um grupo de estudo. O pai da menina teve a mesma aparência, os presentes não hesitaram, decidiram continuar as reuniões e nomear o novo grupo "Joana d'Arc".

SOCIÉTÉ SPIRITE LYONNAIS E O CENTRE SPIRITE LYONNAIS ALLAN KARDEC



A Société Spirite Lyonnais foi fundada por volta de 1861 pelo Sr. Deprêlle e Chevalier. Depois de seus dias de trabalho duro em uma fábrica de parafusos e rebites, eles estudaram o Espiritismo e lideraram por quase trinta anos a Société Spirite Lyonnaise. Durante a "Ordem Moral", o Sr. Deprêlle e Chevalier continuaram suas reuniões públicas. Eles tiveram que deixar suas instalações no número 3 do Cours Charlemagne para uma sala no porão, uma espécie de adega abobadada.

A Sociedade, que se estabeleceu por volta de 1886 no 14º curso de Carlos Magno, será posteriormente dirigida pelo Sr. Brun e depois pela Sra. Baujelin com dedicação inabalável. Seu filho, Paul Baujelin, depois de uma vida militante desencarnou na quinta-feira, 5 de maio de 1988, depois de deixar todos os arquivos da Société Spirite Lyonnais para uma nova associação espiritualista que acabara de ser formada: O Centro de Doutrina e Ciências do Espírito Lyonnais Allan Kardec; centro que mudou seu nome por unanimidade, por simplicidade, em outubro de 1999 em uma reunião especial por: Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec.

KARDEC E O ESPIRITISMO EM LYON²⁵

Escreve o Codificador o seguinte:

“Fomos novamente a Lyon este ano [1861], em atenção a reiterados convites dos espíritas daquela cidade [Lyon]. Embora conhecêssemos, pela correspondência, os progressos do Espiritismo naquela cidade, o resultado ultrapassou muito a nossa expectativa. Certamente os leitores nos agradecerão as informações que lhes damos a respeito. Nelas verão um indício da marcha irresistível da doutrina e uma prova patente de suas consequências morais.

Antes, porém, de falar dos espíritas de Lyon, não devemos esquecer os de Sens e de Mâcon, que visitamos de passagem, e lhes agradecer a simpática acolhida. Lá, também, pudemos constatar um notável progresso, quer no número de adeptos, quer na opinião que eles têm a respeito do Espiritismo em geral. Por toda parte os trocistas se esclarecem, e aqueles que ainda não creem observam uma prudente reserva, imposta pelo caráter e pela posição social dos que hoje não mais temem confessar-se publicamente partidários e propagadores das novas ideias.

Em face da opinião que se pronuncia e se generaliza, os incrédulos se dizem que bem poderia haver algo, e que, em resumo, cada um é livre em suas crenças. Antes de falar, querem pelo menos saber do que se trata, enquanto anteriormente falavam sem saber do que. Ora, não se pode negar que para muita gente aí não haja um verdadeiro progresso. Mais tarde voltaremos a esses dois centros, ainda novos numericamente falando, ao passo que Lyon já atingiu a maturidade.

Com efeito, não é mais por centenas que ali se contam os espíritas, como no ano passado, mas por milhares. Melhor dizendo, não mais são contados, e calcula-se que, seguindo a mesma progressão, em um ou dois anos serão mais de trinta mil. O Espiritismo os recruta em todas as classes, mas é sobretudo na classe operária que se propaga com mais rapidez, o que não é de admirar, pois sendo essa a classe que mais sofre, volta-se para onde encontra mais consolações.

Vós que gritais contra o Espiritismo, por que não lhe ofereceis o mesmo? Ela se voltaria para vós. Mas, em vez disto, quereis tirar-lhe aquilo que a ajuda a carregar seu fardo de misérias. É a maneira mais apropriada para vos distanciardes das suas simpatias

²⁵ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1861, RJ: Ed. FEB, 1997.

e de engrossardes as fileiras de vossos opositores. O que vimos pessoalmente é de tal modo característico e encerra tão grande ensinamento, que preferimos dedicar aos trabalhadores a maior parte do nosso relatório.

No ano passado havia um único centro de reunião, o de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Dijoud, chefe de oficina, e sua mulher. Outros se formaram depois, em diferentes pontos da cidade, em Guillotière, em Perrache, em Croix-Rousse, em Vaise, em Saint-Juste, etc., sem contar um grande número de reuniões particulares. No ano passado havia somente dois ou três médiuns ainda neófitos. Hoje há médiuns em todos os grupos, e vários de primeira categoria. Só num grupo vimos cinco, escrevendo simultaneamente. Vimos também uma jovem, muito boa vidente, na qual pudemos constatar a faculdade desenvolvida em grau muito alto.

Observamos uma coleção de desenhos extremamente notáveis, de um médium desenhista que não sabe desenhar. Pela execução e pela complicação, rivalizam com os desenhos de Júpiter, embora sejam de um outro gênero. Não devemos esquecer um médium curador, tão recomendável por seu devotamento quanto pela potência de sua faculdade.

Sem dúvida é verdade que os adeptos se multiplicam, mas o que vale ainda mais que o número é a qualidade. Ora! Nós declaramos alto e bom som que em parte alguma vimos reuniões espíritas mais edificantes que as dos operários de Lyon, quanto à ordem, ao recolhimento e à atenção que prestam às instruções de seus guias espirituais. Lá havia homens, velhos, senhoras, moços, e até crianças cuja atitude respeitosa e recolhida contrasta com a sua idade. Jamais uma delas perturbou, por um instante, o silêncio de nossas reuniões, por vezes muito longas. Elas pareciam quase tão ávidas quanto seus pais em recolher nossas palavras. Isto não é tudo.

O número das metamorfoses morais, nos operários, é quase tão grande quanto entre os adeptos. São hábitos viciosos reformados, paixões acalmadas, ódios apaziguados, intimidades pacificadas, numa palavra, desenvolvidas as virtudes mais cristãs, e isto pela confiança, agora inquebrantável, que as comunicações espíritas lhes dão do futuro, em que não acreditavam. Para eles é uma felicidade assistir a essas instruções, de onde saem reconfortados contra a adversidade. Também se veem alguns que fazem mais de uma légua com qualquer tempo, inverno ou verão, e que tudo enfrentam para não perderem uma sessão. É que neles não há uma fé vulgar, mas uma fé baseada em convicção profunda, raciocinada, e não cega.

Os Espíritos que os instruem sabem admiravelmente pôr-se à altura de seus ouvintes. Os ditados não são trechos de eloquência, mas boas instruções familiares, despretensiosas, e que, por isto mesmo, vão ao coração. As conversas com os parentes e amigos mortos ali representam um grande papel, de onde saem quase sempre lições úteis. Muitas vezes uma família inteira se reúne e a noite se passa em suave enlevo com os que se foram. Eles querem ter notícias dos tios, das tias, dos primos e das primas; saber se são felizes. Ninguém é esquecido. Cada um quer que o avô lhe diga algo, e a cada um ele dá um

conselho.

— E pra mim, vovô, perguntava um dia um rapazinho, não direis nada?

— Para ti, meu filho, sim, dir-te-ei alguma coisa: não estou contente contigo. Outro dia, em vez de ir direto ao trabalho, discutiste por uma tolice, no meio do caminho. Isto não é bom.

— Como sabeis disto, vovô?

— Sem dúvida eu sei. Será que nós Espíritos não vemos tudo o que fazeis, desde que estamos ao vosso lado?

— Perdão, vovô. Prometo não fazer mais isto.

Não existe algo de tocante nesta comunicação dos mortos com os vivos? A vida futura aí está, palpitante aos seus olhos; não mais há morte, nem mais a separação eterna, nem o nada; o céu está mais perto da Terra e é melhor compreendido. Se isto é uma superstição, praza a Deus que jamais tivesse havido outras!

Um fato digno de nota, e que constatamos, é a facilidade com que esses homens, na maioria iletrados e endurecidos nos mais rudes trabalhos, compreendem o alcance da doutrina. Pode-se dizer que só lhe veem o lado sério. Nas instruções que lhes demos em diversos grupos, em vão procuramos despertar a curiosidade pelo relato das manifestações físicas, contudo, nenhum deles viu uma mesa mover-se, ao passo que tudo quanto dizia respeito às apreciações morais cativava seu interesse no mais alto grau.

A alocação seguinte nos foi dirigida quando de nossa visita ao grupo de SaintJust. Publicamo-la, não para satisfazer a uma vaidade tola e pueril, mas como prova dos sentimentos que dominam nas fábricas onde penetrou o Espiritismo, e porque sabemos ser agradável aos que nos quiseram dar esse testemunho de simpatia. Transcrevemo-la textualmente, pois teríamos escrúpulo de lhe acrescentar uma só palavra. Só a ortografia foi revista.

“Senhor Allan Kardec, discípulo de Jesus, intérprete do Espírito de Verdade, sois nosso irmão em Deus. Estamos reunidos todos com o mesmo coração, sob a proteção de São João Batista, protetor da Humanidade e precursor do grande mestre Jesus, nosso Salvador. Nós vos rogamos, nosso caro mestre, que mergulheis vosso olhar no fundo de nossos corações, a fim de que possais dar-vos conta da simpatia que temos por vós. Somos pobres trabalhadores, sem artifícios. Uma grossa cortina, desde a nossa infância, foi estendida sobre nós, para abafar a nossa inteligência, mas vós, caro mestre, pela vontade do Todo-Poderoso, rasgais a cortina. Essa cortina, que eles julgavam impenetrável, não pôde resistir à vossa digna coragem. Oh, sim, nosso irmão! Tomastes a pesada enxada para descobrir a semente do Espiritismo, que se tinha encerrado num terreno de granito. Vós a semeais nos quatro cantos do globo, e até nos pobres bairros de ignorantes, que começam a saborear o pão da vida.”

“Todos o dizemos do fundo do coração; estamos animados do mesmo fogo e

repetimos todos: Glória a Allan Kardec e aos bons Espíritos que o inspiraram! E vós, bons irmãos Sr. e Sra. Dijoud, os abençoados por Deus, por Jesus e por Maria, estais gravados em nossos corações, para jamais sair, porque por nós sacrificastes vossos interesses e vossos prazeres materiais. Deus o sabe; nós lhe agradecemos por vos haver escolhido para esta missão e agradecemos também ao nosso protetor superior São João Batista.

“Obrigado, Sr. Allan Kardec; mil vezes obrigado, em nome do grupo de SaintJust, por estar entre nós, simples operários e ainda muito imperfeitos em Espiritismo. Vossa presença nos causa uma grande alegria em meio de nossas tribulações, que são grandes neste momento de crise comercial. Vós nos trazeis o bálsamo benfazejo que chamam esperança, que acalma os ódios e reacende no coração do homem o amor e a caridade. Nós nos aplicaremos, caro mestre, em seguir vossos bons conselhos e os dos Espíritos superiores que tiverem a bondade de nos ajudar e instruir, a fim de nos tornarmos, todos, verdadeiros e bons espíritas.

Caro mestre, tende certeza de que levais convosco a simpatia de nossos corações para a eternidade, nós o prometemos. Somos e seremos sempre vossos adeptos sinceros e submissos. Permitti a mim e ao médium, que vos demos o beijo de amor fraterno em nome de todos os irmãos e irmãs que aqui estão. Ficaríamos muito felizes também se quisésseis brindar conosco.”

Nós vínhamos de longe e tínhamos subido às alturas de Saint-Just com um calor extenuante. Alguns refrescos tinham sido preparados, em meio dos instrumentos do trabalho: pão, queijo, frutas, um copo de vinho; verdadeiro ágape oferecido com a simplicidade antiga e um coração sincero. Um copo de vinho! ah! em nossa intenção, porque essa boa gente não o bebe todos os dias; mas era uma festa para eles: ia-se falar de Espiritismo. Oh! Foi com o coração alegre que brindamos com eles, e seu modesto lanche, aos nossos olhos, tinha cem vezes mais valor do que os mais esplêndidos repastos. Que eles recebam aqui a confirmação disto.

Alguém nos dizia em Lyon: “O Espiritismo penetra nos meios operários pelo raciocínio; não seria tempo de procurar que penetrasse pelo coração?” Certamente esta pessoa não conhece os operários; seria desejável que se encontrasse tanto coração em todas as pessoas. Se tal linguagem não for inspirada pelo coração; se o coração nada significa para aquele que no Espiritismo encontra a força de vencer suas más inclinações; de lutar com resignação contra a miséria; de abafar seus rancores e animosidades; para aquele que partilha seu pedaço de pão com um mais infeliz, confessamos não saber onde está o coração.

Mais um banquete reuniu este ano certo número de espíritas em Lyon, com a diferença de que no ano passado havia uns trinta convivas, ao passo que agora contavam-se cento e sessenta, representando os diversos grupos que se consideram como membros de uma mesma família, e entre os quais não há sombra de ciúme e de rivalidade, fato este que notamos com prazer. A maioria dos presentes eram operários, e todos notaram a perfeita ordem que não deixou de reinar um só instante.

É que os verdadeiros espíritas têm satisfação nas alegrias do coração e não nos prazeres barulhentos. Foram pronunciados vários discursos. Vamos transcrevê-los aqui, pois eles resumem a situação e caracterizam uma das fases da marcha do Espiritismo. Além disso, dão a conhecer o verdadeiro espírito dessa população, outrora olhada com certo receio, porque mal julgada, e também, talvez, mal dirigida moralmente. Um dos principais discursos infelizmente não será publicado, o que lamentamos sinceramente. É o do Sr. Renaud, notável por suas apreciações, e no qual nada encontramos em demasia, a não ser os elogios a nós dirigidos. Sua cópia, um tanto longa, não nos foi entregue antes de nossa partida, o que nos priva de sua publicação. Nem por isto somos menos reconhecidos ao autor, pelos testemunhos de simpatia que nos deu.

Notou-se que, por uma coincidência não premeditada, porquanto subordinado à nossa chegada, o banquete deste ano foi na mesma data daquele do ano passado, 19 de setembro.

ALOCUÇÃO DO SR. DIJOURD,
CHEFE DE OFICINA,
PRESIDENTE DO GRUPO ESPÍRITA
DE BROTTÉAUX,
EM AGRADECIMENTO
AOS BONS ESPÍRITOS

Meus bons amigos,

É em nome de todos que venho agradecer aos bons Espíritos por nos haverem reunido e iniciado, por suas manifestações, nas leis divinas, às quais estamos todos submetidos, satisfação imensa para nós, pois as suaves consolações que nos dão nos fazem suportar com paciência e resignação as provas e sofrimentos desta vida passageira, pois agora não mais ignoramos o fim de nossas encarnações de rude labor, nem e a recompensa que espera o nosso Espírito, se as suportarmos com coragem e submissão.

Também com eles aprendemos que se ouvirmos seus conselhos e se praticarmos a sua moral sublime, seremos nós mesmos que construiremos o reino de felicidade que Deus nos prometeu por intermédio de seu filho. Então o egoísmo, a calúnia e a malícia desaparecerão do nosso meio, pois somos todos irmãos e devemos amar-nos, ajudar-nos e nos perdoarmos como irmãos.

É, pois, ao apelo invisível dos Espíritos superiores que respondemos, aqui vindo testemunhar-lhes o nosso reconhecimento com a unanimidade de nossos corações. Roguemo-lhes que nos conservem sob sua proteção e seu amor e que continuem suas instruções tão suaves, tão consoladoras e tão vivificantes, que nos fizeram tanto bem, desde que tivemos a felicidade de receber suas comunicações.

Oh, meus amigos! Como é belo o dia em que Deus nos convidou! Tomemos todos a resolução de ser bons e sinceros espíritas e de jamais esquecer esta doutrina que fará a felicidade da Humanidade inteira, conduzindo os homens para o bem. Obrigado aos bons Espíritos que nos assistem e nos trazem a luz, e obrigado a Deus por no-los haver enviado!

BRINDE DO SR. COURTET, NEGOCIANTE

Senhores,

Como membro do Grupo Espírita de Brotteaux, e em seu nome, venho vos propor um brinde em honra do senhor e da senhora Dijoud.

Senhora! Cumpro um dever muito agradável, servindo de intérprete de toda a nossa Sociedade, que vos agradece por tudo quanto fizestes em nosso favor! Quantas consolações fizestes brotar entre nós! Quantas lágrimas de ternura e de alegria nos fizestes derramar! Vosso coração tão bom e tão modesto não se orgulhou com os vossos sucessos e com isso vossa caridade aumentou.

Bem sabemos, senhora, que sois apenas intérprete dos Espíritos superiores que a vós estão ligados, mas também sabemos com que devotamento realizais essa tarefa! Por vosso intermédio nos iniciamos nessas altas questões de moral e de filosofia, cuja solução deve trazer o reino de Deus e, por consequência, a felicidade dos homens nesta Terra.

Também vos agradecemos, senhora, a assistência que dais aos nossos doentes. Vossa fé e vosso zelo disso recebem a recompensa pela satisfação que experimentais em fazer o bem e aliviar o sofrimento. Nós vos pedimos a continuação dos vossos bons ofícios. Ficai certa de toda a nossa gratidão e de nosso eterno reconhecimento.

Sr. Dijoud, nós vos agradecemos a inteligência, a firmeza e a complacência que trazeis às nossas reuniões. Contamos convosco para continuar esta grande obra com o concurso dos bons Espíritos.

BRINDE DO SR. BOUILLANT, PROFESSOR

Tenho a honra de erguer um brinde ao Sr. Allan Kardec, um brinde todo de gratidão e reconhecimento, em nome dos seus adeptos, de seus apóstolos aqui presentes.

Ah! Como somos felizes, nós, os voluntários da grande obra, da obra fecunda e regeneradora, por vermos entre nós nosso valoroso e bem-amado chefe!

Se experimentamos essa felicidade, é preciso reconhecê-lo, é que o favor especial que hoje nos é concedido é um desses que não se esquece; que jamais se esquece. Ora! Qual é o soldado, por exemplo, que não se recordaria com o mais vivo ardor que seu general quis a ele se unir para partir o mesmo pão, à mesma mesa?

Pois bem! Nós também, caro mestre, somos vossos soldados, vossos voluntários e, por mais alto que tendes plantado o vosso estandarte, a nós não cabe defendê-lo, que ele não o necessita, mas a nós cabe fazê-lo triunfar, por uma prudente e fervorosa propagação. Esta causa, na verdade, é tão bela, tão justa, tão consoladora! Vós no-lo provastes tão bem em vossas obras, tão cheias de erudição, de saber, de eloquência! Ah! Nós todos o reconhecemos, lá estão páginas do homem inspirado pelo Espírito puro, pois cada um de nós compreendeu, ao beber na fonte do vosso consciencioso trabalho, que todos os vossos pensamentos eram outras tantas emanções do Altíssimo!

Depois, caro mestre, se acrescentamos que vossa missão aqui é santa e sagrada, é que mais de uma vez sentimos, auxiliados por vossas luzes, a centelha fluídica que interliga os mundos visíveis e invisíveis que gravitam na imensidade! Assim, nossos corações batem em uníssono, com um mesmo amor por vós. Recebei, por isso, a sua expressão viva, sincera e profunda. A vós, de todo o coração, a vós, de todo o nosso espírito!

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC NO BANQUETE DE LYON²⁶

Senhoras e senhores, todos vós, meus caros e bons irmãos no Espiritismo,

Se há circunstâncias em que se possa lamentar a insuficiência de nossa pobre linguagem humana, é quando se trata de exprimir certos sentimentos, e esta é, no momento, a minha posição. O que experimento é ao mesmo tempo uma surpresa muito agradável, quando vejo o terreno imenso que a Doutrina Espírita ganhou entre vós desde há um ano, e eu admiro a Providência; é uma alegria indizível à vista do bem que ela aqui produz e das consolações que espalha sobre tantas dores ostensivas ou ocultas, do que deduzo o futuro que a aguarda; é uma felicidade inexprimível encontrar-me em meio a esta família, que em pouco tempo se tornou tão numerosa e que cresce diariamente; é, enfim e acima de tudo, uma profunda e sincera gratidão pelos tocantes testemunhos de simpatia que de vós recebo.

Esta reunião tem um carácter particular. Graças a Deus, aqui somos todos espíritas suficientemente bons, penso eu, para não vermos senão o prazer de nos acharmos juntos, e não o de nos acharmos à mesa. E, diga-se de passagem, creio mesmo que um festim de espíritas seria uma contradição. Presumo, também, que me convidando tão graciosamente e com tanta instância para vir ao vosso meio, não pensastes que um banquete fosse para mim motivo de atração. Foi o que me apressei a escrever aos meus bons amigos Rey e Dijoud, quando se desculparam pela simplicidade da recepção. Porque, ficai bem certos, o que mais me honra nesta circunstância, aquilo de que posso, com razão, estar orgulhoso, é a cordialidade e a sinceridade do acolhimento, o que se encontra muito raramente nas recepções aparatosas, pois aqui não há máscaras nos rostos.

Se uma coisa pudesse diminuir a felicidade que tenho de me achar entre vós, seria o fato de poder ficar aqui tão pouco tempo. Ter-me-ia sido muito agradável prolongar minha demora num dos centros mais numerosos e mais zelosos do Espiritismo, mas, desde que desejastes receber de mim algumas instruções, certamente não levareis a mal que eu utilize todos os instantes, saia um pouco das banalidades muito comuns em semelhantes circunstâncias, e que minha alocação assumia certa gravidade, pela gravidade do motivo que nos reúne. Certamente se estivéssemos num jantar de bodas ou de batizado, seria inoportuno falar de almas, da morte, da vida futura. Mas, repito, aqui

²⁶ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1861, RJ: Ed. FEB, 1997.

estamos para nos instruímos, mais do que para comer e, em todo o caso, não é para nos divertirmos.

Não julgueis, senhores, que esta espontaneidade que vos levou a vos reunirdes aqui seja um fato puramente pessoal. Esta reunião, não duvideis, tem um caráter especial e providencial. Uma vontade superior a provocou. Mãos invisíveis vos impeliram para cá, malgrado vosso, e talvez um dia ela seja inserida nos fastos do Espiritismo. Possam os nossos irmãos futuros lembrar este dia memorável, em que os espíritas lioneses, dando exemplo de união e concórdia, plantaram, nestes novos ágapes, a primeira baliza da aliança que deve existir entre os espíritas de todos os países do mundo, porque o Espiritismo, restituindo ao Espírito seu verdadeiro papel na Criação, e constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, suprime naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens em consequência das vantagens corporais e mundanas sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor.

Alargando o círculo da família pela pluralidade das existências, o Espiritismo estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional que aquela que tem por base apenas os frágeis laços da matéria, pois esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eternos. Uma vez bem compreendidos, tais laços influirão, pela força das coisas, nas relações sociais, e mais tarde na legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade.

Ver-se-á então desaparecerem essas anomalias que chocam os homens de bom-senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje. Mas isto é a obra do tempo. Deixemos a Deus o cuidado de fazer que cada coisa venha a seu tempo. Esperemos tudo de sua sabedoria, e rendamos-lhe graças por nos ter permitido assistir à aurora que surge para a Humanidade e por nos haver escolhido como os pioneiros da grande obra que se prepara. Que ele se digne espalhar sua bênção sobre esta assembleia, a primeira em que os adeptos do Espiritismo estão reunidos em tão grande número, com um sentimento de verdadeira confraternidade.

Digo de verdadeira confraternidade porque tenho a convicção íntima de que todos aqui presentes não trazem outra. Mas não tenhais dúvidas que entre nós estejam numerosas coortes de Espíritos que no momento nos ouvem; que veem todas as nossas ações; que sondam o pensamento de cada um, e que escrutam sua força ou sua fraqueza moral. Os sentimentos que os animam são muito diversos.

Se uns estão felizes nesta união, outros, acreditai, estão horrivelmente invejosos. Saindo daqui, vão tentar semear a discórdia e a desunião. Cabe-vos a todos vós, bons e sinceros espíritas, provar-lhes que perdem seu tempo e que se equivocam julgando encontrar aqui corações acessíveis às suas pérfidas sugestões. Invocai, pois, com fervor, a assistência dos vossos anjos da guarda, a fim de que afastem de vós todo pensamento que não seja para o bem.

Ora, como o mal não pode ter sua fonte no bem, o simples bom-senso diz que todo pensamento mau não pode vir de um bom Espírito; e um pensamento é necessariamente

mau quando contrário à lei do amor e da caridade; quando tem por móvel a inveja ou o ciúme, o orgulho ferido, ou mesmo uma pueril susceptibilidade do amor-próprio ferido, irmão gêmeo do orgulho, que levaria a olhar seus irmãos com desdém. Amor e caridade para com todos, diz o Espiritismo; Armarás a teu próximo como a ti mesmo, diz o Cristo. Não são sinônimos?

Meus amigos, eu vos felicitei pelos progressos que o Espiritismo fez entre vós, e ao constatá-lo, não poderia me sentir mais feliz do que me sinto. Felicitai-vos, por vosso lado, porque esse mesmo progresso verifica-se em toda parte. Sim, este último ano viu o Espiritismo crescer em todos os países, numa proporção que ultrapassou todas as esperanças. Ele está no ar, nas aspirações de todos, e por toda parte encontra ecos, bocas que repetem: Eis o que eu esperava; eis o que uma voz secreta me fazia pressentir. Mas o progresso se manifesta agora em nova fase: é a fase da coragem, que há pouco ainda não existia. Só se falava dele em segredo e às ocultas.

Hoje a gente se confessa espírita tão abertamente quanto se confessa católico, judeu ou protestante. Enfrenta-se a zombaria, e essa coragem se impõe aos trocistas, que são como os cachorrinhos que perseguem os que fogem e fogem se perseguidos. Esta zombaria dá coragem aos tímidos e em muitas localidades revela muitos espíritas que se desconheciam mutuamente. Tal movimento pode estacionar? Poderão detê-lo? Digo alto e bom som: Não! Para isto puseram tudo em ação: sarcasmos, troça, ciência, anátemas. Ele ultrapassou tudo, sem diminuir a sua marcha um segundo. Cego, pois, é quem nisto não vê o dedo de Deus. Poderão entravá-lo, represá-lo nunca, porque se não correr pela direita, correrá pela esquerda.

Vendo os benefícios morais que ele proporciona, as consolações que dá, os próprios crimes que já impediu, a gente se pergunta: quem tem interesse em combatê-lo? Para começar, tem contra si os incrédulos, que o ridicularizam. Estes não são para temer, pois viram suas setas afiadas quebrar-se contra a própria couraça. Os ignorantes, que o combatem sem conhecê-lo, são os mais numerosos, mas a sua verdade combatida pela ignorância jamais teve algo a temer, pois os ignorantes se refutam por si mesmos, sem o querer, segundo o testemunho do Sr. Louis Figuier, na sua *Histoire du Merveilleux*. A terceira categoria de adversários é mais perigosa, por ser tenaz e pérfida.

Ela compõe-se de todos aqueles cujos interesses materiais podem ser feridos. Eles combatem na sombra, e as flechas envenenadas da calúnia não lhes faltam. Eis os verdadeiros inimigos do Espiritismo, como em todos os tempos o têm sido de todas as ideias de progresso, e que são encontrados em todas as fileiras, em todas as classes da Sociedade. Vencerão? Não, porque ao homem não é dado opor-se à marcha da Natureza, e o Espiritismo está na ordem das coisas naturais. Mais cedo ou mais tarde terão que tomar o seu partido e aceitar o que for aceito por todos. Não, eles não o vencerão. Eles é que serão vencidos.

Um novo elemento vem juntar-se à legião dos espíritas: o das classes laboriosas. Notai nisto a sabedoria da Providência. O Espiritismo propagou-se primeiro nas camadas

esclarecidas, nas mais altas esferas sociais. A princípio isto era necessário para lhe dar mais crédito, e depois para que fosse elaborado e expurgado das ideias supersticiosas que a falta de instrução nele poderia introduzir, e com as quais teria sido confundido. Apenas constituído, se assim se pode falar de uma Ciência tão nova, tocou as classes laboriosas e entre elas se propaga com rapidez.

Ah! É que nele há tantas consolações a dar, tanta coragem moral a recompor, tantas lágrimas a enxugar, tanta resignação a inspirar, que nesses meios foi acolhido como uma âncora de salvação, como uma égide contra as tentações da necessidade. Por toda parte onde o vi penetrar na morada do trabalho, o vi produzir seus efeitos moralizadores. Alegrai-vos, pois, operários lioneses que me ouvis, por terdes noutras cidades, como Sens, Lille, Bordéus, irmãos espíritas que como vós abjuraram as culposas esperanças na desordem e os criminosos desejos de vingança. Continuai a provar pelo exemplo os benéficos resultados desta doutrina. Aos que perguntarem para que pode ela servir, respondi:

Em meu desespero eu queria me matar, mas o Espiritismo tolheu-me, porque sei o que custa abreviar voluntariamente as provas que a Deus aprouve mandar aos homens.

Para me atordoar, embriagava-me, mas compreendi o quanto era desprezível por tirar-me voluntariamente a razão, privando-me assim de ganhar o meu pão e o dos filhos.

Eu me havia divorciado de todos os sentimentos religiosos. Hoje rogo a Deus e deponho a minha esperança na sua misericórdia.

Eu só acreditava no nada como supremo remédio para as minhas misérias. Meu pai comunicou-se comigo e me disse: Meu filho, coragem! Deus te vê. Um esforço a mais e estarás salvo! E eu me prostrei de joelhos diante de Deus e lhe pedi perdão.

Vendo ricos e pobres, gente que tem tudo e gente que nada tem, eu acusava a Providência. Hoje sei que Deus tudo pesa na balança de sua justiça e espero o seu julgamento. Se estiver em seus desígnios que eu deva sucumbir ao sofrimento, então sucumbirei, mas com a consciência pura e sem levar o remorso de haver roubado um óbolo de quem me podia salvar a vida.

Dizei-lhes: Eis para que serve o Espiritismo, esta loucura, esta quimera, como o chamais. Sim, meus amigos, continuai a pregar pelo exemplo. Fazei compreender o Espiritismo com suas conseqüências salutares, e quando ele for compreendido, não mais se amedrontarão bem ao contrário, será acolhido como uma garantia da ordem social, e os próprios incrédulos serão forçados a falar dele com respeito.

Mencionei os progressos do Espiritismo. É que, com efeito, não há exemplo de uma doutrina, seja qual for, que tenha marchado com tanta rapidez, sem excetuar o próprio Cristianismo. Querirá isto dizer que lhe seja superior? Que deva suplantá-lo? Não. Mas é aqui o lugar de estabelecer o seu verdadeiro caráter, a fim de destruir uma prevenção muito generalizada entre os que não o conhecem.

Em seu nascimento, teve o Cristianismo que lutar contra uma potência terrível: o Paganismo, então universalmente espalhado. Não havia entre eles qualquer aliança

possível, como não há entre a luz e as trevas. Numa palavra, ele não poderia propagar-se senão destruindo o que havia. Assim, a luta foi longa e terrível, do que as perseguições são a prova. O Espiritismo, ao contrário, nada tem a destruir, porque assenta suas bases no próprio Cristianismo; sobre o Evangelho, do qual é simples aplicação. Concebei a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição.

Não é, pois, como pretendem alguns, sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma à custa das mais antigas. É uma doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um a inteira liberdade de suas crenças, desde que nenhuma impõe. A prova disto é que tem aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos como entre os protestantes, os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, isto é, com as almas. Ora, como os judeus, os protestantes e os muçulmanos têm alma como nós, resulta que elas podem comunicar-se tanto com eles quanto conosco, e que, conseqüentemente, eles podem ser espíritas como nós.

Não é uma seita política, como não o é religiosa. É a constatação de um fato que não pertence mais a um partido do que a eletricidade e as estradas de ferro. É, repito, uma doutrina moral, e a moral está em todas as religiões e em todos os partidos.

A moral que ele ensina é boa ou má? É subversiva? Eis toda a questão. Estudem-no e saberão de que se trata. Ora, desde que é a moral do Evangelho desenvolvida e aplicada, condená-la seria condenar o Evangelho.

Tem feito bem ou mal? Estudai-o ainda, e vereis. Que tem feito? Impediu inúmeros suicídios; devolveu a paz e a concórdia a grande número de famílias; tornou mansos e pacientes homens violentos e coléricos; deu resignação aos que não a tinham, e consolações aos aflitos; reconduziu a Deus os que o desconheciam, destruindo-lhes as ideias materialistas, verdadeira chaga social que aniquila a responsabilidade moral do homem.

Eis o que tem feito e faz todos os dias, e o que fará cada vez mais, à medida que se espalhar. Será este o resultado de uma doutrina má? Não sei de ninguém que tenha atacado a moral do Espiritismo. Apenas dizem que a religião pode produzir tudo isto. Concordo perfeitamente. Mas, então, porque não produz sempre? É porque não são todos que a entendem. Ora, o Espiritismo, tornando claro e inteligível para todos aquilo que não o é e tornando evidente aquilo que é duvidoso, conduz à aplicação, ao passo que jamais se sente necessidade daquilo que se não compreende. Portanto, longe de ser antagonista da Religião, o Espiritismo é seu auxiliar.

A prova disto é que ele conduz às ideias religiosas os que as haviam repellido. Em resumo, o Espiritismo jamais aconselhou quem quer que fosse a mudar de religião ou a sacrificar suas crenças. Ele não pertence realmente a nenhuma religião ou, melhor dizendo, ele está em todas elas.

Senhores, ainda algumas palavras, por favor, sobre uma questão absolutamente prática. O crescente número dos espíritas em Lyon mostra a utilidade do conselho que vos

dei no ano passado, relativamente à formação de grupos. Reunir todos os adeptos numa sociedade única seria, hoje, uma coisa materialmente impossível, e será mais ainda dentro de algum tempo. Além do número, somam-se a essa impossibilidade as distâncias a percorrer, em vista da extensão da cidade, bem como as diferenças de hábitos, conforme as posições sociais.

Por esses motivos e por muitos outros, que seria longo aqui desenvolver, uma sociedade única é uma quimera impraticável. Multiplicai os grupos o mais possível. Que haja dez. Que haja cem, se necessário, e ficai certos de que chegareis mais rapidamente, mais seguramente.

Haveria aqui coisas importantes a dizer sobre a unidade de princípios; sobre a divergência que poderia existir entre eles, relativamente a alguns pontos, mas eu me detenho, para não abusar de vossa paciência em me escutar, paciência que já pus a uma prova muito longa. Se desejardes, farei disto objeto de uma instrução especial, que enviarei dentro em breve.

Termino esta alocução, senhores, a que me deixei arrastar pela raridade mesma das ocasiões que tenho a felicidade de estar em vosso meio. Levarei da vossa acolhida benevolente uma lembrança que jamais se apagará, tende certeza.

Ainda uma vez, meus amigos, obrigado do fundo do coração, pelos sinais de simpatia que me testemunhais; obrigado pelas bondosas palavras que me dirigistes por vossos intérpretes, e das quais só aceito o dever que elas me impõem quanto ao que me resta fazer, e não os elogios. Possa esta solenidade ser o penhor da união que deve existir entre todos os verdadeiros espíritas!

Levanto um brinde aos espíritas lioneses e a todos os que dentre eles se distinguem por seu zelo, seu devotamento, sua abnegação, e que vós mesmos indicais, sem que eu precise fazê-lo.

Aos espíritas lioneses, sem distinção de opinião, estejam ou não presentes!

Senhores, os Espíritos também querem participar desta festa de família, e deixar aqui sua palavra. Erasto, que conheceis pelas notáveis dissertações publicadas na Revista, ditou espontaneamente, antes da minha partida, e em vossa intenção, a epístola seguinte, que me encarregou de ler em seu nome. É com prazer que desempenho esta missão.

Assim tereis a prova de que os Espíritos com os quais vos comunicais não são os únicos a se ocuparem convosco e com os problemas que vos dizem respeito. Esta certeza não pode senão reforçar a vossa fé e a vossa confiança, vendo que o olhar vigilante dos Espíritos superiores se estende sobre todos, e que, sem a menor dúvida, também vós sois objeto de sua solicitude.

EPÍSTOLA (NA ÍNTEGRA) DE ERASTO AOS ESPÍRITAS LIONESES²⁷

Não é sem a mais suave emoção que venho entreter-me convosco, caros espíritas do grupo lionês. Num meio como o vosso, onde todas as camadas se confundem, onde todas as condições sociais se dão as mãos, sinto-me cheio de ternura e de simpatia, e feliz por vos poder anunciar que nós todos, que somos os iniciadores do Espiritismo na França, assistiremos com muito viva alegria os vossos ágapes fraternos, aos quais fomos convidados por João e Irineu, vossos eminentes guias espirituais.

Ah! Esses ágapes despertam em meu coração a lembrança daqueles em que todos nos reuníamos, há mil e oitocentos anos, quando combatíamos os costumes dissolutos do paganismo romano, e quando já comentávamos os ensinamentos e as parábolas do Filho do Homem morto para a propagação da ideia santa, sobre o madeiro da infâmia.

Meus amigos, se o Altíssimo, por efeito de sua infinita misericórdia, permitisse que a lembrança do passado pudesse brilhar um instante em vossa memória entorpecida, recordar-vos-íeis dessa época, ilustrada pelos santos mártires da plêiade lionesa: Sanctus, Alexandre, Attale, Episódio a doce e corajosa Blandine, Irineu o bispo audaz, de cujo cortejo muitos de vós então participáveis, aplaudindo seu heroísmo e cantando louvores ao Senhor. Também vos lembraríeis de que vários dos que me ouvem regaram com seu sangue a terra lionesa, esta terra fecunda que Eucher e Gregório de Tours chamaram de pátria dos mártires.

Não vós nomearei, mas podeis considerar os que, em vossos grupos, desempenham uma missão, um apostolado, como tendo sido mártires da propagação da ideia igualitária, ensinada do alto do Gólgota pelo nosso Cristo bem-amado! Hoje, caros discípulos, aquele que foi sagrado por São Paulo vem dizer-vos que vossa missão é sempre a mesma, porque o paganismo romano, sempre de pé, sempre vivaz, ainda enlaça o mundo, como a hera enlaça o carvalho.

Deveis, pois, espalhar entre os vossos irmãos infelizes, escravos de suas paixões ou das paixões alheias, a santa e consoladora doutrina que meus amigos e eu viemos revelar-vos por nossos médiuns de todos os países. Não obstante, constatamos que os tempos progrediram; que os costumes já não são os mesmos e que a Humanidade cresceu, porque hoje, se fôsseis vítimas de perseguição, esta não emanaria mais de um poder tirânico e

²⁷ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1861, RJ: Ed. FEB, 1997.

invejoso, como ao tempo da Igreja primitiva, mas de interesses coligados contra a ideia e contra vós, os apóstolos da ideia.

Acabo de pronunciar a palavra igualitária. Julgo útil nela deter-me um pouco, porque não vimos pregar, em vosso meio, utopias impraticáveis, pois, ao contrário, repelimos energicamente tudo quanto pareça ligar-se às prescrições de um comunismo antissocial. Antes de tudo, somos essencialmente propagandistas da liberdade individual, indispensável ao desenvolvimento dos encarnados.

Consequentemente, somos inimigos declarados de tudo quanto se aproxime dessas legislações conventuais, que aniquilam brutalmente os indivíduos. Embora me dirija a um auditório em parte composto de artífices e proletários, sei que suas consciências, esclarecidas pelas radiações da verdade espírita, já repeliram todo contato com as teorias antissociais dadas com apoio da palavra igualdade. Seja como for, creio dever restituir a ela sua significação cristã, conforme aquele que, dizendo: “Dai a César o que de César”, a explicou.

Então, espíritas! A igualdade proclamada pelo Cristo, e que nós mesmos professamos nos vossos grupos amados, é a igualdade ante a justiça de Deus, isto é, nosso direito, conforme nosso dever cumprido, de subir na hierarquia dos Espíritos e um dia atingir os mundos adiantados, onde reina a perfeita felicidade. Para isto não são levados em conta nem o nascimento, nem a fortuna. O pobre e o fraco a alcançam, bem como o rico e o poderoso, porque uns não levam materialmente mais que os outros, e como lá ninguém compra seu lugar e seu perdão com dinheiro, os direitos são iguais para todos. Igualdade diante de Deus, eis a verdadeira igualdade.

Não vos será perguntado o que possuístes, mas o uso que fizestes do que possuístes. Ora, quanto mais houverdes possuído, mais demoradas e mais difíceis serão as contas que tereis de prestar da vossa gestão. Assim, portanto, conforme vossas existências de missões, de provas ou de castigos nas paragens terrenas, cada um de vós, em consonância com as suas boas ou as más obras, progredirá na escala dos seres ou recomeçará, mais cedo ou mais tarde, a sua existência, caso se tenha desviado. Em consequência, repito, proclamando o dogma sagrado da igualdade, não vimos ensinar que aqui em baixo deveis ser todos iguais em riqueza, saber e felicidade, mas que chegareis todos, à vossa hora e conforme os vossos méritos, à felicidade dos eleitos, partilha das almas de escol que cumpriram os seus deveres.

Meus caros espíritas, eis a igualdade a que tendes direito, a que vos conduzirá o Espiritismo emancipador, a que vos convido com todas as forças. Para atingi-la, que deveis fazer? Obedecer a estas duas palavras sublimes: amor e caridade, que resumem admiravelmente a lei e os profetas. Amor e caridade! Ah! Aquele que, segundo a sua consciência, cumprir as prescrições desta máxima divina, estará certo de subir rapidamente os degraus da escada de Jacob e de logo atingir as esferas elevadas, de onde poderá adorar, contemplar e compreender a majestade do Eterno.

Não podeis acreditar quanto nos é doce e agradável presidir ao vosso banquete,

onde o rico e o artífice se acotovelam brindando à fraternidade; onde o judeu, o católico e o protestante podem sentar-se à mesma comunhão pascal. Não podeis crer quanto me sinto orgulhoso de vos distribuir, a todos e a cada um, os elogios e o encorajamento que o Espírito de Verdade, nosso bem-amado mestre, me ordenou conferir às vossas piedosas coortes. A ti, Dijoud; a ti, sua digna companheira; a vós todos, devotados missionários, que espalhais os benefícios do Espiritismo, obrigado por vosso concurso e vosso zelo.

Mas, noblesse oblige, meus amigos, sobretudo a do coração. Seríeis muito culpados, muito criminosos se faltásseis, no futuro, às vossas santas missões. Mas não falhareis. Tenho como garantia o bem que realizastes e o que vos resta a fazer. Mas é a vós, meus bem-amados irmãos no labor cotidiano, que reservo minhas mais sinceras felicitações, porque, eu o sei, subis penosamente o vosso Gólgota, levando, como o Cristo, a vossa cruz dolorosa. Que poderia dizer de mais elogioso para vós do que lembrar a coragem e a resignação com que suportais os desastres inauditos que a luta fratricida mas necessária das duas Américas engendra em vosso meio? Ah! Ninguém pode negar que a benéfica influência do Espiritismo já se faz sentir. Ela penetrou, com a esperança e a fé, no meio das oficinas.

Quando nos lembramos do período do último reino, em que, desde que faltava o trabalho, os operários desciam da Croix-Rousse para os Terreaux, em grupos tumultuosos, fazendo pressagiar motins, e os motins a repressão terrível, devemos agradecer a Deus a nova revelação. Com efeito, segundo essa imagem vulgar de que se servem em sua linguagem pitoresca, muitas vezes é preciso dançar diante do bufete. Então dizem, apertando o cinto: Bem! Comeremos amanhã!!! Bem sei que a caridade pública e particular se preocupam e agem, mas não é nisso que está o verdadeiro remédio. A Humanidade necessita de algo melhor.

Por isso, se o Cristianismo preconizou a igualdade e as leis igualitárias, o Espiritismo encerra em suas entranhas a fraternidade e as suas leis, obra grandiosa e durável que os séculos futuros bendirão. Lembrai-vos, meus amigos, que o Cristo escolheu seus apóstolos entre os últimos dos homens, e que estes, mais fortes que os Césares, conquistaram o mundo para a ideia cristã. A vós, pois, incumbe a obra santa de esclarecer vossos companheiros de fábrica, e de propagar nossa sublime doutrina, que faz os homens tão fortes na adversidade, para que o espírito do mal e da revolta não venha suscitar o ódio e a vingança no coração dos vossos irmãos ainda não tocados pela graça espírita.

Esta obra vos pertence por inteiro, meus caros amigos. Sei que a realizareis com o amor e o zelo que dá a consciência de um dever a cumprir. Um dia, a História reconhecida escreverá em seus anais que os operários de Lyon, esclarecidos pelo Espiritismo, muito mereceram da pátria em 1861 e 1862, pela coragem e resignação com que suportaram as tristes consequências das lutas escravagistas entre os Estados desunidos da América. Que importa! Esses tempos de lutas e de provas, meus filhos, são abençoados por Deus, enviados para desenvolver a coragem, a paciência e a energia para apressar a elevação e o aperfeiçoamento do orbe terrestre e dos Espíritos nele aprisionados nos laços carnis da

matéria! Ide, agora.

A trincheira está aberta no Velho Mundo, e sobre as suas ruínas aclamareis a era espírita da fraternidade, que vos mostra o objetivo e o fim das misérias humanas, consolando e fortalecendo vossos corações contra a adversidade e a luta. Confundireis os incrédulos e os ímpios, agradecendo a Deus o quinhão de vossos infortúnios e de vossas provas, porque estas vos aproximam da felicidade eterna.

Resta-me fazer-vos ouvir alguns conselhos já dados muitas vezes por vossos guias habituais, mas que minha posição pessoal e a circunstância atual me aconselham a lembrar-vos. Meus bons amigos, aqui me dirijo a todos os espíritas, a todos os grupos, a fim de que nenhuma cisão, nenhuma dissidência, nenhum cisma surjam entre vós, mas que, ao contrário, uma crença solidária vos anime e vos reúna todos, pois isto é necessário ao desenvolvimento de nossa doutrina benfazeja. Sinto como que uma vontade que me força a vos pregar a concórdia e a união, pois nisto, como em tudo, a união faz a força, e tendes necessidade de ser fortes e unidos, para fazer frente às tempestades que se aproximam.

E não só tendes necessidade de união entre vós, mas ainda com os vossos irmãos de todas as regiões. Por isso vos exorto a seguides o exemplo que vos deram os espíritas de Bordéus, cujos grupos particulares formam, todos, os satélites de um grupo central, o qual solicitou entrar em comunicação com a Sociedade iniciadora de Paris, a primeira a receber os elementos de um corpo de doutrina e lançar as bases sérias para os estudos do Espiritismo, que todos nós, espíritas, professamos no mundo inteiro.

Sei que aquilo que vos digo aqui não ficará perdido; aliás estou me referindo inteiramente aos conselhos que já recebestes, e que ainda receberéis dos vossos excelentes guias espirituais que vos dirigirão nesta via salutar, pois é necessário que a luz vá do centro para a periferia e desta para o centro, a fim de que todos aproveitem e se beneficiem dos trabalhos de cada um.

Aliás, é incontestável que submetendo ao cadinho da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, fácil será repelir o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado; um grupo, enganado, mas o controle severo dos outros grupos; a ciência adquirida e a grande autoridade moral dos chefes de grupos; as comunicações dos principais médiuns que recebem um cunho de lógica e de autenticidade de nossos melhores Espíritos, rapidamente farão justiça aos ditados mentirosos e astuciosos emanados de uma turba de Espíritos enganadores, imperfeitos ou maus. Repeli-os impiedosamente, a todos esses Espíritos que dão conselhos exclusivos, pregando a divisão e o isolamento.

Quase sempre são Espíritos vaidosos e medíocres, que tendem a impor-se aos homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes louvores exagerados, a fim de fasciná-los e de mantê-los sob seu domínio. Geralmente são Espíritos sedentos de poder, que, déspotas públicos ou no lar, quando vivos, ainda querem ter vítimas para tyrannizar, após a sua morte. Meus amigos, em geral desconfiai das comunicações que tenham um caráter de

misticismo ou de estranheza, ou que prescrevam cerimônias e atos bizarros. Nesses casos, há sempre um motivo legítimo de suspeita.

Por outro lado, crede bem que quando uma verdade deve ser revelada à Humanidade, é, por assim dizer, instantaneamente comunicada em todos os grupos sérios, que possuem médiuns sérios.

Enfim, creio que é bom repetir aqui que ninguém é médium perfeito se for obsedado. A obsessão é um dos maiores escolhos, e há manifesta obsessão quando um médium não é apto a receber comunicações senão de um Espírito especial, por mais alto que este procure colocar-se. Em consequência, todo médium e todo grupo que se julgam privilegiados por comunicações que só eles podem receber e que, por outro lado, são submetidos a práticas que tocam a superstição, estão indubitavelmente sob o domínio de uma obsessão muito bem caracterizada.

Digo tudo isto, meus amigos, porque existem no mundo médiuns fascinados por pérfidos Espíritos. Desmascararei impiedosamente tais Espíritos, se ousarem ainda profanar nomes venerados, dos quais se apoderam como ladrões e com os quais se enfeitam orgulhosamente, como lacaios com as roupas dos patrões. Eu os pregarei no pelourinho sem piedade, se persistirem em desviar do reto caminho cristãos honestos, espíritas zelosos, de cuja boa-fé abusaram.

Numa palavra, deixai-me repetir o que já aconselhei aos espíritas parisienses: é melhor repelir dez verdades momentaneamente do que admitir uma só mentira, uma única teoria falsa, porque sobre essa teoria, sobre essa mentira podereis construir todo um sistema que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento erigido sobre areia movediça, ao passo que se hoje rejeitardes certas verdades, certos princípios, porque não vos são demonstrados logicamente, logo um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade.

A João, a Irineu, a Blandina, bem como a todos os vossos Espíritos protetores incumbe a tarefa de vos premunir de agora em diante contra os falsos profetas da erraticidade. O grande Espírito emancipador que preside aos nossos trabalhos sob o olhar do Todo-Poderoso proverá isso, podeis crer-me. Quanto a mim, embora esteja mais particularmente ligado aos grupos parisienses, virei algumas vezes entreter-me convosco e acompanharei sempre com interesse os vossos trabalhos particulares.

Esperamos muito da província lionesa, e sabemos que não faltareis, nem uns nem outros, às vossas respectivas missões. Lembrai-vos de que o Cristianismo, trazido pelas legiões cesaristas, lançou, há quase dois mil anos, as primeiras sementes da renovação cristã em Vienne e Lyon, de onde se propagaram rapidamente à Gália do Norte. Hoje o progresso deve realizar-se numa radiação nova, isto é, do Norte para o Sul. À obra, pois, lioneses! É preciso que a verdade triunfe, e não é sem uma legítima impaciência que esperamos a hora em que soará a trombeta de prata que nos anunciará o vosso primeiro combate e a vossa primeira vitória.

Agora deixai-me agradecer-vos o recolhimento com que me escutastes e a simpática

acolhida que nos concedestes. Que Deus Todo-Poderoso, Senhor de nós todos, nos conceda sua benevolência e espalhe sobre vós e sobre o seu servo muito humilde os tesouros de sua misericórdia infinita! Adeus, lioneses! Eu vos bendigo!

Erasto

DISCURSOS PRONUNCIADOS NAS REUNIÕES GERAIS DOS ESPÍRITAS DE LYON E OUTRAS ²⁸

Senhores e caros irmãos espíritas,

Não sois mais principiantes em Espiritismo. Assim, hoje deixarei de lado os detalhes práticos sobre os quais, devo reconhecer, estais suficientemente esclarecidos, para considerar a questão sob um aspecto mais largo, sobretudo em suas consequências. Este lado da questão é grave, o mais grave incontestavelmente, pois que mostra o objeto para onde se inclina a Doutrina e os meios para atingi-lo.

Serei um pouco longo, talvez, pois o assunto é muito vasto e, contudo, restaria ainda muito a dizer para o completar. Assim, reclamarei vossa indulgência considerando que, não podendo ficar convosco senão por algum tempo, sou forçado a dizer de uma só vez o que, em outras circunstâncias, eu teria dividido em várias partes.

Antes de abordar o ângulo principal do assunto, creio dever examiná-lo de um ponto de vista que, de certo modo, me é pessoal. Todavia, se não se tratasse senão de uma questão individual, seguramente com ela eu não me ocuparia; porém, ela se liga a várias questões gerais, podendo resultar instruções para todo mundo. Foi esse o motivo que me levou a aproveitar esta ocasião para explicar a causa de certos antagonismos que muita gente se admira de encontrar em meu caminho.

No estado atual das coisas aqui na Terra, qual é o homem que não tem inimigos? Para não os ter, fora preciso não estar na Terra, por ser esta a consequência da inferioridade relativa do nosso globo e de sua destinação como mundo de expiação. Para isto, bastaria fazer o bem? Oh! Não; o Cristo não está aí para o provar? Se, pois, o Cristo, a bondade por excelência, foi alvo de tudo quanto a maldade pôde imaginar, por que nos admirarmos de que assim suceda com aqueles que valem cem vezes menos?

O homem que pratica o bem - isto dito em tese geral - deve, pois, esperar contar com a ingratidão, ter contra ele aqueles que, não o praticando, são ciumentos da estima

²⁸ KARDEC, Allan. *Viagem espírita em 1862*, SP: Editora Clarim, 2000.

concedida aos que o praticam. Os primeiros, não se sentindo fortalecidos para se elevarem, procuram rebaixar os outros ao seu nível, pondo em xeque, pela maledicência ou pela calúnia, aqueles que os ofuscam.

Ouve-se constantemente dizer que a ingratidão com que somos pagos endurece o coração e nos torna egoístas; falar assim é provar que se tem o coração fácil de ser endurecido, porquanto esse temor não poderia deter o homem verdadeiramente bom. O reconhecimento já é uma remuneração do bem que se faz; praticá-lo tendo em vista esta remuneração, é fazê-lo por interesse. E, depois, quem sabe se aquele a quem se faz um favor, e do qual nada se espera, não será levado a melhores sentimentos por um reto proceder? É talvez um meio de o levar a refletir, de abrandar sua alma, de salvá-lo! Esta esperança é uma nobre ambição; se nos decepcionamos, não teremos realizado o que nos cabia realizar.

Entretanto, não se deve crer que um benefício que permanece estéril na Terra seja sempre improdutivo; muitas vezes é um grão semeado que só germina na vida futura do beneficiado. Várias vezes já observamos Espíritos, ingratos como homens, serem tocados, como Espíritos, pelo bem que lhes haviam feito, e essa lembrança, despertando neles bons pensamentos, facilita-lhes o caminho do bem e do arrependimento, contribuindo para abreviar-lhes os sofrimentos. Só o Espiritismo poderia revelar este resultado da beneficência; só a ele estava dado, pelas comunicações de além-túmulo, mostrar o lado caridoso desta máxima: Um benefício jamais é perdido, em lugar do sentido egoísta que lhe atribuem. Mas, voltemos ao que nos concerne.

Pondo de lado qualquer questão pessoal, tenho adversários naturais nos inimigos do Espiritismo. Não penseis que me lastime: longe disto! Quanto maior é a animosidade deles, tanto mais ela comprova a importância que a Doutrina assume aos seus olhos; se fosse uma coisa sem consequência, uma dessas utopias que já nascem inviáveis, não lhe prestariam atenção, nem a mim.

Não vedes escritos muito mais hostis que os meus quanto aos preconceitos, e nos quais as expressões não são mais moderadas do que a ousadia dos pensamentos, sem que, no entanto, digam uma única palavra? Dar-se-ia o mesmo com as doutrinas que procuro difundir, se permanecessem restritas às folhas de um livro. Mas, o que pode parecer mais surpreendente, é que eu tenha adversários, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. Ora, é aqui que uma explicação se faz necessária.

Entre os que adotam as ideias espíritas, há, como sabeis, três categorias bem distintas:

1ª) - Os que creem pura e simplesmente nos fenômenos das manifestações, mas que não lhes deduzem nenhuma consequência moral;

2ª) - Os que veem o lado moral, mas o aplicam aos outros e não a si próprios;

3ª) - Os que aceitam para si mesmos todas as consequências da Doutrina, e que praticam ou se esforçam por praticar a sua moral.

Estes, vós bem o sabeis, são os verdadeiros espíritas, os espíritas cristãos. Esta

distinção é importante, porque explica bem as anomalias aparentes. Sem isso seria difícil compreender-se a conduta de certas pessoas. Ora, o que reza esta moral? Amai-vos uns aos outros; perdoai aos vossos inimigos; retribuí o mal com o bem; não tendes ódio, nem rancor, nem animosidade, nem inveja, nem ciúme; sede severos para convosco mesmos e indulgentes para com os outros.

Tais devem ser os sentimentos de um verdadeiro espírita, daquele que vê o fundo e não a forma, que põe o Espírito acima da matéria; este pode ter inimigos, mas não é inimigo de ninguém, pois não deseja o mal a ninguém e, com mais forte razão, não procura fazer o mal a quem quer que seja.

Como vedes, senhores, este é um princípio geral, do qual todo mundo pode tirar proveito. Se, pois, tenho inimigos, não podem ser contados entre os espíritas desta categoria, porque, admitindo-se que tivessem legítimos motivos de queixa contra mim, o que me esforço por evitar, isto não seria motivo para me odiarem, considerando-se que não fiz mal a ninguém.

O Espiritismo tem por divisa: Fora da caridade não há salvação, o que significa dizer: Fora da caridade não há verdadeiros espíritas. Concito-vos a inscrever, doravante, esta dupla máxima em vossa bandeira, porque ela resume ao mesmo tempo a finalidade do Espiritismo e o dever que ele impõe.

Estando, pois, admitido que não se pode ser bom espírita com sentimentos de rancor no coração, eu me orgulho de contar apenas com amigos entre estes últimos, pois que, se eu tiver defeitos, eles saberão desculpá-los. Veremos, em seguida, a que imensas e férteis consequências conduzem este princípio.

Vejamos, pois, as causas que podem excitar certas animosidades.

Desde que surgiram as primeiras manifestações dos Espíritos, muitas pessoas aí viram um meio de especulação, uma nova mina a explorar. Se essa ideia tivesse seguido seu curso, teríeis visto médiuns pululando por toda parte, ou se apresentando como tais, dando consulta a tanto por sessão; os jornais estariam cobertos por seus anúncios e reclames; os médiuns se teriam transformado em ledores de sorte e o Espiritismo seria incluído na mesma linha da adivinhação, da cartomancia, da necromancia, etc.

Nesse conflito, como poderia o público discernir a verdade da mentira? Reabilitar o Espiritismo não seria coisa fácil. Era preciso impedir que ele tomasse esse atalho funesto, cortando pela raiz um mal que o teria retardado de mais de um século. Foi o que me esforcei por fazer, demonstrando, desde o princípio, o lado grave e sublime desta nova ciência; fazendo-a sair do caminho puramente experimental para fazê-la entrar no da filosofia e da moral; mostrando, finalmente, que seria profanação explorar a alma dos mortos, quando cercamos seus despojos de respeito.

Desse modo, assinalando os inevitáveis abusos que resultariam de semelhante estado de coisas, contribuí, e disso me ufano, para desacreditar a exploração do Espiritismo, levando o público a considerá-lo como coisa séria e santa.

Creio ter prestado algum serviço à causa; mas, não tivesse feito senão isso, e já me

daria por satisfeito. Graças a Deus meus esforços foram coroados de sucesso, não apenas na França, mas no estrangeiro; e posso dizer que os médiuns profissionais são hoje raras exceções na Europa. For toda parte onde minhas obras penetraram e servem de guia, o Espiritismo é considerado sob o seu verdadeiro ponto de vista, isto é, sob o ponto de vista exclusivamente moral; por toda parte os médiuns, devotados e desinteressados, compreendem a santidade de sua missão, são cercados da consideração que lhes é devida, seja qual for a sua posição social; e essa consideração cresce em razão mesma da posição realçada pelo desinteresse.

Não pretendo absolutamente dizer que entre os médiuns interessados não existam muitos que sejam honestos e dignos de estima. Mas a experiência tem provado, a mim e a tantos outros, que o interesse é um poderoso estimulante para a fraude, porque se quer ganhar dinheiro; e se os Espíritos não ajudam, o que acontece muitas vezes, já que não estão por conta de nossos caprichos, a astúcia, fecunda em expedientes, encontra facilmente meios de supri-los.

Para um que agir lealmente, haverá cem que abusaria e prejudicaria o Espiritismo em sua reputação. Por isso, os nossos adversários não perderam a ocasião para explorar, em proveito de suas críticas, as fraudes que puderam testemunhar, concluindo que tudo devia ser falso, e que era de todo conveniente que se opusessem a esse novo gênero de charlatanismo. Em vão objeta-se que a santa doutrina não é responsável por tais abusos. Conheceis o provérbio: "Quando se quer matar o cão alheio, diz-se que está raivoso."

Que resposta mais peremptória poder-se-á dar à acusação de charlatanismo do que dizer: "Quem vos pediu para vir? Quanto pagastes para entrar?" Aquele que paga quer ser servido; exige uma compensação por seu dinheiro; se não lhe dão o que espera, tem o direito de reclamar. Ora, para evitar isto, querem servi-lo a qualquer preço. Eis o abuso; mas esse abuso, em vez de ser exceção, ameaça tornar-se uma regra, sendo preciso detê-lo. Agora que a opinião se formou a respeito, só os inexperientes correm perigo.

Àqueles, pois, que se queixarem de ter sido enganados, ou de não terem obtido as respostas que desejavam, pode-se dizer: Se tivésseis estudado o Espiritismo, teríeis sabido em que condições ele pode ser observado com proveito; quais são os legítimos motivos de confiança e de desconfiança, o que se pode dele esperar, e não teríeis pedido o que ele não pode dar; não teríeis ido consultar um médium como a cartomante, para pedir revelações aos Espíritos, informações sobre heranças, descobertas de tesouros e cem outras coisas semelhantes que não são da alçada do Espiritismo. Se fostes induzido em erro, não deveis inculpar senão a vós mesmos.

É bem evidente que não se pode considerar como exploração a contribuição que se paga a uma sociedade para prover às despesas da reunião. Diz a mais vulgar equidade que não se pode impor esse gasto a pessoas de poucos recursos ou que não dispõem de tempo suficiente para comparecerem às reuniões. A especulação consiste em se fazer uma indústria da coisa, em convocar o primeiro que chegar, curioso ou indiferente, para arrancar seu dinheiro. Uma sociedade que assim agisse, seria tão repreensível, ou mais

repreensível ainda que o indivíduo, e já não mereceria confiança.

É justo e não constitui exploração ou especulação que uma sociedade acuda a todas as suas despesas, não as deixando sobre os ombros de um só; outra, porém seria a situação, se o primeiro que chegasse pudesse comprar o direito de entrada, mediante pagamento, porque seria desnaturar o objetivo essencialmente moral e instrutivo das reuniões desse gênero, para fazer delas um espetáculo de curiosidade. Quanto aos médiuns, eles se multiplicam de tal modo, que os profissionais seriam hoje completamente supérfluos.

Tais são, senhores, as ideias que me esforcei por fazer prevalecer, e me sinto contente por ter triunfado mais facilmente do que esperava. Mas, compreendi, aqueles de quem frustrei as esperanças não são meus amigos. Eis, pois, uma categoria que não me pode ver com bons olhos, o que, aliás, pouco me inquieta. Se alguma vez a exploração do Espiritismo tentasse introduzir-se em nossa cidade, eu vos convidaria a renegar essa nova indústria, a fim de não serdes solidários com ela e para que as censuras que possam provocar não venham a cair sobre a doutrina pura.

Ao lado da especulação material, há a que se poderia chamar especulação moral, isto é, a satisfação do orgulho, do amor-próprio; é o caso daqueles que, mesmo sem interesse pecuniário, julgavam fazer do Espiritismo um pedestal honorífico para se porem em evidência. Não os favoreci, e meus escritos, assim como meus conselhos, se contrapuseram a mais de uma premeditação, mostrando que as qualidades do verdadeiro espírita são a abnegação e a humildade, segundo esta máxima do Cristo: "Quem se exalta será humilhado." Esta segunda categoria também não me aprecia e bem poderia ser chamada a das ambições frustradas e dos amores-próprios melindrados.

Em seguida vêm as pessoas que não me perdoam por ter sido bem-sucedido, para as quais o sucesso de minhas obras é uma causa de desgosto, que perdem o sono quando assistem aos testemunhos de simpatia que me são dispensados. E a camarilha dos invejosos, pouco ou nada indulgente, reforçada por criaturas que, por temperamento, não podem ver um homem erguer um pouco a cabeça sem tentar abaixá-la.

Uma camarilha das mais irascíveis, acreditai, encontra-se entre os médiuns, não entre os médiuns interesseiros, mas entre os desinteressados, materialmente falando; quero falar dos médiuns obsedados, ou melhor, fascinados. Algumas observações a respeito não deixam de ter sua utilidade.

Por orgulho, estão de tal modo persuadidos de que tudo quanto obtêm é sublime, e não pode vir senão de Espíritos Superiores, que se irritam à mínima observação crítica, a ponto de se indisporem com seus amigos quando estes têm a inabilidade de não admirar os seus absurdos. Nisto reside a prova da má influência que os domina, pois, supondo-se que, por falta de julgamento ou de instrução, eles não enxergassem claramente, não seria motivo para emburrar contra os que não lhes comungam a opinião; mas isto não convém aos Espíritos obsessores que, para melhor manter o médium sob sua dependência, inspiram-lhe o afastamento, mesmo a aversão por quem quer que lhes possa abrir os

olhos.

Há, ainda, aqueles cuja susceptibilidade é levada ao excesso; que se melindram com as mínimas coisas, mesmo com o lugar que lhes é destinado nas reuniões, se não os põem em evidência, com a ordem estabelecida para a leitura de suas comunicações, ou quando se proíbe a leitura daquelas cujo objeto não parece oportuno numa assembleia; dos que não são solicitados com muito empenho a dar o seu concurso; outros se contrariam porque a ordem dos trabalhos não é invertida, de modo a contemplar as suas conveniências; outros gostariam de ser tidos como médiuns titulares de um grupo ou de uma sociedade, quer chova ou faça bom tempo, e que seus Espíritos dirigentes fossem tomados por árbitros absolutos de todas as questões, etc.

Estes motivos são tão pueris e mesquinhos que nenhum deles ousa confessá-los; mas nem por isso deixam de ser a fonte de uma surda animosidade que, mais cedo ou mais tarde se trai, ou pelas malquerenças, ou pelo afastamento. Não tendo boas razões para dar, há os que não têm escrúpulos de alegar pretextos imaginários. Como não estou disposto a me dobrar diante de todas essas pretensões, é um erro - que digo? É um crime imperdoável aos olhos de certas pessoas que, naturalmente me deram as costas, erro maior ainda porque não lhes dei importância. Imperdoável! Concebeis esta palavra nos lábios de pessoas que se dizem espíritas? Tal palavra deveria ser riscada do vocabulário do Espiritismo.

Esse desgosto, a maior parte dos chefes de grupos ou de sociedades, como eu, tem experimentado, e os concito a fazer como eu, isto é, a dispensarem os médiuns que antes constituem um entrave que um recurso. Com eles estamos sempre pouco à vontade, temerosos de feri-los com as mais insignificantes ações.

Antigamente esse inconveniente era mais frequente do que agora. Quando os médiuns eram mais raros, devíamos contentar-nos com os que existiam; mas hoje, que eles se multiplicam a olhos vistos, o inconveniente diminui em razão da própria escolha e à medida que eles se compenetraram melhor dos verdadeiros princípios da Doutrina.

Pondo de lado o grau da faculdade, as qualidades essenciais de um bom médium são a modéstia, a simpatia e o devotamento. Deve oferecer seu concurso tendo em vista tornar-se útil, e não para satisfazer à sua vaidade; jamais deve tomar partido das comunicações que recebe, pois, de outra forma, poderia fazer crer que nelas põe algo de si, e que tem interesse em defendê-las; deve aceitar a crítica, mesmo solicitá-la, e submetê-la ao parecer da maioria, sem ideias premeditadas; se o que escreve é falso, é mau, detestável, devem dizê-lo sem temor de o magoar, porque ele não é responsável por nada.

Eis os médiuns realmente úteis numa reunião e com os quais jamais teremos contrariedade, porque compreendem a Doutrina; os outros não a compreendem ou não a querem compreender. São estes que recebem as melhores comunicações, porque não se deixam dominar por Espíritos orgulhosos; os Espíritos mentirosos os temem, pois se reconhecem impotentes para deles abusar.

Em seguida vem a categoria das pessoas que jamais estão contentes. Algumas acham

que ando depressa demais, outras com excessiva lentidão; é, de fato, como na fábula do Moleiro, seu filho e o asno. Os primeiros me reprovam por haver formulado princípios prematuros, de me impor como chefe de escola filosófica.

Mas, pondo de lado qualquer ideia espírita, não tenho o direito de criar, como tantos outros, uma filosofia a meu modo, ainda que absurda? Se os meus princípios são falsos, por que não colocam outros em seu lugar e não os fazem prevalecer? Ao que parece, em geral eles não são considerados tão despropositados, já que encontram numerosos aderentes; mas não seria exatamente isto que excita o mau humor de certa gente? Se esses princípios não encontrassem partidários, fossem ridículos em alto grau, não se falaria mais deles.

Os segundos, os que pretendem que não ando com bastante rapidez, esses gostariam de me empurrar - creio que com boa intenção, pois é sempre melhor acreditar no bem do que no mal - num caminho que não quero me arriscar. Sem, pois, me deixar influenciar pelas ideias de uns e de outros, prossigo meu caminho; tenho um objetivo, vejo-o, sei quando e como o atingirei, e não me inquieto com os clamores dos que passam.

Como vedes, senhores, não faltam pedras em meu caminho; passo por elas, mesmo sobre as maiores. Se se conhecesse a verdadeira causa de certas antipatias e de certos afastamentos, muitas surpresas se apresentariam.

Deve-se ainda mencionar as pessoas que se puseram, em relação a mim, em posições falsas, ridículas ou comprometedoras, e que procuram justificar-se, sub-repticiamente, por meio de pequenas calúnias; os que esperavam seduzir-me pela bajulação, crendo poder levar-me a servir aos seus desígnios e que reconheceram a inutilidade de suas manobras para atrair minha atenção. Enfim, os que não me perdoam por lhes ter adivinhado os propósitos, e que são como a serpente sobre a qual se pisa. Se toda essa gente quisesse se colocar, ao menos por um instante, em uma posição extraterrena e ver as coisas um pouco mais do alto, compreenderia o quanto é pueril o que a preocupa e não se admiraria da pouca importância que a tudo isso dão os verdadeiros espíritas. E que o Espiritismo abre horizontes tão vastos, que a vida corporal, tão curta e tão efêmera, se apaga com todas as suas vaidades e suas pequenas intrigas, ante o infinito da vida espiritual.

Não devo, entretanto, omitir uma censura que me foi dirigida: a de nada fazer para trazer novamente a mim as pessoas que se afastam. Isto é verdadeiro, e se é uma censura fundada, eu a mereço, porque jamais dei um passo nesse sentido; eis os motivos de minha indiferença:

Os que vêm a mim, fazem-no porque isto lhes convém; é menos por minha pessoa do que pela simpatia aos princípios que professo. Os que se afastam, fazem-no porque não lhes convenho ou porque não concordam com a nossa maneira de ver as coisas. Por que, então, eu iria contrariá-los, impondo-me a eles?

Parece-me mais conveniente deixá-los em paz. Aliás, eu não teria mesmo tempo para isto, pois, como é sabido, minhas ocupações não me deixam um instante de repouso, e por

um que parte, há mil que chegam; dedico-me, antes de tudo, a estes últimos, e é isso que faço. Orgulho? Desprezo por outrem? Oh! Seguramente não; não desprezo ninguém; lamento os que agem mal e peço a Deus e aos bons Espíritos que façam renascer neles melhores sentimentos; eis tudo. Se voltam, são sempre bem-vindos, mas, correr atrás deles, jamais o faço, em razão do tempo que reclamam as pessoas de boa vontade; e, depois, porque não concedo a certas pessoas a importância que elas se atribuem. Para mim, um homem é um homem e nada mais; meço seu valor por seus atos, por seus sentimentos, e não pela posição que ocupa.

Ainda que esteja altamente colocado, se agir mal, se for egoísta e presunçoso de sua dignidade, é a meus olhos inferior a um simples operário que age bem, e eu aperto mais cordialmente a mão de um pequeno que deixa falar o coração, do que a de um grande, cujo coração nada diz; a primeira me aquece, a segunda me enregela.

Personagens da mais alta condição social me honram com sua visita, sem que, por causa delas, jamais um proletário tenha ficado na antecâmara. Muitas vezes, em meu salão, o príncipe fica lado a lado com o artesão; se se sentir humilhado, dir-lhe-ei que não é digno de ser espírita. Mas, sinto-me feliz em dizer, muitas vezes os tenho visto apertarem-se as mãos fraternalmente, e digo de mim para mim: "Espiritismo, eis um dos teus milagres; é o prelúdio de muitos outros prodígios!"

Não dependeria senão de mim abrir as portas da alta sociedade; contudo, jamais fui nelas bater. Isto me tomaria um tempo que creio poder empregar mais utilmente. Coloco em primeira linha consolar os que sofrem, levantar a coragem dos abatidos, arrancar um homem de suas paixões, do desespero, do suicídio, detê-lo talvez no abismo do crime. Isto não vale mais do que os lambris dourados? Tenho milhares de cartas que para mim são mais valiosas do que todas as honras da Terra, e que encaro como verdadeiros títulos de nobreza. Assim, não vos admireis se deixo partir aqueles que não me procuram.

Tenho adversários, bem o sei! Mas o seu número não é tão grande quanto se poderia crer pelos cálculos que fiz; eles se encontram nas categorias que citei, mas são apenas indivíduos isolados, e seu número é pouca coisa em comparação com os que desejam testemunhar-me sua simpatia. Aliás, jamais foram bem-sucedidos em perturbar meu repouso; jamais suas maquinções e suas diatribes me abalaram; e devo acrescentar que esta profunda indiferença de minha parte, o silêncio que oponho aos seus ataques, é o que mais os exaspera.

Por mais que façam, nunca conseguirão fazer-me sair da moderação, que é a regra de minha conduta; jamais poderão dizer que respondi injúria com injúria. As pessoas que me veem na intimidade sabem que jamais me ocupei delas, que nem uma única palavra foi dita na Sociedade, nem se fez alusão relativamente a qualquer uma delas. Nunca respondi na Revista às suas agressões, quando dirigidas à minha pessoa, e Deus sabe que não têm faltado ocasiões!

Aliás, que pode o seu malquerer? Nada, nem contra a Doutrina, nem contra mim. Por sua marcha progressiva, a Doutrina prova que nada teme. Quanto a mim, não ocupando

nenhuma posição, nada me pode ser tirado; como nada peço e não solicito coisa alguma, não me podem recusar nada; não devo nada a ninguém; por isso nada podem reclamar de mim; não falo mal de ninguém, nem mesmo dos que falam mal de mim. Em que poderiam, então, prejudicar-me?

É verdade que podem atribuir a mim palavras que eu não disse, e é o que já fizeram mais de uma vez. Mas os que me conhecem sabem do que sou capaz de dizer e de não dizer e eu agradeço aos que, em semelhantes casos, souberam responder por mim. O que digo, estou sempre pronto a repetir, na presença de quem quer que seja, e quando afirmo não ter dito ou feito uma coisa, julgo-me no direito de ser acreditado.

Além disso, o que representam todas estas coisas, tendo em vista o objetivo a que todos nós, espíritas sinceros e dedicados, perseguimos? Esse imenso futuro que se desdobra aos nossos olhos? Acreditai-me, senhores, fora preciso encarar como um roubo perpetrado contra a grande obra os instantes que perdêssemos preocupados com essas misérias. De minha parte agradeço a Deus por me ter concedido, já aqui na Terra, ao preço de algumas tribulações passageiras, tantas compensações morais e a alegria de assistir ao triunfo da Doutrina.

Peço-vos perdão, senhores, por vos haver entretido, por tanto tempo, com a minha pessoa, pois julguei que era útil estabelecer claramente esta posição, a fim de que soubésseis a quem vos ater, conforme as circunstâncias, e para que possais estar convencidos de que minha linha de conduta está traçada e que nada me fará desviar dela. Aliás, creio que destas observações - abstração feita de minha pessoa - poderão resultar alguns ensinamentos úteis.

Passemos, agora, a um outro ponto e vejamos em que situação se encontra o Espiritismo.

O Espiritismo apresenta um fenômeno inédito na história das filosofias: é a rapidez de sua marcha. Nenhuma outra doutrina oferece exemplo semelhante. Quando se considera o progresso que tem feito de ano para ano, pode-se, sem muita presunção, prever a época em que ele será a crença universal.

A maioria dos países estrangeiros participa desse movimento: a Áustria, a Polônia, a Rússia, a Itália, a Espanha, a cidade de Constantinopla, etc, contam numerosos adeptos e várias sociedades perfeitamente organizadas. Tenho inscritas mais de cem cidades onde há reuniões. Nesse grupo, Lyon e Bordeaux ocupam o primeiro lugar. Honra, pois, a essas duas cidades, imponentes por sua população e por suas luzes, e onde tão alto e tão firmemente foi hasteada a bandeira do Espiritismo. Muitas outras ambicionam caminhar em suas pegadas.

Por minhas viagens, estou em condições de conversar com muitas pessoas. Todos concordam em dizer que a cada ano a opinião pública registra progressos; os galhofeiros diminuem a olhos vistos. Mas, à zombaria sucede a cólera. Ontem riam, hoje se zangam. De acordo com velho provérbio, isto é, de bom augúrio, pois leva os incrédulos a concluir que deve haver algo de sério em tudo isto.

Um fato não menos característico é que tudo quanto os adversários do Espiritismo fizeram para entravar sua marcha, longe de detê-lo, ativou o seu progresso, e se pode dizer que, por toda parte, o progresso está na razão da violência dos ataques. A imprensa o enalteceu? Todos sabem que, longe de auxiliá-lo, ela lhe tem dado pontapés. Pois bem! Tais expedientes não o fizeram senão avançar. Dá-se o mesmo com os ataques de toda natureza de que ele tem sido objeto.

Há, pois, um fenômeno constante: é que, sem o recurso de nenhum dos meios vulgarmente empregados para alcançar o que se denomina um sucesso, a despeito dos entraves que lhe suscitaram, o Espiritismo não deixou de crescer, e cresce todos os dias como para dar um desmentido aos que lhe prediziam fim próximo. Será uma presunção, uma bravata? Não, é um fato que é impossível negar. Ele hauriu, pois, sua força em si mesmo, o que prova o poder dessa ideia.

Aqueles a quem isso contraria devem tomar o seu partido e se resignarem a deixar passar os que não podem deter. É que o Espiritismo é uma ideia, e quando uma ideia caminha, transpõe todas as barreiras; não se pode detê-la na fronteira como um fardo de mercadoria. Queimam-se livros, mas não se queimam ideias, e suas próprias cinzas, levadas pelo vento, vão fecundar a terra onde elas devem frutificar.

Mas, não basta lançar uma ideia ao mundo para que ela crie raízes; não, certamente. Não se criam à vontade opiniões ou hábitos. Dá-se o mesmo com as invenções e as descobertas: a mais útil fracassa se vem antes do tempo ou se a necessidade que está destinada a satisfazer ainda não existe. E assim com as doutrinas filosóficas, políticas, religiosas ou sociais; é preciso que os espíritos estejam amadurecidos para as aceitar; vindas muito cedo, ficam em estado latente e, como frutos plantados fora da estação, não se desenvolvem.

Se, pois, o Espiritismo encontra tão numerosas simpatias, é que seu tempo é chegado; é que os espíritos estavam maduros para o receber; é que responde a uma necessidade, a uma aspiração. Disto tendes a prova no número, hoje considerável, de pessoas que o acolhem sem estranheza, como uma coisa muito natural, quando lhes falam dele pela primeira vez, e que confessam que as coisas deveriam ser assim mesmo, sem, contudo, poderem defini-las.

Sente-se o vazio moral que a incredulidade e o materialismo criam em torno do homem; compreende-se que essas doutrinas cavam um abismo para a sociedade; que destroem os laços mais sólidos: os da fraternidade. E, depois, instintivamente, o homem tem horror ao nada, como a Natureza tem horror ao vazio. Eis por que ele acolhe com alegria a prova de que o nada não existe.

Mas, objetarão, não se lhe ensina diariamente que o nada não existe? Sem dúvida que o ensinam; mas, então, como é possível que a incredulidade e a indiferença tenham crescido sem cessar neste último século? É que as provas dadas não satisfazem mais agora; é que já não correspondem às necessidades de sua inteligência. O desenvolvimento científico e industrial tornou o homem positivo.

Quer dar-se conta de tudo; quer saber o porquê e o como de cada coisa. Compreender para crer tornou-se uma necessidade imperiosa, razão por que a fé cega não tem mais domínio sobre ele. Para uns isto é um mal, para outros é um bem. Sem discutir o princípio, diremos que tal é a marcha da Natureza. A humanidade coletiva, como os indivíduos, tem sua infância e sua idade madura; quando se encontra na maturidade, desfaz-se das fraldas e quer utilizar suas próprias forças, isto é, sua inteligência. Fazê-la retroceder é tão impossível quanto fazer um rio subir para a sua fonte.

Dirão que atacar o mérito da fé cega é uma impiedade, porque Deus quer que se aceite sua palavra sem exame. A fé cega podia ter sua razão de ser, direi mesmo, sua necessidade, num certo período da Humanidade. Se hoje ela não basta mais para fortalecer a crença, é porque está na natureza da Humanidade que assim deve ser.

Ora, quem fez as leis da Natureza? Deus ou satã? Se foi Deus, não haverá impiedade em seguir suas leis. Se, hoje, compreender para crer se tornou uma necessidade para a inteligência, como beber e comer o é para o estômago, é que Deus quer que o homem faça uso de sua inteligência, pois do contrário não lha teria dado.

Há pessoas que não sentem essa necessidade; que se contentam em crer sem exame. Não as censuramos absolutamente, e longe de nós o pensamento de as perturbar em sua quietude. O Espiritismo não se dirige a elas; desde que têm tudo o de que precisam, nada há a oferecer-lhes; não obriga a comer à força aqueles que declaram não ter fome.

O Espiritismo só se dirige àqueles para os quais o alimento intelectual, que lhes é dado, já não é suficiente, e seu número é bastante grande para que ele se ocupe com os outros. Por que, então, se queixam, quando ele não os vai procurar? O Espiritismo não procura ninguém; não se impõe a ninguém. Limita-se a dizer: Eis-me aqui, eis o que sou, eis o que trago; os que julgam precisar de mim, que se aproximem; os outros, que permaneçam em suas casas; não lhes vou perturbar a consciência, nem injuriá-los. Apenas lhes peço reciprocidade.

Por que, então, o materialismo tende a suplantar a fé? É que até agora a fé não raciocina, limitando-se a dizer: Crede! Enquanto o materialismo raciocina. Convenhamos que são sofismas, mas, bons ou maus, são razões que, no pensamento de muitos, arrastam aqueles a quem nada oferecem. Acrescentai a isto que a ideia materialista satisfaz aos que se comprazem na vida material; que querem passar por cima das consequências do futuro, esperando, desse modo, escapar à responsabilidade de seus atos.

Em suma, a ideia materialista é eminentemente favorável à satisfação de todos os apetites brutais. Na incerteza do futuro, o homem se diz: Gozemos sempre o presente; que me importam os semelhantes? Por que me sacrificar por eles? Dizem que são meus irmãos; mas de que me servem irmãos que não verei mais? Que talvez amanhã estejam mortos e eu também? Que seremos, então, uns para com os outros? Nada, se uma vez mortos nada resta de nós. De que serviria impor-me privações? que compensação resultaria para mim, se tudo acaba comigo?

Fundai, então, uma sociedade sobre as bases da fraternidade, com ideias

semelhantes! O egoísmo, tal é a sua consequência natural; com ele, cada um leva a melhor parte e é o mais forte que triunfa. Por sua vez diz o fraco: Sejamos egoístas, já que os outros o são; não pensemos senão em nós, pois os outros só pensam neles próprios.

Tal é, forçoso é convir, o mal que tende a invadir a sociedade moderna, e esse mal, como um verme roedor, pode arruiná-la em seus fundamentos! Oh! Como são culpados os que a levam por esse caminho, os que se esforçam por matar as crenças e os que preconizam o presente a expensas do futuro! Terão uma terrível conta a pagar pelo uso que houverem feito de sua inteligência!

No entanto, a incredulidade deixa atrás de si uma vaga de inquietude. Por mais que o homem procure iludir-se, não pode furtar-se de pensar algumas vezes no que lhe sucederá depois; mau grado seu, a ideia do nada o enregela. Queria uma certeza e não a encontra; então flutua, hesita, duvida e a incerteza o mata; sente-se infeliz em meio aos prazeres materiais que não podem preencher o abismo do nada que se abre à sua frente, e onde imagina que será precipitado.

É nesse momento que chega o Espiritismo, como uma âncora de salvação, como uma luz nas trevas de sua alma. Vem tirá-lo do vazio, não por uma vaga esperança, mas por provas irrecusáveis: as da observação dos fatos; vem fortalecer sua fé, não lhe dizendo simplesmente: Crede, porque eu vo-lo digo, mas: Vede, tocai, compreendei e crede. Ele não podia vir num momento mais oportuno, seja para deter o mal antes que se tornasse incurável, seja para satisfazer às necessidades do homem, que já não crê sob palavra, que quer racionalizar aquilo em que crê. O materialismo o havia seduzido por seus falsos raciocínios; aos seus sofismas era preciso opor raciocínios sólidos, apoiados em provas materiais. Nessa luta, a fé cega já se mostrava impotente. Eis por que digo que o Espiritismo veio a seu tempo.

O que falta ao homem é a fé no futuro; porém, a ideia que dele lhe dá é incapaz de satisfazer o seu gosto pelo positivo. É muito vaga, muito abstrata; os laços que o ligam ao presente não são bastante definidos. Ao contrário, o Espiritismo nos apresenta a alma como um ser circunscrito, semelhante a nós, menos o envoltório material de que se despojou, mas revestido de um invólucro fluídico, o que já é mais compreensível e faz que se conceba melhor a sua individualidade. Além disso ele prova, pela experiência, as relações incessantes do mundo visível e do mundo invisível, que se tornam, assim, solidários um com o outro.

As relações da alma com a Terra não cessam com a vida; a alma, no estado de Espírito, constitui uma das engrenagens, uma das forças vivas da Natureza; não é mais um ser inútil, que não pensa e já não age senão para si durante a eternidade; é sempre e por toda parte um agente ativo da vontade de Deus para a execução de suas obras. Assim, conforme a Doutrina Espírita, tudo se liga, tudo se encadeia no Universo; e nesse grande movimento, admiravelmente harmonioso, as afeições sobrevivem. Longe de se extinguirem, elas se fortificam e se depuram.

Ainda que tudo isto não passasse de um sistema, teria sobre os outros a vantagem de

ser mais sedutor, embora sem oferecer mais certeza. Mas é o próprio mundo invisível que vem revelar-se a nós, provar que existe, não em regiões do espaço inacessíveis mesmo ao pensamento, mas aqui, ao nosso lado, que nos cerca e que vivemos em meio dele, como um povo de cegos em meio a pessoas que veem. Isto pode perturbar certas ideias, convenho, mas, diante de um fato, queiramos ou não, temos de nos inclinar. Por mais que digam que não é assim, seria preciso que provassem a sua impossibilidade; a provas palpáveis, deveriam opor provas mais palpáveis ainda. Ora, o que opõem? A negação!

O Espiritismo apoia-se sobre fatos. Esses fatos, de acordo com o raciocínio e uma lógica rigorosa, dão à Doutrina Espírita o caráter de positivismo que convém à nossa época. O materialismo veio minar toda crença, subverter toda base, toda razão de ser da moral e solapar os próprios fundamentos da sociedade, proclamando o reino do egoísmo. Então os homens sérios se perguntaram para onde um tal estado de coisas nos conduziria; viram um abismo, e eis que o Espiritismo veio preenchê-lo, dizendo ao materialismo: Não irás mais longe, pois aqui estão fatos que provam a falsidade de teus raciocínios. O materialismo ameaçava fazer a sociedade mergulhar em trevas, dizendo aos homens: O presente é tudo, porquanto o futuro não existe. O Espiritismo vem restabelecer a verdade, afirmando: O presente nada é, o futuro é tudo, e o prova.

Um adversário asseverou em certo jornal que o Espiritismo é cheio de seduções. Ele não podia, mau grado seu, fazer maior elogio da Doutrina, condenando-se, ao mesmo tempo de maneira mais peremptória. Dizer que uma coisa é sedutora é dizer que agrada. Ora, eis aqui o grande segredo da propagação do Espiritismo. Que, então, lhe oponham algo de mais sedutor para suplantá-lo! Se não o fazem, é que não têm nada de melhor a oferecer. Por que ele agrada?

E muito fácil dizê-lo.

Ele agrada:

- 1) porque satisfaz à aspiração instintiva do homem quanto ao futuro;
- 2) porque apresenta o futuro sob um aspecto que a razão pode admitir;
- 3) porque a certeza da vida futura faz com que o homem sofra sem se queixar das misérias da vida presente;
- 4) porque, com a pluralidade das existências, essas misérias têm uma razão de ser, são explicáveis e, em vez de acusarem a Providência, consideram-nas justas e as aceitam sem murmurar;
- 5) porque o homem é feliz por saber que os seres que lhe são caros não estão perdidos para sempre, que os encontrará novamente e que estão quase sempre ao seu lado;
- 6) porque todas as máximas dadas pelos Espíritos tendem a tornar melhores os homens uns para com os outros.

Existem ainda outros motivos, que só os espíritas são capazes de compreender. Em compensação, que meios de sedução oferece o materialismo? O nada. Eis aí toda a consolação que ele dá às misérias da vida!

Com tais elementos, o futuro do Espiritismo não pode ser duvidoso e, contudo, se nos devemos admirar de alguma coisa, é que ele tenha aberto um caminho tão rápido através dos preconceitos. Como e por que meios alcançará a transformação da Humanidade, é o que nos resta examinar.

Quando consideramos o estado atual da sociedade, somos tentados a olhar sua transformação como um milagre. Pois bem! É um milagre que o Espiritismo pode e deve realizar, porque está nos desígnios de Deus, mediante a palavra de ordem: Fora da caridade não há salvação. Que a sociedade tome esta máxima por divisa e a ela conforme sua conduta, em lugar daquela que está na ordem do dia: A caridade bem ordenada começa por si, e tudo se modificará. Toda a questão consiste em fazê-la aceita.

Bem sabeis, senhores, que a palavra caridade tem uma acepção muito ampla. Há caridade em pensamentos, em palavras, em ações; não consiste apenas na esmola. Alguém é caridoso em pensamentos sendo indulgente para com as faltas do próximo; caridoso em palavras, nada dizendo que possa prejudicar a outrem; caridoso em ações quando assiste o próximo na medida de suas forças. O pobre, que partilha seu naco de pão com outro mais pobre que ele, é mais caridoso e tem mais mérito aos olhos de Deus do que aquele que dá do supérfluo, sem de nada se privar.

Quem quer que alimente contra o próximo sentimentos de ódio, de animosidade, de inveja, de rancor, falta com a caridade. A caridade é a antítese do egoísmo; a primeira é a abnegação da personalidade, o segundo é a exaltação da personalidade. Uma diz: Para vós em primeiro lugar, para mim depois; e o outro: Para mim antes, para vós se sobrar.

A primeira está toda inteira nestas palavras do Cristo: "Fazei aos outros o que quereríeis que vos fizessem." Numa palavra, aplica-se sem exceção a todas as relações sociais. Haveremos de convir que, se todos os membros de uma sociedade agissem de conformidade com esse princípio, haveria menos decepções na vida. Desde que dois homens estejam juntos, contraem, por isto mesmo, deveres recíprocos; se quiserem viver em paz, serão obrigados a se fazerem mútuas concessões.

Esses deveres aumentam com o número dos indivíduos; as aglomerações formam um todo coletivo que também tem suas obrigações respectivas. Tendes, pois, além das relações de indivíduo a indivíduo, as de cidade a cidade, de país a país. Essas relações podem ter dois móveis que são a negação um do outro: o egoísmo e a caridade, pois que há também egoísmo nacional. Com o egoísmo, prevalece o interesse pessoal, cada um vive para si, vendo no semelhante apenas um antagonista, um rival que pode concorrer conosco, que podemos explorar ou que pode nos explorar; aquele que fará o possível para chegar antes de nós: a vitória é do mais esperto e a sociedade - coisa triste de dizer, muitas vezes consagra essa vitória, o que faz com que ela se divida em duas classes principais: os exploradores e os explorados.

Disso resulta um antagonismo perpétuo, que faz da vida um tormento, um verdadeiro inferno. Substituí o egoísmo pela caridade e tudo se modificará; ninguém procurará fazer o mal ao seu vizinho; os ódios e os ciúmes se extinguirão por falta de

combustível, e os homens viverão em paz, ajudando-se mutuamente em vez de se dilacerarem. Se a caridade substituir o egoísmo, todas as instituições sociais serão fundadas sobre o princípio da solidariedade e da reciprocidade; o forte protegerá o fraco, em vez de o explorar.

E um belo sonho, dirão; infelizmente não passa de um sonho; o homem é egoísta por natureza, por necessidade e o será sempre. Se assim fosse, o que seria muito triste, é o caso de se perguntar com que objetivo o Cristo veio até nós pregar a caridade aos homens; equivaleria a pregar aos animais. Examinemos, contudo, a questão.

Há progresso do selvagem ao homem civilizado? Não se procura, diariamente, abrandar os costumes dos selvagens? Mas, com que finalidade, se o homem é incorrigível? Estranha bizzarria! Esperais corrigir selvagens e pensais que o homem civilizado não pode melhorar-se! Se o homem civilizado tivesse a pretensão de haver atingido o último limite do progresso acessível à espécie humana, bastaria comparar os costumes, o caráter, a legislação, as instituições sociais de hoje com as de outrora.

E, no entanto, os homens de outrora, também eles, acreditavam ter alcançado o último degrau. Que teria respondido um grão-senhor do tempo de Luís XIV se lhe tivessem dito que poderia dispor de uma ordem de coisas melhor, mais equitativa, mais humana do que a então vigente? Que esse regime mais equitativo seria a abolição dos privilégios de castas e a igualdade do grande e do pequeno diante da lei? O audacioso que assim falasse talvez pagasse caro sua temeridade.

Disso concluímos que o homem é eminentemente perfectível, e que os mais adiantados hoje poderão parecer tão atrasados dentro de alguns séculos quanto o são os da Idade Média em relação a nós. Negar o fato seria negar o progresso, que é uma lei da Natureza.

Embora o homem tenha progredido do ponto de vista moral, deve-se convir que esse progresso se realizou principalmente no sentido intelectual. Por quê? Eis ainda um desses problemas que só ao Espiritismo estava dado explicar, mostrando-nos que a moral e a inteligência raramente caminham lado a lado; enquanto o homem dá alguns passos num deles, se retarda no outro.

Mais tarde, porém, torna a ganhar o terreno que havia perdido, e as duas forças acabam por se equilibrar nas encarnações sucessivas. O homem chegou a um período em que as ciências, as artes e a indústria atingiram um limite até hoje desconhecido; se os gozos que delas tira satisfazem à vida material, deixam um vazio na alma; o homem aspira a algo melhor: sonha com melhores instituições; quer a vida, a felicidade, a igualdade, a justiça para todos. Mas, como atingir tudo isso com os vícios da sociedade e, sobretudo, com o egoísmo?

O homem sente, pois, a necessidade do bem para ser feliz; compreende que só o reino do bem pode dar a felicidade a que tanto aspira. Esse reinado ele o pressente, porquanto, instintivamente, tem fé na justiça de Deus e uma voz secreta lhe diz que uma nova era vai iniciar-se.

Como se dará isto? Uma vez que o reino do bem é incompatível com o egoísmo, é preciso que o egoísmo seja destruído. Ora, quem o pode destruir? A predominância do sentimento do amor, que leva os homens a se tratarem como irmãos e não como inimigos. A caridade é a base, a pedra angular de todo o edifício social; sem ela o homem só construirá sobre a areia. Que os esforços e, sobretudo, os exemplos de todos os homens de bem concorram, pois, para propagá-la; que não se desencorajem se virem uma recrudescência das más paixões. Elas são os inimigos do bem e, vendo o seu avanço, investem contra ele; mas Deus permitiu que, por seus próprios excessos, elas se destruíssem. O paroxismo de um mal é sempre o sinal de que chega ao seu fim.

Acabo de dizer que sem a caridade o homem não constrói senão sobre a areia. Um exemplo nos fará compreender melhor.

Alguns homens bem-intencionados, tocados pelos sofrimentos de uma parte de seus semelhantes, julgaram encontrar o remédio para o mal em certos sistemas de reforma social. Com pequenas diferenças, o princípio é mais ou menos o mesmo em todos eles, seja qual for o nome que se lhes dê. Vida comunitária por ser a menos onerosa; comunidade de bens, para que todos tenham sua parte; participação de todos para a obra comum; nada de grandes riquezas, mas, também, nada de miséria.

Isto era muito sedutor para quem, nada tendo, já via a bolsa do rico entrar no fundo social, sem calcular que a totalidade das riquezas, postas em comum, criaria uma miséria geral, em vez de uma miséria parcial; que a igualdade hoje estabelecida seria rompida amanhã pela mobilidade da população e pela diferença entre as aptidões; que a igualdade permanente dos bens supõe a igualdade de capacidades e de trabalho. Mas, não é esta a questão; não entra em minhas cogitações examinar o lado positivo e negativo desses sistemas. Faço abstração das impossibilidades que acabo de citar e me proponho considerá-los de um outro ponto de vista que, parece-me, ainda não preocupou a ninguém e que se relaciona com o nosso assunto.

Os autores, fundadores ou promotores de todos esses sistemas, sem exceção, não tiveram em mira senão a organização da vida material de uma maneira proveitosa a todos. O objetivo é louvável, sem dúvida. Resta saber se, nesse edifício, não falta a única base que poderia consolidá-lo, admitindo-se que fosse praticável.

A comunidade é a abnegação mais completa da personalidade. Cada um devendo dar de si pessoalmente, ela requer o mais absoluto devotamento. Ora, o móvel da abnegação e do devotamento é a caridade, isto é, o amor ao próximo. Mas reconhecemos que o fundamento da caridade é a crença; que a falta de crença conduz ao materialismo e o materialismo leva ao egoísmo. Um sistema que, por sua natureza e para sua estabilidade, requer virtudes morais no mais supremo grau, deve tomar seu ponto de partida no elemento espiritual.

Pois bem! já que o lado material é o seu objetivo exclusivo, não só o elemento espiritual não é levado em consideração, como vários sistemas são fundados sobre uma doutrina materialista altamente confessada, ou sobre o panteísmo, espécie de

materialismo disfarçado, verdadeiro adorno do belo nome de fraternidade. Mas a fraternidade, assim como a caridade, não se impõe nem se decreta; é preciso que esteja no coração e não será um sistema que a fará nascer, se lá ela não estiver; caso contrário o sistema ruirá e dará lugar à anarquia.

A experiência aí está para provar que não se sufocam nem as ambições, nem a cupidez. Antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa, como se formam obreiros, antes de lhes confiar um trabalho. Antes de construir, é preciso assegurar-se da solidez dos materiais. Aqui os materiais sólidos são os homens de coração, de devotamento e de abnegação.

O egoísmo, o amor e a fraternidade são, como já dissemos, palavras vãs; como, então, sob o império do egoísmo, fundar um sistema que requeira a abnegação num grau tanto maior quanto tem, por princípio essencial, a solidariedade de todos para com cada um e de cada um para com todos? Alguns deixaram o torrão natal para ir fundar, a distância, colônias sob o regime da fraternidade; quiseram fugir do egoísmo que os esmagava, mas o egoísmo os seguiu e lá, onde se acham, encontraram exploradores e explorados, pois lhes falta a caridade. Imaginaram que fosse suficiente conduzir o maior número possível de criaturas, sem pensar que, ao mesmo tempo, levavam os vermes roedores de sua instituição, arruinada tão mais rapidamente porque não tinham em si nem força moral, nem força material suficientes.

O que lhes faltava não eram braços numerosos, mas corações sólidos. Infelizmente, muitos não os seguiram, porquanto, nada tendo feito alhures, julgaram estar liberados de certas obrigações pessoais. Viram apenas um alvo sedutor, sem perceberem a espinhosa rota para o alcançar. Decepcionados em suas esperanças, reconhecendo que, antes de gozar, era preciso trabalhar muito, sacrificar muito e sofrer bastante, tiveram por perspectiva o desânimo e o desespero. Sabeis o que sucedeu à maioria. Seu erro é terem querido construir um edifício começando pelo teto, antes de ter assentado fundamentos sólidos. Estudai a História e a causa da queda dos Estados mais florescentes e por toda parte vereis a mão do egoísmo, da cupidez e da ambição.

Sem a caridade, não há instituição humana estável; e não pode haver caridade nem fraternidade possíveis, na verdadeira acepção da palavra, sem a crença. Aplicai-vos, pois a desenvolver esses sentimentos que, engrandecendo-se, destruirão o egoísmo que vos mata. Quando a caridade tiver penetrado as massas, quando se tiver transformado na fé, na religião da maioria, então vossas instituições se tornarão melhores pela força mesma das coisas; os abusos, oriundos do personalismo, desaparecerão. Ensinai, pois, a caridade e, sobretudo, pregai pelo exemplo: é a âncora de salvação da sociedade. Só ela pode realizar o reino do bem na Terra, que é o reino de Deus; sem ela, o que quer que façais, só criareis utopias, das quais só vos resultarão decepções.

Se o Espiritismo é uma verdade, se deve regenerar o mundo, é porque tem por base a caridade. Ele não vem derrubar os cultos nem estabelecer um novo; proclama e prova verdades comuns a todos, base de todas as religiões, sem se preocupar com detalhes. Não

vem destruir senão uma coisa: o materialismo, que é a negação de toda religião; não vem pôr abaixo senão um templo: o do egoísmo e do orgulho; mas vem dar uma sanção prática a estas palavras do Cristo, que são toda a sua lei: "Amai ao vosso próximo como a vós mesmos." Não vos admireis, pois, de que ele tenha por adversários os adoradores do bezerro de ouro, cujos altares vem destruir. Tem naturalmente contra si os que acham sua moral incômoda, os que de bom grado teriam pactuado com os Espíritos e suas manifestações, se estes condescendessem em distraí-los; se não tivesse vindo rebaixar-lhes o orgulho, pregar-lhes a abnegação, o desinteresse e a humildade. Deixai-os dizer e fazer; as coisas não deixarão de seguir sua marcha, porque estão nos desígnios de Deus.

Por sua poderosa revelação, o Espiritismo vem, pois, apressar a reforma social. Por certo seus adversários rirão dessa pretensão e, contudo, ela nada tem de presunçosa. Demonstramos que a incredulidade, a simples dúvida em relação ao futuro, leva o homem a se concentrar na vida presente, o que muito naturalmente desenvolve o sentimento do egoísmo. O único remédio para o mal é concentrar a atenção sobre um outro ponto e confundi-lo, por assim dizer, a fim de que modifique seus hábitos.

Provando de maneira patente a existência do mundo invisível, o Espiritismo leva, forçosamente, a uma ordem de ideias bem diversa, porque alarga o horizonte moral limitado à Terra. A importância da vida corporal diminui à medida que cresce a da vida espiritual; colocando-nos naturalmente num outro ponto de vista, o que nos parecia uma montanha não se nos afigura maior do que um grão de areia. As vaidades, as ambições terrenas tornam-se puerilidades, brinquedos infantis em presença do futuro grandioso que nos aguarda. Prendendo-nos menos às coisas terrenas, menos nos satisfaremos a expensas dos outros, donde uma diminuição no sentimento do egoísmo.

O Espiritismo não se limita a provar o mundo invisível. Pelos exemplos que desdobra aos nossos olhos, ele no-lo mostra em sua realidade e não tal como a imaginação o havia feito conceber; ele no-lo revela povoado de seres felizes ou infelizes, mas prova que só a caridade, a soberana lei do Cristo, pode assegurar, a felicidade. Por outro lado, vemos a sociedade terrestre dilacerar-se mutuamente sob o império do egoísmo, ao passo que viveria feliz e pacífica sob o domínio da caridade. Com a caridade tudo é, pois, benefício para o homem: felicidade neste mundo e no outro.

Não se trata mais, conforme a expressão de um materialista, de um sacrifício de tolos, mas, segundo a expressão do Cristo, de um dinheiro aplicado ao cêntuplo. Com o Espiritismo o homem compreende que tem tudo a ganhar se fizer o bem, e tudo a perder se praticar o mal. Ora, entre a certeza - eu não direi a chance - de perder ou ganhar, a escolha não pode ser duvidosa. Assim, a propagação da ideia espírita tende, necessariamente, a tornar melhores os homens uns para com os outros. O que ele faz hoje sobre os indivíduos, fará amanhã, em relação às massas, quando estiver divulgado de maneira geral. Tratemos, pois, de propagá-lo no interesse de todos.

Prevejo uma objeção que, segundo essas ideias, pode ser levantada: a de que a prática do bem seria um cálculo interesseiro. A isso respondo que a Igreja, prometendo as

alegrias do céu ou ameaçando com as chamas do inferno, conduz ela própria os homens pela esperança e pelo temor; que o próprio Cristo afirmou que o que se der neste mundo será devolvido centuplicado. Realmente, haverá maior mérito em fazer-se o bem espontaneamente, sem pensar em suas consequências; mas, nem todos os homens já chegaram a esse estágio, e mais vale praticar o bem com esse estimulante do que não o praticar absolutamente.

Dizem que as pessoas que fazem o bem sem desígnio premeditado e, a bem dizer, sem se darem conta do fato, não têm mérito algum, desde que não se esforçaram por fazê-lo. E um erro. O homem não chega a nada sem esforço. Aquele que o faz espontaneamente nesta existência, teve de lutar na precedente, e o bem acabou por se identificar com ele; daí por que tudo lhe parece natural; o bem está neles como em outras pessoas estão as ideias, que, também elas, tiveram sua fonte num trabalho anterior.

E ainda um dos problemas que o Espiritismo vem resolver. Os homens de bem tiveram também o mérito da luta; para eles a vitória já está alcançada; os outros ainda têm que conquistá-la. Eis por que, como as crianças, precisam de um estimulante, isto é, de uma meta a alcançar, ou, se o quiserdes, de um prêmio a conquistar.

Uma outra objeção mais séria é esta: se o Espiritismo produz todos esses resultados, os espíritas devem ser os primeiros a se aproveitarem deles. A abnegação, o devotamento, o desinteresse, a indulgência para com os outros, a abstenção absoluta de toda palavra ou de todo ato que possa prejudicar o próximo; numa palavra, a caridade em sua mais pura acepção deve ser a regra invariável de sua conduta.

Não devem conhecer nem o orgulho, nem o ciúme, nem a inveja, nem o rancor, nem as tolas vaidades, nem as pueris susceptibilidades do amor-próprio; devem fazer o bem pelo bem, com modéstia e sem ostentação, praticando esta máxima do Cristo: "Que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita", a fim de que não se lhes aplique estes versos de Racine: Um benefício lançado em rosto vale sempre por uma ofensa.

Enfim, a mais perfeita harmonia deve reinar entre eles. Por que, então, se citam exemplos que parecem contradizer a eficácia dessas belas máximas?

No início das manifestações espíritas, muitos as aceitaram sem lhes prever as consequências; a maior parte nelas não viu senão efeitos mais ou menos curiosos; mas quando daí saiu uma moral severa, deveres rigorosos a cumprir, muitos se sentiram sem forças para praticá-la e a ela se conformarem.

Faltou-lhes coragem, devotamento, abnegação, humildade; em tais indivíduos a natureza corporal prevaleceu sobre a espiritual. Acreditaram, mas recuaram diante da execução. Não havia pois, na origem, senão espíritas, isto é, crentes; a filosofia e a moral abriram a essa ciência um horizonte novo, criando os espíritas praticantes; uns ficaram na retaguarda, os outros seguiram em frente.

Quanto mais a moral se sublimou, tanto mais realçou as imperfeições dos que não quiseram segui-la, assim como uma luz brilhante faz ressaltar as sombras; era um espelho: alguns não quiseram nele se olhar, ou, crendo nele se reconhecerem, preferiam

atirar a pedra a quem lho mostrasse. Tal é ainda a causa de certas animosidades; mas, sinto-me feliz em dizer: são exceções, pequenas sombras sobre um quadro imenso, incapazes de alterar o seu brilho.

Pertencem em grande parte ao que poderíamos chamar de espíritas da primeira formação. Quanto aos que se formaram depois e se formam diariamente, a grande maioria aceitou a Doutrina precisamente por causa de sua moral e de sua filosofia. Eis por que se esforçam em praticá-la.

Pretender que todos devessem tornar-se perfeitos, seria desconhecer a natureza da Humanidade; mas, ainda que não se tivessem despojado senão de algumas partes do homem velho, seria sempre um progresso, que deve ser levado em conta. São indesculpáveis aos olhos de Deus apenas aqueles que, estando devidamente esclarecidos, não o aproveitaram como deveriam.

A estes, certamente, será pedida uma conta severa, da qual sofrerão as consequências já aqui na Terra, como temos visto numerosos exemplos. Mas, ao lado destes, em muitos outros se operou uma verdadeira metamorfose. Encontraram na crença espírita a força de vencer as más inclinações desde muito tempo arraigadas, de romper com velhos hábitos, de calar ressentimentos e inimizades, de tornar menores as distâncias sociais. Pedem milagres ao Espiritismo: eis os que ele produz.

Assim, pela força das coisas, o Espiritismo terá por consequência inevitável a melhoria moral; esta melhoria conduzirá à prática da caridade, e da caridade nascerá o sentimento da fraternidade. Quando os homens estiverem imbuídos dessas ideias, a elas conformarão suas instituições, e será assim que realizarão, naturalmente e sem abalos, todas as reformas desejáveis. E a base sobre a qual assentarão o edifício do futuro.

Essa transformação é inevitável, porque está conforme à lei do progresso; mas, se apenas seguir a marcha natural das coisas, sua realização poderá ainda demorar muito. Se acreditarmos na revelação dos Espíritos, está nos desígnios de Deus ativá-la e estamos nos tempos preditos para isso. A concordância das comunicações a esse respeito é um fato digno de nota; de todos os lados é dito que nos aproximamos da era nova e que grandes coisas irão cumprir-se.

Todavia, seria um erro acreditar que o mundo está ameaçado por um cataclismo material. Examinando as palavras do Cristo, é evidente que nesta, como em muitas outras circunstâncias, ele falou de maneira alegórica. A renovação da Humanidade, o reino do bem sucedendo ao reino do mal são coisas bastante notáveis que podem realizar-se sem que haja necessidade de englobar o mundo num naufrágio universal, nem fazer que apareçam fenômenos extraordinários, nem derrogar as leis naturais. É sempre neste sentido que os Espíritos se têm exprimido.

Tendo a Terra alcançado o tempo marcado para se tornar uma morada feliz, elevando-se assim na hierarquia dos mundos, basta a Deus não mais permitir aos Espíritos imperfeitos que aqui se reencarnem; que daqui afaste os que, por orgulho, incredulidade e maus instintos constituem obstáculo ao progresso e perturbam a boa

harmonia, como procedeis vós mesmos numa assembleia em que necessitais ter paz e tranquilidade e da qual afastais aqueles que a ela possam trazer desordem; como se expulsa de um país os malfeitores, que são degredados em regiões longínquas; que na raça, ou melhor, para nos servirmos das palavras do Cristo, na geração dos Espíritos enviados em expiação à Terra, desapareçam os que se mantiveram incorrigíveis, a fim de serem substituídos por uma geração de Espíritos mais adiantados.

Para isto, basta uma geração de homens e a vontade de Deus, que pode, mediante acontecimentos inesperados, não obstante muito naturais, ativar sua partida daqui. Se, pois, como foi dito, a maior parte das crianças que hoje nascem pertencem à nova geração de Espíritos melhores, e cada dia partindo as piores para não mais voltarem, é evidente que, em dado tempo, haverá uma renovação completa. O que acontecerá com os Espíritos exilados? Irão para mundos inferiores, onde expiarão o seu endurecimento por longos séculos de provas terríveis, pois que também eles são anjos rebeldes que menosprezaram o poder de Deus e se revoltaram contra suas leis, que o Cristo lhes viera recordar.

Seja como for, nada se faz bruscamente em a Natureza. A velha levedura deixará ainda, durante algum tempo, traços que se apagarão pouco a pouco. Quando os Espíritos nos dizem, e o fazem por toda parte, que nos aproximamos desse momento, não creiais que sejamos testemunhas de uma transformação visível; querem significar que estamos no momento da transição; que assistimos à partida dos antigos e à chegada dos novos, que virão fundar uma nova ordem de coisas, isto é, o reino da justiça e da caridade, que é o verdadeiro reino de Deus, predito pelos profetas, e cujas vias o Espiritismo vem preparar.

Como vedes, senhores, já estamos bem longe das mesas girantes e, contudo, apenas alguns anos nos separam desse berço do Espiritismo!

Quem quer que tivesse sido bastante audacioso então para predizer o que hoje ele é, teria passado por insensato aos olhos dos próprios adeptos. Vendo uma pequena semente, quem poderia compreender, se não a tivesse visto, que dali sairia uma árvore imensa? Vendo a criança nascida no estábulo de uma pobre aldeia da Judéia, quem poderia imaginar que, sem fausto e sem poder mundano, sua simples voz abalaria o mundo, assistido somente por alguns pescadores ignorantes e pobres como Ele? Dá-se o mesmo com o Espiritismo que, saído de um humilde e vulgar fenômeno, já estende raízes em todas as direções, cujos ramos em breve albergarão a Terra inteira. E que as coisas vão depressa, quando Deus o quer; e quem não veria aí o dedo de Deus, considerando-se que nada acontece sem a sua vontade?

Vendo a marcha irresistível das coisas, podeis dizer também, como outrora os cruzados, marchando para a conquista da Terra Santa: Deus o quer! Mas, com esta diferença: eles marchavam com o ferro e o fogo na mão, ao passo que não tendes por arma senão a caridade que, em vez de provocar ferimentos mortais, derrama um bálsamo salutar sobre os corações doloridos. E, com esta arma pacífica, que brilha aos olhos como um raio divino, e não como um ferro assassino, que semeia a esperança, e não o temor, tereis, dentro de alguns anos, levado ao aprisco da fé mais ovelhas desgarradas do que o

fizeram vários séculos de violência e opressão. E com a caridade por guia que o Espiritismo caminha para a conquista do mundo.

É uma quimera, um sonho fantástico o quadro que vos tracei? Não! A razão, a lógica, a experiência, tudo diz que é uma realidade.

Espíritas! Sois os pioneiros dessa grande obra; tornai-vos dignos da gloriosa missão, cujos primeiros frutos já recolheis. Pregai por palavras, mas, sobretudo, pregai pelo exemplo; fazei que, em se vos vendo, não possam dizer que as máximas que ensinai são palavras vãs em vossa boca. A exemplo dos apóstolos, fazei milagres, pois Deus vos concedeu o dom. Não milagres para ferir os sentidos, mas milagres de caridade e de amor. Sede bons para com os vossos irmãos, sede bons para com todo mundo, sede bons para com os vossos inimigos!

A exemplo dos apóstolos, expulsai os demônios, já que tendes poder para tanto, pois eles pululam em torno de vós: são os demônios do orgulho, da ambição, da inveja, do ciúme, da cupidez, da sensualidade, que insuflam todas as más paixões e semeiam por entre vós os pomos da discórdia. Expulsai-os de vossos corações, a fim de que tenhais a força necessária para expulsá-los dos corações alheios. Fazei esses milagres e Deus vos abençoará e as gerações futuras vos bendirão, como as de agora abençoam os primeiros cristãos, muitos dos quais revivem entre vós para assistir e concorrer ao coroamento da obra do Cristo. Fazei esses milagres e vossos nomes serão inscritos gloriosamente nos anais do Espiritismo. Não ofusqueis esse brilho por sentimentos e atos indignos de verdadeiros espíritas, de espíritas cristãos. Despojai-vos, o quanto antes, de tudo quanto possa ainda restar em vós do velho levedo.

Considerai que de um momento para outro, amanhã talvez, o anjo da morte pode vir bater à vossa porta e vos dizer: Deus te chama para que lhe prestes conta do que fizeste de sua palavra, da palavra de seu Filho, que Ele fez repetir pelos bons Espíritos. Ficai, pois, sempre prontos para partir e não façais como o viajor imprudente que é pego desprevenido. Fazei vossas provisões com antecipação, isto é, provisões de boas obras e de bons sentimentos, porquanto, infeliz daquele que o momento fatal surpreende com ódio, inveja ou ciúme no coração; terão por escolta os maus Espíritos, que se rejubilarão com as desgraças que o esperam, porque essas desgraças seriam a sua obra. E sabeis, espíritas, quais são essas desgraças: os próprios que as sofrem vêm até vós para descrever os seus sofrimentos. Aos que, ao contrário, se apresentarem puros, os bons Espíritos virão estender a mão, dizendo-lhes: Irmãos, sede bem-vindos às celestes moradas, onde vos esperam cânticos de alegria!

Vossos adversários poderão rir de vossas crenças nos Espíritos e em suas manifestações, mas não rirão das qualidades que dão essas crenças; não rirão quando virem inimigos se perdendo, em vez de se odiarem, a paz renascer entre parentes que se dividiam, o incrédulo de outrora fazendo preces, o homem violento e colérico mostrando-se brando e pacífico, o debochado se transformando em bom pai de família, o orgulhoso que se tornou humilde, o egoísta praticando a caridade; não rirão quando perceberem que

já não têm a temer a vingança de seus inimigos que se tornaram espíritas; o rico não rirá quando verificar que o pobre não mais invejará sua fortuna e o pobre bendirá o rico que se tornou mais humano e mais generoso, em vez de ter ciúme dele; os chefes não rirão mais de seus subordinados e não os molestarão mais quando constatarem que se fizeram mais escrupulosos e mais conscienciosos no cumprimento de seus deveres.

Enfim, os patrões encorajarão seus servidores e administradores, quando os virem, sob o império da fé espírita, mais fiéis, mais devotados e mais sinceros. Todos dirão que o Espiritismo é bom para alguma coisa, mesmo que seja apenas para salvaguardar seus interesses pessoais: tanto pior para os que não quiserem ver mais além. Sob o império dessa mesma fé, o militar é mais disciplinado, mais humano, mais fácil de ser conduzido; tem o sentimento do dever e obedece mais pela razão do que pelo temor. E o que constatarem todos os chefes imbuídos desses princípios, e eles são numerosos. Por isso se empenham para que nenhum entrave se oponha à propagação dessas ideias entre os seus subordinados.

Eis, senhores que rides, o que produz o Espiritismo, esta utopia do século dezenove, parcialmente ainda, é verdade, mas cuja influência já se reconhece e logo compreenderão que têm tudo a ganhar com a sua promulgação; que sua influência é uma garantia de segurança para as relações sociais, por ser o mais poderoso freio às más paixões, às efervescências desordenadas, mostrando o laço de amor e de fraternidade que deve unir o grande ao pequeno e o pequeno ao grande. Fazei, pois, por vosso exemplo que logo se possa dizer: Praza a Deus que todos os homens sejam espíritas de coração!

Caros irmãos espíritas, venho mostrar-vos a rota, fazer-vos ver o objetivo. Possam minhas palavras, por mais fracas que sejam, permitir que compreendais a sua grandeza! Mas outros virão depois de mim, que vo-la mostrarão também, e cuja voz, mais poderosa que a minha, terá para as nações o estrondo retumbante da trombeta. Sim, meus irmãos, Espíritos, mensageiros de Deus para estabelecer o seu reino na Terra, logo surgirão entre vós e os conhecereis por sua sabedoria e pela autoridade de sua linguagem.

À sua voz, os incrédulos e os ímpios serão tomados de admiração e de estupor, e curvarão a cabeça, pois não ousarão tratá-los de loucos. Meus irmãos, não vos posso revelar ainda tudo quanto vos prepara o futuro! Mas, aproxima-se o tempo em que todos os mistérios serão desvendados, para confundir os maus e glorificar os justos.

Enquanto ainda é tempo, revesti-vos, pois, da túnica branca: sufocai todas as discórdias, pois que as discórdias pertencem ao reino do mal, que vai ter fim. Que vos possais confundir todos numa mesma família e vos dar, do fundo do coração e sem pensamento premeditado, o nome de irmãos. Se, entre vós, houver dissidências, causas de antagonismo; se os grupos, que devem todos marchar para um objetivo comum, estiverem divididos, eu o lamento, sem me preocupar com as causas, sem examinar quem cometeu os primeiros erros e me coloco, sem vacilar, do lado daquele que tiver mais caridade, isto é, mais abnegação e verdadeira humildade, pois aquele a quem falta a caridade está sempre em erro, ainda que coberto de algum tipo de razão, porquanto Deus maldiz a

quem diz a seu irmão: Raca.

Os grupos são indivíduos coletivos que devem viver em paz, como os indivíduos, se, realmente, são espíritas; são os batalhões da grande falange. Ora, em que se tornaria uma falange, cujos batalhões se dividissem? Os que vissem os outros com olhos ciumentos provariam, só por isso, que estão sob má influência, desde que o Espírito do bem não pode produzir o mal. Como bem o sabeis, reconhece-se a árvore pelos seus frutos. Ora, o fruto do orgulho, da inveja e do ciúme é um fruto envenenado que mata quem dele se nutre.

O que digo das dissidências entre os grupos, digo-o igualmente para as que pudessem existir entre os indivíduos. Em semelhante circunstância, a opinião de pessoas imparciais é sempre favorável àquele que dá provas de maior grandeza e generosidade. Aqui na Terra, onde ninguém é infalível, a indulgência recíproca é uma consequência do princípio de caridade que nos leva a agir para com os outros como gostaríamos que os outros agissem para conosco.

Ora, sem indulgência não há caridade, sem caridade não há verdadeiro espírita. A moderação é um dos sinais característicos desse sentimento, como a acrimônia, como o rancor é a sua negação; com acrimônia e espírito vingativo estragam-se as melhores causas, mas com moderação sempre agimos dentro dos preceitos do bom direito. Se, pois, eu tivesse de opinar em uma divergência, eu me preocuparia menos com a causa e mais com a consequência.

A causa, sobretudo em querelas de palavras, pode ser o resultado de um primeiro movimento, de que nem sempre se é senhor; a conduta ulterior dos dois adversários é o resultado da reflexão: eles agem de sangue-frio e é então que se forja o verdadeiro caráter normal de cada um. Uma cabeça ruim e um bom coração muitas vezes caminham juntos, mas rancor e bom coração são incompatíveis. Minha medida de apreciação seria, pois, a caridade, isto é, eu observaria aquele que falasse menos mal de seu adversário, que fosse mais moderado em suas recriminações. E com esta medida que Deus nos julgará, pois que Ele será indulgente para quem tiver sido indulgente e inflexível para quem tiver sido inflexível.

O caminho traçado pela caridade é claro, infalível e sem equívocos. Poder-se-ia defini-lo assim: "Sentimento de benevolência, de justiça e de indulgência para com o próximo, baseado no que quereríamos que o próximo nos fizesse."

Tomando-a por guia, podemos estar certos de não nos afastar do reto caminho, daquele que conduz a Deus; quem quer que deseje, de maneira sincera e séria, trabalhar por sua própria melhoria, deve analisar a caridade em seus mais minuciosos detalhes e por ela conformar sua conduta, pois ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, pequenas ou grandes. Quando estivermos em dúvida sobre que partido tomar, no interesse alheio, basta que interroguemos a caridade e ela responderá sempre de maneira justa. Infelizmente escutamos, na maioria das vezes, a voz do egoísmo.

Sondai, pois, os refolhos de vossa alma, para arrancar dela os últimos vestígios das más paixões, se ainda restarem; e se experimentardes algum ressentimento contra

alguém, apressai-vos em abafá-lo e dizei: Irmão, esqueçamos o passado; os maus Espíritos nos haviam separado: que os bons nos reúnam! Se ele recusar a mão que lhe estendeis, oh! Então o lamentai, pois Deus, por sua vez, lhe dirá: Por que pedes perdão, tu que não perdoaste? Cuidai, pois, para que se não vos possa aplicar estes dizeres fatais: E tarde demais!

Tais são, caros irmãos espíritas, os conselhos que tenho a vos dar. A confiança que houvestes por bem me conceder é uma garantia de que eles produzirão bons frutos. Os bons Espíritos que vos assistem vos dizem todos os dias as mesmas coisas, mas julguei um dever apresentá-las em conjunto, para melhor ressaltar as suas consequências. Venho, pois, em nome deles, lembrar-vos a prática da grande lei de amor e de fraternidade que em breve deverá reger o mundo e nele fazer reinarem a paz e a concórdia, sob o estandarte da caridade para com todos, sem acepção de seitas, de castas, nem de cores.

Com este estandarte, o Espiritismo será o traço de união que aproximará os homens divididos pelas crenças e pelos preconceitos mundanos; ele derrubará as mais fortes barreiras que separam os povos: o antagonismo nacional. À sombra dessa bandeira, que será o seu ponto de concentração, os homens se habituarão a ver irmãos naqueles que só viam como inimigos.

Daqui até lá ainda haverá lutas, porque o mal não abandona facilmente sua presa, e os interesses materiais são tenazes. Sem dúvida não vereis com os olhos do corpo a realização dessa obra, para a qual concorrereis, embora esse momento não esteja muito distante; ademais, os primeiros anos do século próximo devem assinalar essa era nova, cujo fim deste prepara seus caminhos. Mas gozareis, com os olhos do Espírito, o bem que tiverdes feito, como os mártires do Cristianismo rejubilaram-se vendo os frutos produzidos pelo sangue que derramaram.

Coragem, pois e perseverança. Não vos insurjais contra os obstáculos: um campo não se torna fértil sem suor. Assim como um pai, mesmo na velhice, constrói uma casa para seus filhos, crede que construís, para as gerações futuras, um templo à fraternidade universal, no qual as únicas vítimas imoladas serão o egoísmo, o orgulho e todas as paixões más que ensanguentaram a Humanidade.

O MOVIMENTO ESPÍRITA DE LYON EM 1868 ²⁹

Esse jornal, que está sendo editado desde 15 de fevereiro, e do qual falamos várias vezes, prossegue a sua rota com sucesso, graças ao zelo e ao devotamento de seus diretores. Sua obra é tanto mais meritória porque, sendo noviços no que concerne à manutenção de um jornal, eles tiveram que lutar contra as dificuldades da inexperiência. Mas é forjando que se faz o ferreiro.

Assim, seguimos com um vivo interesse os progressos desse jornal, que ganhou consideravelmente, desde a sua origem, pela forma e pelo fundo. Nós o felicitáramos pelo espírito de tolerância e de moderação do qual ele fez lei, se esta não fosse uma das qualidades sem as quais não se poderia dizer verdadeiramente espírita, e uma consequência da máxima que ele toma como divisa: Fora da caridade não há salvação. Assim, fazemos votos sinceros por sua prosperidade.

²⁹ KARDEC, Allan. *Viagem espírita em 1862*, SP: Editora Clarim, 2000.

KARDEC EM RESPOSTA AO CONVITE DOS ESPÍRITAS DE LYON E DE BORDEAUX ³⁰

Meus caros irmãos e amigos espíritas de Lyon,

Apresso-me em vos dizer quanto sou sensível ao novo testemunho de simpatia que me acabais de dar, com o amável e grato convite para visitar-vos também este ano. Aceito-o com prazer, porque para mim é sempre uma felicidade encontrar-me em vosso meio.

Amigos, minha alegria é grande ao ver a família crescer a olhos vistos. É a mais eloquente resposta que se pode dar aos tolos e ignóbeis ataques contra o Espiritismo. Parece que tal crescimento lhes aumenta o furor, porque, hoje mesmo, recebi uma carta de Lyon, anunciando a remessa de um jornal dessa cidade, *La France littéraire*, no qual a doutrina em geral, e minhas obras em particular, são agredidas de maneira tão desagradável que me consultam se devem responder pela imprensa ou pelos tribunais. Digo que a resposta deve ser o desprezo.

Se a doutrina não fizesse progressos, se minhas obras fossem natimortas, ninguém se inquietaria e nada diriam. São os nossos sucessos que exasperam os inimigos. Deixemo-los, pois, derramar a sua raiva impotente, que mostra como sentem próxima a sua derrota. Eles não são tão tolos para se agarrarem a um aborto. Quanto mais ignóbeis forem os seus ataques, menos estes devem ser temidos, porque são desprezados pelas criaturas honestas e provam que eles não têm boas razões a opor, pois só sabem dizer injúrias.

Continuai, pois, meus amigos, a grande obra de regeneração iniciada sob tão felizes auspícios, e em breve colhereis os frutos da perseverança. Provai, sobretudo por vossa união e pela prática do bem, que o Espiritismo é a dádiva da paz e da concórdia entre os homens, e fazei que vos vendo se possa dizer que seria desejável que todos fossem espíritas.

Meus amigos, sinto-me feliz por ver tantos grupos unidos no mesmo sentimento, marchando de comum acordo para o nobre objetivo a que nos propomos. Sendo tal objetivo exatamente o mesmo para todos, não poderia haver divisões. Uma mesma bandeira vos deve guiar e nela está inscrito: Fora da caridade não há salvação. Ficai certos de que em torno dela é que a Humanidade inteira sentirá necessidade de se unir, quando

³⁰ KARDEC, Allan. *Viagem espírita em 1862*, SP: Editora Clarim, 2000.

se cansar das lutas engendradas pelo orgulho, pela inveja e pela cupidez. Essa máxima, verdadeira âncora de salvação, pois será o repouso após a fadiga, o Espiritismo terá a glória de havê-la proclamado por primeiro. Inscrevei-a em todos os locais de reunião e em vossas casas.

Que ela seja, de agora em diante, a palavra de união entre todos os homens que sinceramente querem o bem, sem segundas intenções pessoais. Mas fazei melhor ainda: Gravai-a em vossos corações, e desde já desfrutareis a calma e a serenidade que aí acharão as gerações futuras, quando ela será a base das relações sociais. Vós sois os pioneiros. Deveis dar o exemplo, a fim de encorajar os outros a vos seguirem.

Não esqueçais que a tática dos vossos inimigos encarnados e desencarnados é dividir-vos. Provai-lhes que perdem seu tempo na tentativa de suscitar, entre os grupos, sentimentos de inveja e rivalidades, que seriam uma apostasia da verdadeira doutrina espírita cristã.

As 500 assinaturas que subscrevem o convite que tivestes a bondade de me enviar representam uma manifestação contra essa tentativa, e há muitas outras que terei o prazer de aí ver. Aos meus olhos é mais que simples fórmula. É um compromisso de marchar pelo caminho que nos traçam os bons Espíritos. Eu as conservarei preciosamente, porque um dia constituirão os gloriosos arquivos do Espiritismo.

Ainda uma palavra, meus amigos. Indo ver-vos, uma coisa desejo: é que não haja banquete, e isto por vários motivos. Não quero que minha visita seja ocasião para despesas que poderiam impedir a presença de alguns e privar-me do prazer de ver todos reunidos. Os tempos estão duros. Não devemos fazer despesas inúteis. O dinheiro que isso custaria seria melhor empregado em auxílio aos que mais tarde necessitarão. Eu vos digo com toda a sinceridade que o pensamento de que aquilo que faríeis por mim em tal circunstância poderia ser uma causa de privação para muitos, me tiraria o prazer da reunião.

Não vou a Lyon para exibição nem para receber homenagens, mas para me entender convosco, consolar os aflitos, encorajar os fracos e ajudar-vos com os meus conselhos, tanto quanto estiver em minhas possibilidades. O que de mais agradável me podeis oferecer é o espetáculo de uma união boa, franca e sólida. Crede que os termos tão afetuosos do vosso convite valem para mim mais que todos os banquetes do mundo, ainda que oferecidos num palácio. Que me restaria de um banquete? Nada, ao passo que vosso convite fica como preciosa lembrança e uma prova de vossa afeição.

Até breve, meus amigos.

Se Deus quiser, terei o prazer de vos apertar as mãos cordialmente.

RESPOSTA DO SR. ALLAN KARDEC À *GAZETTE DE LYON*³¹

Sob o título “Uma sessão dos espíritas”, a *Gazette de Lyon* publicou, em seu número de 2 de agosto de 1860, o artigo seguinte, ao qual, durante sua visita a Lyon, o Sr. Allan Kardec deu a resposta que vai adiante, mas que aquele jornal ainda não se dignou reproduzir.

“São chamados espíritas certos alucinados que tendo rompido com todas as crenças religiosas de seu tempo e de seu país, não obstante pretendem estar em relação com os Espíritos.

Nascido das mesas girantes, o Espiritismo não passa de uma das mil formas desse estado patológico em que pode cair o cérebro humano, quando se deixa levar por essas mil e uma aberrações de que a Antiguidade, a Idade Média e os tempos atuais não deixaram de dar muitos exemplos.

Condenadas prudentemente pela Igreja Católica, todas essas pesquisas misteriosas, que saem do domínio dos fatos positivos, não têm outro resultado senão produzir a loucura nos que delas se ocupam, supondo que este estado de loucura já não tenha passado ao estado crônico no cérebro dos adeptos, o que está longe de ser demonstrado.

Os espíritas têm um jornal em Paris e basta ler alguns dos seus trechos para certificar-se de que não exageramos. À inépcia das perguntas dirigidas aos Espíritos evocados só tem igual na inépcia de suas respostas e, com razão, é permitido dizer lhes que não vale a pena voltar do outro mundo para dizer tantas tolices.

Enfim, essa nova loucura, renovada dos Antigos, vem de abater-se sobre a nossa cidade. Lyon possui espíritas e é em casa de simples tecelões que os Espíritos se dignam manifestar-se.

O antro de Trophonius está situado numa oficina; o sumo sacerdote do lugar é um tecelão de seda e a sibila é sua esposa; os adeptos são, geralmente, operários, pois ali não recebem facilmente os que, pelo seu exterior, denunciam muita inteligência. Os Espíritos só se dignam manifestar-se aos simples. Provavelmente é por isso que fomos ali admitidos.

Convidado a assistir a uma das sessões semanais dos espíritas lioneses, entramos na oficina onde se achavam quatro teares, um dos quais parado. Ali, entre as quatro forcas²⁶,

³¹ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1860, RJ: Ed. FEB, 1997.

a sibila sentou-se à frente de uma mesa quadrada, sobre a qual havia um caderno e, ao lado, uma pena de ganso. Notai que dissemos uma pena de ganso, e não uma pena metálica, pois os Espíritos têm horror aos metais.

Vinte a vinte e cinco pessoas de ambos os sexos, inclusive este vosso servo, formavam um círculo em torno da mesa. Depois de um pequeno discurso do sumo sacerdote sobre a natureza dos Espíritos, tudo num estilo que deveria encantar os Espíritos, devido à sua... simplicidade, começaram as perguntas. Aproxima-se um jovem e pergunta à sibila por que, oito dias antes dos combates, fossem na Crimeia ou na Itália, era ele sempre chamado a outro lugar?

A inspirada (é o nome que lhe dão), tomando a pena de ganso, a movimenta um instante sobre o papel, onde traça sinais cabalísticos, depois pronuncia esta fórmula:

“Meu Deus, concede-me a graça de nos esclarecer neste assunto.” A seguir acrescenta: “Leio a seguinte resposta: É que estais destinados a viver para instruir e esclarecer os vossos irmãos.”

Evidentemente é um adepto influente que querem conquistar para a causa. Além disso, foi soldado, talvez seja um ex-zuavo.

Não vamos criar caso.

Prossigamos.

Um outro jovem se aproxima por sua vez e pergunta se o Espírito de seu pai o acompanhou e protegeu nos combates.

Resposta: Sim.

Tomamos o jovem à parte e lhe perguntamos desde quando seu pai estava morto.

— Meu pai não está morto, respondeu ele.

A seguir apresenta-se um velho e pergunta — notai bem a sutileza da pergunta, imitada de Tarquínio, o Antigo, — se o que ele pensa foi o motivo pelo qual seu pai lhe deu o nome de João? Resposta: Sim. Um velho soldado do primeiro Império pergunta se os Espíritos dos soldados do velho Império não acompanharam os nossos jovens soldados à Crimeia e à Itália?

Resposta: Sim.

Segue-se uma pergunta supersticiosa, feita por uma senhora moça:

— Por que sexta-feira é um dia aziago?

A resposta não se fez esperar e, certamente, merece se tome cuidado, por causa de várias obscuridades históricas que ela elimina.

— É, respondeu a inspirada, porque Moisés, Salomão e Jesus Cristo morreram nesse dia.

Um jovem operário lionês, a julgar por seu sotaque, quer ser esclarecido sobre um fato maravilhoso.

— Uma noite, disse ele, minha mãe sentiu um rosto que tocava o seu. Ela acordou-nos a meu pai e a mim. Procuramos por toda parte e nada encontramos. De repente, um dos nossos teares se pôe a bater. Aproximamo-nos e ele para. Um outro se pôe a bater na extremidade da oficina. Estávamos aterrados, e piorou quando vimos todos trabalhando ao mesmo tempo, sem que víssemos viva alma.”

— É o vosso avô, respondeu a sibila, que vem pedir preces.

O jovem respondeu com um ar que lhe devia dar fácil entrada no santuário: É isso mesmo. Pobre velho! Tinham-lhe prometido missas que lhe não foram rezadas. Outro operário pergunta por que, diversas vezes, o fiel de sua balança se move sozinho?

— É um Espírito batedor, responde a inspirada, que produz o fenômeno. 26 As máquinas de tecer tinham a armação formada por quatro palanques em forma de forca. Daí a alusão irônica.

(N. da Eq. Revisora).

— Muito bem, responde o operário. Mas eu parei o prodígio, pondo um pedaço de chumbo no prato mais leve.

— É muito simples, continuou a adivinha, os Espíritos têm horror ao chumbo, devido à miragem.

Todos querem uma explicação da palavra miragem.

Aí para o poder da sibila:

— Deus não quer explicar isto, diz ela, nem mesmo a mim.

Era uma razão maior, ante a qual todos se inclinaram.

Então o sumo sacerdote, prevendo sérias objeções interiores, tomou a palavra e disse:

— Sobre esta questão, senhores, devemos abster-nos, pois seríamos arrastados a outras perguntas científicas que não podemos resolver.

Nesse momento as perguntas se multiplicavam e se cruzavam. Se os sinais que nos aparecem no céu desde algum tempo (os cometas!) são os de que fala o Apocalipse.

— Resposta: Sim, e em cento e quarenta anos este mundo não mais existirá.

— Por que Jesus Cristo disse que sempre haveria pobres?

— Resposta: Jesus Cristo quis falar dos pobres de Espírito. Para esses, Deus acaba de preparar um globo especial.

Não destacaremos toda a importância de semelhante resposta. Quem não compreende quão felizes serão os nossos descendentes quando não mais tiverem que temer o contato com os pobres de espírito? Quanto aos outros, a resposta da sibila felizmente deixa supor que seu reino terminou. Boa notícia para os economistas a quem o problema do pauperismo tira o sono.

Para terminar, aproxima-se uma mulher entre quarenta e cinquenta anos, e pergunta se seu Espírito já foi encarnado e quantas vezes?

Ficaríeis muito embaraçados, como eu, para responder. Mas os Espíritos respondem a tudo:

— Sim, responde a pena de ganso, foi três vezes: a primeira, como filha natural de respeitável princesa russa (esse respeitável, próximo do vocábulo anterior, me intriga); a segunda, como filha legítima de um trapeiro da Boêmia; e a terceira, ela sabe...

Esperamos que tal amostra de uma sessão de espíritas lioneses deva bastar para demonstrar que os Espíritos de Lyon valem bem os de Paris.

Mas perguntamos: não seria bom impedir que pobres loucos ficassem ainda mais loucos?

Outrora a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações. Talvez ela maltratasse bastante, é verdade, mas sustava o mal. Hoje, desde que a autoridade religiosa é impotente, desde que o bom-senso não tem bastante poder para fazer justiça a tais alucinações, não deveria a outra autoridade intervir neste caso, pondo fim a práticas das quais o menor inconveniente é tornar ridículos os que delas se ocupam?

Senhor,

Enviaram-me um artigo, assinado por C. M., que publicastes na *Gazette de Lyon* de 2 de agosto de 1860, sob o título “Uma sessão dos espíritas”. Nesse artigo, se não sou atacado senão indiretamente, eu o sou na pessoa de todos os que partilham de minhas convicções. Isto, porém, nada seria, se vossas palavras não tendessem a falsear a opinião pública sobre o princípio e as consequências das crenças espíritas, cobrindo de ridículo e de censura os que as professam e que apontais à vindita legal. Peço-vos permissão para algumas retificações a respeito, esperando de vossa imparcialidade que, uma vez que julgastes dever publicar o ataque, deveréis publicar minha resposta.

Não julgueis, senhor, que tenha o objetivo de vos convencer, nem o de retribuir injúria por injúria. Sejam quais forem as razões que vos impeçam de partilhar de nossa maneira de ver, não penso em procurá-las, e as respeito, se forem sinceras. Só peço a reciprocidade praticada entre gente que sabe conviver. Quanto aos epítetos descorteses, não faz parte de meus hábitos utilizá-los.

Se tivésseis discutido seriamente os princípios do Espiritismo; se a eles tivésseis oposto quaisquer argumentos, bons ou maus, eu teria podido vos responder.

Mas toda a vossa argumentação se limita a nos qualificar de ignaros; e não me cabe discutir convosco se tendes razão ou não; limito-me, pois, a destacar aquilo que as vossas asserções têm de inexato, fora de todo personalismo.

Não basta dizer aos que não pensam como nós que são uns imbecis: isto está ao alcance de qualquer um. É necessário lhes demonstrar que estão errados. Mas, como fazê-lo? Como entrar no cerne da questão, se não se conhece a sua primeira palavra?

Ora, creio que é o caso em que vos encontrais, pois do contrário teríeis usado melhores armas que a acusação banal de estupidez. Quando tiverdes dado ao estudo do Espiritismo o tempo moral necessário — e vos advirto de que é preciso bastante; quando tiverdes lido tudo quanto pode fundamentar a vossa opinião; aprofundando todas as

questões; assistido, como observador consciencioso e imparcial, a alguns milhares de experiências, vossa crítica terá algum valor. Até lá, não passa de uma opinião individual, que não se apoia sobre coisa alguma e a respeito da qual podeis, a cada momento, ser pilhado em flagrante delito de ignorância. O começo do vosso artigo é uma prova disso.

Dizeis: “São chamados ESPÍRITAS certos alucinados que, tendo rompido com TODAS as crenças religiosas de seu tempo e de seu país...” Sabeis, senhor, que esta acusação é muito grave, e tanto mais grave quanto, ao mesmo tempo, falsa e caluniosa? O Espiritismo é inteiramente baseado no dogma da existência da alma, na sua sobrevivência ao corpo, na sua individualidade após a morte, na sua imortalidade, nas penas e as recompensas futuras.

Ele não só sanciona essas verdades pela teoria. Seu objetivo é prová-las de maneira patente. Eis por que tanta gente que em nada acreditava foi reconduzida às ideias religiosas. Toda a sua moral é apenas o desenvolvimento das máximas do Cristo: praticar a caridade, pagar o mal com o bem, ser indulgente para com o próximo, perdoar aos inimigos; numa palavra, agir para com os outros como quereríamos que eles agissem para conosco.

Então achais estas ideias tão estúpidas? Romperam elas com toda crença religiosa, elas que se apoiam na base mesma da religião? Não, direis vós, mas basta ser católico para ter tais ideias. Tê-las, vá; mas praticá-las é outra coisa, ao que parece. É muito evangélico para vós, católico, insultar gente corajosa, que nunca vos fez mal, que não conheceis e que teve bastante confiança em vós para vos receber em seu meio?

Admitamos que estejam errados. Será cobrindo-as de injúrias e as irritando que as reconduzireis?

Vosso artigo contém um outro erro de fato que prova uma vez mais a vossa ignorância em matéria de Espiritismo. Dizeis que “os adeptos são geralmente operários.” Sabei então, senhor, para vosso governo, que dos cinco ou seis milhões de espíritas que existem atualmente, a quase totalidade pertence às classes mais esclarecidas da Sociedade; conta entre os seus aderentes grande número de médicos em todos os países, advogados, magistrados, homens de letras, altos funcionários, oficiais de todas as patentes, artistas, cientistas, negociantes, etc., pessoas que levemente colocais entre os ineptos. Mas passemos sobre tudo isto. Os vocábulos insulto e injúria vos parecem muito fortes? Vejamos.

Pesastes bem o alcance de vossas palavras quando, depois de ter dito que os adeptos são geralmente operários, acrescentais, a propósito das reuniões lionesas: “pois ali não recebem facilmente os que, pelo seu exterior, denunciam MUITA INTELIGÊNCIA. Os Espíritos só se dignam manifestar-se aos SIMPLES. Provavelmente é por isso que fomos ali admitido.”

E mais adiante, esta outra frase:

“Depois de um PEQUENO DISCURSO sobre a natureza dos Espíritos, tudo num estilo que deveria encantar os Espíritos, devido à sua SIMPLICIDADE, começaram as perguntas.”

Não lembro as facécias relativas à pena de ganso de que, segundo vós, servia-se o médium, e outras coisas, também bastante espirituosas. Falo mais seriamente. Farei uma única observação: é que vossos olhos e ouvidos vos serviram muito mal, porque o médium de quem falais não se serve de pena de ganso e tanto a forma quanto o fundo da maioria das perguntas e das respostas referidas no artigo são pura invenção. São, pois, pequenas calúnias, através das quais quisestes fazer brilhar o vosso talento.

Assim, em vossa opinião, para ser admitido nessas reuniões operárias é preciso ser operário, isto é, desprovido de bom-senso, e ali fostes introduzido, dizeis, porque certamente vos tomaram por um tolo. Com certeza se vos tivessem julgado com bastante espírito para inventar coisas que não existem, é bem certo que vos teriam fechado a porta.

Já pensastes, senhor, que não atacais apenas os espíritas, mas toda a classe operária e, em particular, a de Lyon? Esqueceis que são esses mesmos operários, esses tecelões, como dizeis com afetação, que fazem a prosperidade de vossa cidade pela indústria? Não foram essas criaturas sem valor moral, esses operários, que produziram Jacquard? De onde saíram em bom número os vossos fabricantes, que adquiriram fortuna com o suor de sua fronte e à força de ordem e de economia? Não é insultar o trabalho comparar os seus teares a ignóbeis forças?

Ridicularizais a sua linguagem; esqueceis que o seu ofício não é para fazer discursos acadêmicos? É necessário um estilo rebuscado para dizer o que se pensa? Senhor, vossas palavras não são apenas levianas — emprego o vocábulo por consideração — elas são imprudentes. Se jamais Deus vos reservou dias nefastos, orai para que os ofendidos não se lembrem disto. Os que são espíritas se esquecerão, porque a caridade assim lhes ordena. Fazei votos, pois, para que todos o sejam, desde que bebem no Espiritismo os princípios de ordem social, o respeito à propriedade e os sentimentos religiosos.

Sabeis o que fazem os operários espíritas lioneses, que tratais com tanto desdém? Ao invés de irem atordoar-se nos cabarés ou alimentar-se de doutrinas subversivas e quiméricas, nessa oficina que por irrisão comparais ao antro de Trophonius, em meio a esses teares de quatro forças, eles pensam em Deus. Eu os vi durante minha estada aqui. Conversei com eles e me convenci do seguinte: Entre eles, muitos maldiziam seu trabalho penoso; hoje o aceitam com a resignação do cristão, como uma prova. Muitos viam com ciúme e inveja a sorte dos ricos; hoje sabem que a riqueza é uma prova ainda mais escorregadia que a da miséria, e que o infeliz que sofre e não cede à tentação é o verdadeiro eleito de Deus.

Sabem que a verdadeira felicidade não está no supérfluo e que aqueles que são chamados os felizes deste mundo também sofrem cruéis angústias, que o ouro não acalma. Muitos se riam da prece; hoje oram e reencontraram o caminho da igreja que tinham esquecido, porque outrora não criam em nada e hoje creem. Diversos teriam sucumbido no desespero; hoje, que conhecem a sorte dos que voluntariamente abreviam a vida, resignam-se à vontade de Deus, pois sabem que têm uma alma, do que antes não estavam certos. Enfim, porque sabem estar apenas de passagem na Terra, e que a

justiça de Deus não falha para ninguém.

Eis, senhor, o que sabem e o que fazem esses ineptos, como os chamais. Talvez se exprimam numa linguagem ridícula, trivial aos olhos de um homem de espírito como vós, mas aos olhos de Deus o mérito está no coração e não na elegância das frases.

Noutro ponto dizeis: “Outrora a igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações. Talvez ela maltratasse bastante, é verdade, mas sustava o mal. Hoje, desde que a autoridade religiosa é impotente, desde que o bom-senso não tem bastante poder para fazer justiça a tais alucinações, não deveria a outra autoridade intervir neste caso, etc.” Com efeito, ela queimava. É realmente uma lástima que não tenhamos mais fogueiras. Oh! Deploráveis efeitos do progresso das luzes!

Não tenho por hábito responder às diatribes. Se só se tratasse de mim, eu nada teria dito. Mas, a propósito de uma crença de que me orgulho de professar porque é uma crença eminentemente cristã, vós procurais ridicularizar criaturas honestas e laboriosas, porque são iletradas, esquecendo que Jesus era operário. Vós as excitais com palavras irritantes; chamais contra elas os rigores das autoridades civis e religiosas, quando são pacíficas e compreendem o vazio das utopias com que são embalados e que vos meteram medo.

Tive que lhes tomar a defesa, lembrando os deveres impostos pela caridade, dizendo-lhes que se outros não cumprem os seus deveres, isso não é razão para se afastarem de lá. Eis, senhor, os conselhos que lhes dou; são também os que lhes dão os Espíritos que cometem a tolice de se dirigirem a pessoas simples e ignorantes e não a vós. É que provavelmente sabem que serão melhor escutados. A propósito, poderíeis dizer-me por que Jesus escolheu seus apóstolos entre o povo, e não entre os homens de letras? Sem dúvida é porque na época não havia jornalistas para lhe dizerem o que ele devia fazer.

Certamente direis que vossa crítica só atinge a crença nos Espíritos e em suas manifestações e não os princípios sagrados da religião. Estou certo disto. Mas, então, por que dizer que os espíritas romperam com todos os princípios religiosos? É que não sabeis em que eles se apoiam. Contudo, lá vistes um médium orar com fervor, e vós, católico, ristes de uma pessoa que orava!

Provavelmente vós não sabeis também o que são os Espíritos. Os Espíritos são apenas as almas dos que viveram. Almas e Espíritos são uma única e mesma coisa.

Assim, negar a existência dos Espíritos é negar a alma. Admitir a alma, sua sobrevivência e sua individualidade, é admitir os Espíritos. Toda a questão, pois, se reduz a saber se, após a morte, a alma pode manifestar-se aos vivos. Os livros sagrados e os Padres da Igreja o reconheciam. Se os espíritas estão errados, essas autoridades também se enganaram. Para prová-lo é preciso demonstrar, não por uma simples negativa, mas por peremptórias razões:

- 1º — Que o ser que pensa em nós durante a vida não deve mais pensar após a morte;
- 2º — Que, se pensa, não deve mais pensar naqueles que amou;
- 3º — Que, se pensa nos que amou, não deve mais querer com eles comunicar-se;

4º — Que, se pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º — Que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

Se conhecêsseis o estado dos Espíritos, sua natureza e, se assim me posso exprimir, sua constituição fisiológica, tal como eles no-la descrevem e tal qual a observação nos confirma, saberíeis que o Espírito e a alma, sendo uma única e mesma coisa, só há de menos no Espírito o corpo de que se despoja ao morrer, restando-lhe, porém, um envoltório etéreo, que para ele constitui um corpo fluídico, com o auxílio do qual pode, em certas circunstâncias, tornar-se visível.

É o que ocorre nos casos de aparições, que a própria igreja admite perfeitamente, desde que de algumas faz artigo de fé. Dada esta base, às proposições precedentes acrescentarei as seguintes, pedindo-vos que as prove:

6º — Que por seu envoltório fluídico, o Espírito não pode agir sobre a matéria inerte;

7º — Que se pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

8º — Que se pode agir sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para escrever;

9º — Que podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e lhe transmitir seu pensamento.

Quando tiverdes demonstrado que tudo isto é impossível, por meio de raciocínios tão patentes quanto aqueles pelos quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira, então vossa opinião poderá ser levada em consideração.

Certamente objetareis que nas suas comunicações, por vezes os Espíritos dizem coisas absurdas. É bem certo; e fazem mais: por vezes dizem grosserias e impertinências. É que, deixando o corpo, o Espírito não se despoja imediatamente de todas as suas imperfeições. É então provável que aqueles que dizem coisas ridículas como Espíritos, as disseram ainda mais ridículas quando estavam entre nós. Eis por que não aceitamos mais cegamente tudo o que vem da parte deles do que o que vem da parte dos homens.

Mas eu paro aqui, pois não pretendo dar um curso. Bastou-me provar que falastes do Espiritismo sem conhecê-lo. Recebei, senhor, minhas respeitadas saudações.

Allan Kardec

BANQUETE OFERECIDO PELOS ESPÍRITAS LIONESES AO SR. ALLAN KARDEC, A 19 DE SETEMBRO DE 1860 ³²

Nessa reunião íntima e familiar, um dos sócios, Sr. Guillaume, teve a bondade de expor os sentimentos dos espíritas lioneses na alocução que segue. Lendo-a, todos compreenderão que devemos ter hesitado em publicá-la na *Revista Espírita*, apesar do desejo que nesse sentido nos foi expresso. Assim, só cedendo a instâncias foi que concordamos, temerosos, por outro lado, de que a recusa pudesse significar falta de reconhecimento aos testemunhos de simpatia que recebemos. Rogamos, pois, aos leitores, que façam abstração da pessoa e não vejam nas palavras senão uma homenagem prestada à Doutrina.

“Ao Sr. Allan Kardec; ao zeloso propagador da Doutrina Espírita!

“É à sua coragem, às suas luzes e à sua perseverança devotada que devemos a felicidade de estarmos hoje reunidos, neste banquete simpático e fraterno.

“Que todos os espíritas de Lyon jamais esqueçam que, se têm a felicidade de sentir-se melhorados, malgrado todas as influências perniciosas que sempre desviam o homem do caminho do bem, devem-no ao Livro dos Espíritos.

“Se sua existência se suavizou; se seu coração está mais depurado e mais afetuoso; se expulsaram a cólera e a vingança, devem-no ao Livro dos Espíritos.

“Se na vida privada suportam com coragem os revezes da fortuna; se repelem todos os meios baseados na astúcia e na mentira, para adquirirem os bens terrenos, devem-no ao Livro dos Espíritos, que os fez compreenderem a prova e acendeu-lhes a luz que expulsa as trevas.

“Se um dia, que talvez não esteja longe, os homens se tornarem humanos, fraternos e dedicados a uma mesma fé; se a caridade não mais for para eles uma palavra vã, isso ainda deverão ao Livro dos Espíritos, ditado pelos melhores dentre eles ao Sr. Allan Kardec,

³² KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1860, RJ: Ed. FEB, 1997.

escolhido para espalhar a luz.

“À união sincera dos espíritas lioneses! À Sociedade Espírita Parisiense, cuja radiação a todos nos esclareceu, que é a sentinela avançada, encarregada de limpar a difícil estrada do progresso! Paris é o cérebro do Espiritismo, como Lyon deve merecer, por sua união, seu trabalho, suas luzes e seu amor, ser considerada o seu coração.

“Quando o coração e o espírito estiverem unidos na mesma fé, para atingir o mesmo objetivo, bem logo só haverá na França irmãos amorosos e dedicados.

Cresçamos, pois, pela união no amor, e em breve os nossos sentimentos, os nossos princípios cobrirão o mundo inteiro. O Espiritismo, senhoras e senhores, é o único meio para chegarmos prontamente ao Reino de Deus.

“Honra à Sociedade Espírita Parisiense! Honra ao Sr. Allan Kardec, o fundador e o primeiro elo da grande corrente espírita!”

Guillaume

A LOUCURA ESPÍRITA RESPOSTA AO SR. BURLET, DE LYON

Você está em: *Revista Espírita* - Jornal de estudos psicológicos - 1863 > fevereiro > A loucura Espírita - Resposta ao Sr. Burlet, de Lyon – Ciências.

O folhetim da *Presse* de 8 de janeiro de 1863 traz o artigo seguinte, tirado do *Salut Public* de Lyon, e que o *Gironde*, de Bordeaux, apressou-se em reproduzir, crendo lavar um tento contra o Espiritismo:

Ciências

“O Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, leu recentemente na Sociedade de Ciências Médicas desta cidade um interessante trabalho sobre o Espiritismo considerado como causa de alienação mental. Em face da epidemia que pesa no momento sobre a sociedade francesa, não será desprovido de utilidade assinalar os fatos contidos na memória do Sr. Burlet.

“O autor descreve com cuidado seis casos de loucura, dita aguda, por ele observados no hospital de Antiquaille, e nos quais, sem dificuldade, se constata a relação direta entre a alienação mental e as práticas espíritas. Por seu lado, diz ele, o Dr. Carrier teve ocasião, há pouco tempo, de tratar e ver curadas, em seu serviço, três mulheres que o Espiritismo havia enlouquecido. Aliás, não há um só médico que trata especificamente de alienação mental que não tenha observado casos análogos, em maior ou menor número, sem falar, é claro, das perturbações intelectuais ou afetivas que, sem chegar ao ponto a que se convencionou chamar de loucura, não deixam de alterar a razão e tornar desagradável e bizarro o comportamento dos que a apresentam.

“Essa influência da pretensa Doutrina Espírita está hoje bem demonstrada pela Ciência. As observações que o estabelecem contam-se aos milhares. Diz o Sr. Burlet que ‘Se nas outras partes da França, os casos de loucura causados pela doutrina dos médiuns forem tão frequentes quanto no departamento que habitamos — e não há motivos para

que assim não seja — parece-nos fora de dúvida que o Espiritismo pode tomar lugar na linha das causas mais fecundas de alienação mental.’

“Terminando, o autor exorta os pais e mães de família, os chefes de oficinas etc. a ficarem atentos para que seus filhos e empregados não vão nunca ‘a essas reuniões espíritas chamadas grupos, nas quais o perigo para a razão não é o único a temer’.

“É, pois, de incontestável utilidade dar publicidade aos fatos deste gênero, colhidos conscienciosamente, como os do interno dos hospitais de Lyon. Não que haja a menor chance para agir sobre indivíduos já afetados pela epidemia. O caráter de sua loucura é precisamente a forte convicção de serem os únicos detentores da verdade. Em sua humildade, julgam-se com o dom de comunicar-se com os Espíritos, e consideram orgulhosa a Ciência que ousa duvidar de seu poder. Vítimas da alucinação que os empolga, admitida a sua premissa, raciocinam a seguir com uma lógica inatacável, que não faz senão fortalecê-los na aberração. Mas, pode-se conservar a esperança de agir sobre as inteligências ainda sãs que seriam tentadas a se exporem às seduções do Espiritismo, assinalando-lhes o perigo, e assim garanti-las contra esse perigo.

“É bom saber que as práticas espíritas e a convivência com os médiuns — que são verdadeiros alucinados — é necessariamente prejudicial para a razão. Só os caracteres fortemente temperados podem resistir. Os outros aí sempre deixam uma parte, maior ou menor, do seu bom-senso.”

A. Sanson

Este artigo pode fazer o contrapeso dos sermões relatados no artigo precedente. Pode-se ver, se não uma unidade de origem, ao menos uma intenção idêntica: a de levantar a opinião contra o Espiritismo, por meios onde transparece a boa-fé ou a ignorância das coisas.

Note-se a gradação que tiveram os ataques, a partir do famoso e desajeitado artigo da Gazette de Lyon (Vide Revista Espírita de outubro de 1860). Então não passava de chã zombaria, pelas quais os operários daquela cidade eram achincalhados, ridicularizados, e seus teares comparados a forcas. Não era, realmente, prova de deselegância lançar o desprezo sobre os trabalhadores e sobre os instrumentos que fazem a prosperidade de uma cidade como Lyon?

Desde então, a agressão toma outro caráter. Vendo a impotência do ridículo, e não podendo impedir-se de constatar o terreno que diariamente ganham as ideias espíritas, ela o retoma num tom mais lamentável. É em nome da Humanidade, em face da epidemia que pesa no momento sobre a sociedade francesa, que ela vem assinalar os perigos dessa pretensa doutrina que torna desagradável e bizarro o relacionamento daqueles que a professam, referência pouco lisonjeira para as senhoras de todas as classes, inclusive para as princesas que acreditam nos Espíritos.

Parece-nos, entretanto, que as pessoas violentas e irascíveis tornadas mansas e boas pelo Espiritismo não constituem prova de um caráter muito mau e são menos desagradáveis do que antes, e que entre os não espíritas só se encontram criaturas amáveis e benevolentes. Posto se encontrem muitas famílias onde o Espiritismo restabeleceu a paz e a união, é em nome de seu interesse que se intimam os operários a não irem a “essas reuniões chamadas grupos, onde podem perder a razão e outras coisas”, sem dúvida achando que as conservariam melhor indo ao cabaré do que ficando em casa.

Não tendo êxito com o motejo, eis que agora os adversários chamam a Ciência em seu apoio, não mais a ciência trocista, representada pelo músculo que range, do Sr. Jobert, de Lamballe (Vide Revista Espírita de junho de 1859), mas a Ciência séria, condenando o Espiritismo tão gravemente quanto outrora condenou a aplicação do vapor à marinha, e tantas outras utopias que mais tarde teve a fraqueza de aceitar como verdades.

E qual o seu representante em tão grave questão? É o Instituto de França? Não. É o Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, isto é, estudante de medicina, que forja as primeiras armas lançando uma memória contra o Espiritismo. Ele falou, e em seu nome e em nome do Sr. Sanson, da Presse, que a Ciência deu a sua sentença, sentença que provavelmente também não será mais inapelável que a dos doutores que condenaram a teoria de Harvey sobre a circulação do sangue, e que lançaram contra o seu autor “libelos e diatribes mais ou menos virulentos e grosseiros”. (Dictionnaire des Origines). Seja dito, entre parênteses, que um trabalho curioso seria uma monografia dos erros dos cientistas.

Diz o Sr. Burlet ter observado seis casos de loucura aguda produzida pelo Espiritismo, mas como é pouco para uma população de 300.000 almas, das quais pelo menos a décima parte é espírita, tem ele o cuidado de acrescentar “que se contariam por milhares se nas outras partes da França os casos de loucura causados pela doutrina dos médiuns fossem tão frequentes quanto no departamento que habitamos, e não há motivos para que assim não seja.”

Com o sistema de suposições vai-se muito longe, como se vê. Ora! Vamos mais longe que ele, e diremos, não por hipótese, mas por afirmação que, num tempo dado, só se encontrarão loucos entre os espíritas. Com efeito, a loucura é uma das enfermidades da espécie humana. Mil causas acidentais podem produzi-la, e a prova é que havia loucos antes que se falasse de Espiritismo, e que nem todos os loucos são espíritas, o Sr. Burlet há de concordar. Em todos os tempos houve loucos, e os haverá sempre. Então, se todos os habitantes de Lyon fossem espíritas, só se encontrariam loucos entre os espíritas, do mesmo modo que numa região inteiramente católica só haverá loucos entre os católicos. Observando a marcha da doutrina de uns anos para cá, até certo ponto poder-se-ia prever o tempo necessário para isto. Mas falemos só do presente.

Os loucos falam do que os preocupa. É bem certo que aquele que jamais tivesse ouvido falar de Espiritismo, dele não falaria, ao passo que, caso contrário, dele falará, assim como falaria de religião, de amor etc. Seja qual for a causa da loucura, o número de loucos falando de Espíritos aumentará naturalmente com o número de adeptos. A questão

é saber se o Espiritismo é uma causa eficiente de loucura. O Sr. Burlet o afirma do alto de sua autoridade de interno, dizendo que “Essa influência é hoje bem demonstrada pela Ciência”. Daí, inflamado, apela aos rigores da autoridade, como se uma autoridade qualquer pudesse impedir o curso de uma ideia, e sem pensar que as ideias jamais se propagam melhor do que sob o império da perseguição. Toma ele sua opinião e a dos que pensam como ele por decretos da Ciência? Ele parece ignorar que o Espiritismo conta em suas fileiras grande número de médicos ilustres; que muitos dos grupos e sociedades são presididos por médicos que, também eles, são homens de ciência, e que chegam a conclusões contrárias às suas. Quem tem razão: ele ou os outros? Neste conflito entre a afirmação e a negação, quem pronunciará o veredito final? O tempo, a opinião, a consciência da maioria e a própria Ciência, que se renderá à evidência, como já o fez em outras circunstâncias.

Diremos ao Sr. Burlet que é contra os mais simples preceitos da lógica deduzir uma consequência geral de alguns fatos isolados, a que outros fatos podem dar um desmentido. Para apoiar vossa tese, seria preciso um trabalho diverso do vosso. Dissestes haver observado seis casos. Creio em vossa palavra, mas, o que é que isso prova? Se tivésseis observado o dobro ou o triplo não provaríeis mais, se o total dos loucos não passou da média. Suponhamos a média de 1.000, para usar um número redondo. Sendo sempre as mesmas as causas habituais da loucura, se o Espiritismo pode provocá-la, é mais uma causa que, somada às outras, deve aumentar a cifra da média. Se desde a introdução das ideias espíritas a média de 1.000 tivesse subido para 1.200, por exemplo, e a diferença fosse precisamente a dos casos de loucura espírita, a questão mudaria de figura. Mas enquanto não for provado que sob a influência do Espiritismo a média dos alienados aumentou, a amostragem feita de alguns casos isolados nada prova senão a intenção de lançar o descrédito sobre as ideias espíritas e de apavorar a opinião.

No estado atual das coisas, resta mesmo conhecer o valor dos casos isolados que se nos apresentam, e saber se todo alienado que fala dos Espíritos deve sua loucura ao Espiritismo, para o que seria necessário um juiz imparcial e desinteressado. Suponhamos que o Sr. Burlet fique louco, o que pode acontecer-lhe, como a qualquer outro, - e, quem sabe, talvez mais do que a um outro, - haveria algo de admirável que, preocupado com a ideia que combateu, dela falasse em sua demência? Deveria daí concluir-se que foi a crença nos Espíritos que o enlouqueceu?

Poderíamos citar vários casos, dos quais fazem muito alarido, e nos quais ficou provado que as pessoas se tinham ocupado pouco ou nada do Espiritismo, ou que tinham tido ataques de loucura bem caracterizados muito anteriores.

A isto devem juntar-se os casos de obsessão e subjugação, que são confundidos com a loucura e tratados como tal, com grande prejuízo para a saúde das pessoas afetadas, como explicamos em nossos artigos sobre Morzine. À primeira vista, são estes os únicos que poderiam ser atribuídos ao Espiritismo, posto esteja provado que se encontram em grande número de pessoas estranhas a ele e que, pela ignorância da causa, são

erroneamente tratados.

É verdadeiramente curioso ver certos adversários que não creem nos Espíritos nem em suas manifestações pretenderem que o Espiritismo seja uma causa de loucura. Se os Espíritos não existem ou se não podem comunicar-se com os homens, todas essas crenças são quimeras que nada têm de real. Perguntamos, então, como o nada pode produzir alguma coisa?

É a ideia, dirão eles; essa ideia é falsa; ora, todo homem que professa uma ideia falsa desarrazoá. Que ideia é essa, tão funesta à razão? Ei-la: Temos uma alma que vive após a morte do corpo. Essa alma conserva as afeições da vida terrena e pode comunicar-se com os vivos. Segundo eles, é melhor acreditar no nada após a morte, ou então, o que dá no mesmo, que a alma, perdendo a sua individualidade, se confunde no todo universal, como as gotas de água no oceano. De fato, com esta última ideia não há mais necessidade de nos inquietarmos com a sorte do próximo e que só temos que pensar em nós, bem beber, bem comer nesta vida, tudo em proveito do egoísmo.

Se a crença contrária é uma causa de loucura, por que existem tantos loucos entre as pessoas que em nada creem? Direis que esta causa não é a única. De acordo. Mas então, por que quereríeis que essas causas não pudessem ferir um espírita como a qualquer outro? E por que pretenderíeis tornar o Espiritismo responsável por uma febre alta ou uma insolação?

Apelais à autoridade para tomar medidas contra as ideias espíritas porque, em vossa opinião, elas desorganizam o cérebro. Mas por que não chamais a vigilância da autoridade contra as outras causas? Na vossa solicitude pela razão humana, da qual vos supondes o protótipo, fizestes a estatística dos inumeráveis casos de loucura produzidos pelo desespero do amor? Por que não apelais à autoridade para proscrever o sentimento amoroso?

Está comprovado que todas as revoluções são marcadas por uma recrudescência notável nas afecções mentais. Eis aí uma causa eficiente bem manifesta, pois aumenta a cifra da média. Por que não aconselhais os governos a interditem as revoluções como coisa malsã?

Considerando-se que o Sr. Burlet fez o relato enorme de seis casos de loucura dita espírita, numa população de 300.000 almas, aconselhamos os médicos espíritas a fazerem o mesmo com todos os casos de loucura, de epilepsia e outras afecções causadas pelo medo do diabo, pelo terrível quadro das torturas do inferno e pelo ascetismo das reclusões claustrais.

Longe de admitir o Espiritismo como uma causa de aumento da loucura, dizemos que ele é uma causa atenuante, que deve diminuir o número dos casos produzidos pelas causas ordinárias. Com efeito, entre essas causas, devem ser colocados em primeira linha os desgostos de toda natureza, as decepções, as afeições contrariadas, os revezes da fortuna, as ambições frustradas. O efeito dessas causas está na razão da impressionabilidade do indivíduo.

Se tivéssemos um meio de atenuar essa impressionabilidade, este seria, sem dúvida, o melhor preservativo. Ora! Esse meio está no Espiritismo, que amortece o contra-golpe moral; que faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Alguém que se teria suicidado por um revés, adquire na crença espírita uma força moral que o leva a receber o mal com paciência. Não só não se matará, mas, em presença da maior adversidade, conservará a razão fria, porque tem uma fé inalterável no futuro.

Dar-lhe-eis essa calma com a perspectiva do nada? Não, pois ele não entrevê nenhuma compensação, e se não tiver o que comer, poderá comer-vos. A fome é terrível conselheira para quem acredita que tudo acaba com a vida. Ora! O Espiritismo faz suportar a fome, porque faz ver, compreender e esperar a vida que sucede à morte do corpo. Eis a sua loucura.

A maneira pela qual o verdadeiro espírita encara as coisas deste mundo e do outro, leva-o a domar em si as mais violentas paixões, mesmo a cólera e a vingança.

Depois do artigo insultuoso da Gazette de Lyon, lembrado pouco acima, um grupo de cerca de uma dúzia de operários nos disse: “Se não fôssemos espíritas iríamos dar uma surra no autor, para lhe ensinar a viver, e se estivéssemos em revolução incendiaríamos a redação de seu jornal. Mas somos espíritas. Nós o lastimamos e pedimos a Deus que o perdoe.”

Que dizeis desta loucura, Sr. Burlet? Num caso semelhante, o que teríeis preferido: tratar com loucos dessa espécie ou com homens que nada temem? Pensai que hoje os há mais de vinte mil em Lyon. Pretendeis servir aos interesses da Humanidade e não compreendeis os vossos! Pedi a Deus para que um dia não tenhais que lamentar não sejam todos os homens espíritas. É para isto que vós e os vossos trabalhais com todas as forças. Semeando a incredulidade, minais os fundamentos da ordem social; estimulais a anarquia, as reações sangrentas.

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que torna os homens melhores uns para com os outros; que lhes ensina a perdoar aos inimigos; a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa, uma crença que, numa palavra, faz nascer o verdadeiro sentimento da caridade, da fraternidade e dos deveres sociais.

Perguntai a todos os chefes militares que têm subordinados espíritas sob suas ordens, quais eles conduzem com mais facilidade, que melhor observam a disciplina sem emprego do rigor.

Perguntai aos magistrados, aos agentes da autoridade que têm auxiliares espíritas nas camadas inferiores da Sociedade, quais são os mais ordeiros e tranquilos; sobre os quais menos se exerce a lei; onde há menos tumulto a apaziguar e desordens a reprimir.

Numa cidade do Sul, dizia-nos um comissário de polícia: “Desde que o Espiritismo se espalhou em minha circunscrição, tenho dez vezes menos casos do que antes”.

Perguntai, enfim, aos médicos espíritas quais os doentes em que encontram menos afecções causadas pelos excessos de todo o gênero. Eis uma estatística que me parece um

pouco mais concludente que os vossos seis casos de alienação mental. Se tais resultados são uma loucura, tenho a glória de propagá-la.

Onde foram colhidos tais resultados? Nos livros que alguns queriam lançar à fogueira. Nos grupos dos quais recomendais aos operários que fujam. Que é o que se vê nesses grupos, que pintais como o túmulo da razão? Homens, senhoras, crianças que escutam com recolhimento uma suave e consoladora moral, em vez de ir ao cabaré perder seu dinheiro e sua saúde ou fazer barulho em praça pública; que de lá saem com o amor aos semelhantes no coração, em vez de ódio e vingança.

Eis uma singular confissão feita pelo autor do artigo precitado: “Vítimas da alucinação que os empolga, admitida a sua premissa, raciocinam a seguir com uma lógica inatacável, que não faz senão fortalecê-los na aberração.” Singular loucura, na verdade, essa que raciocina com uma lógica irreprochável!

Ora, qual é essa premissa? Nós o dissemos há pouco: A alma sobrevive ao corpo, conserva a sua individualidade e suas afeições, e pode comunicar-se com os vivos. O que pode provar a verdade de uma premissa, senão a lógica irreprochável das deduções? Quem diz irreprochável, diz inatacável, irrefutável. Assim, se as deduções de uma premissa são inatacáveis, é que satisfazem a tudo, e que nada se lhes pode opor. Assim, se essas deduções são verdadeiras, é que a premissa é verdadeira, pois a verdade não pode ter o erro por princípio.

De um princípio falso, sem dúvida podem deduzir-se consequências aparentemente lógicas, mas será uma lógica aparente, isto é, sofismas e não uma lógica irreprochável, pois deixará sempre uma porta aberta à refutação. A verdadeira lógica é a que satisfaz plenamente à razão; a que não pode ser contestada.

A falsa lógica não passa de falso raciocínio, sempre contestável. O que caracteriza as deduções de nossa premissa é, em princípio, que são baseadas na observação dos fatos; em segundo lugar, que explicam de maneira racional o que sem isso seria inexplicável. Substituí a nossa premissa pela negação e vos chocareis a cada passo com dificuldades insolúveis. A teoria espírita, dizemos nós, é baseada em fatos, mas sobre milhares de fatos que se repetem todos os dias e são observados por milhões de pessoas. A vossa, sobre meia dúzia, observados por vós. Eis uma premissa da qual cada um pode tirar a conclusão.

O ESPIRITISMO EM LYON HOJE

Lyon é atualmente uma das maiores cidades francesas (segunda maior área urbana, terceiro maior município), capital da região Ródano-Alpes e do departamento de Ródano, na junção do Ródano (Rhône) e do Saône. Tem cerca de 441.500 habitantes, totalizando aproximadamente 1.830.000 habitantes em sua Região Metropolitana.

Cidade importante pela forte presença de indústrias e universidades. Lyon é a terceira cidade mais populosa da França e o segundo maior centro de negócios do país, assim como um dos principais centros econômicos da Europa.

Após o colapso do comunismo na década dos de 1980 e as atuais falhas do sistema capitalista, evidenciando que o homem não pode esperar pela felicidade sob os auspícios dos diferentes sistemas políticos e ideológicos, pois que permanece um vazio e profunda angústia no coração humano sem perspectiva do futuro. Nessa conjuntura atual, o Espiritismo ressurge em Lyon como um raio consolador, um novo sol iluminando e recordando ao homem a respeito do seu verdadeiro destino, portanto, preenchendo o vazio trazido pelo nada das teorias materialistas. E como sinal de renovação, brota um grupo de “espíritas” formado recentemente em Lyon sob o nome Cercle Thérèse d'Avila de Estudos Espirituais e Psíquicos.

Atualmente há aproximadamente 40 casas espíritas na França. Em Lyon existe as seguintes instituições:

Centro Espírita Allan Kardec de Lyon

História:

A instituição foi declarada na Prefeitura de Lyon em 11 de janeiro de 1989, sob o título Centro de Doutrina e Ciência Espiritual Allan Kardec. Sua sede era a casa da família de um espírita em Fontaines sur Saone. Foi transferida para a rue Jeanne Collay, 23, em fevereiro de 1993, e ganhou o título em janeiro de 1999, Centro Espírita Allan Kardec de Lyon (CSLAK). O objetivo do Centro Spirite Lyonnais é a disseminação dos valores filosóficos e morais do Espiritismo, definida por Allan Kardec em um artigo da Spirite Review de abril de 1860.

O Spirite Lyonnais Center é uma associação sem fins lucrativos regida pela lei de 1901, cujos dispositivos estatutários estão transcritos abaixo:

Artigo 1

É constituída entre os aderentes aos presentes estatutos uma associação regida pela lei de 1º de julho de 1901 e o decreto de 16 de agosto de 1901, tendo como título: Centro Espiritual Lyonnais Allan Kardec.

Artigo 2

Essa associação consiste em reunir sob essa denominação todos os agrupamentos ou individualidades que tenham por objetivo e ideal:

A explicação dos fenômenos espirituais e suas conseqüências na vida moral, física e fisiológica dos seres humanos.

O ensino espiritual, moral e filosófico resultante do ensino dos espíritos e em conformidade com o grande pensamento crístico de fé, amor e caridade, ensino sobre o qual Denizard Hippolyte RIVAIL disse Allan KARDEC (1804-1869) o codificador.

A rigorosa autoimplementação desses ensinamentos, envolvendo o amor ao próximo e o alívio de todo sofrimento humano, esclarecendo e revigorando a mensagem do irmão JESUS.

A ajuda e criação de centros culturais e espirituais de acordo com a conveniência de eventos e causas.

Assistência à criação e desenvolvimento de grupos espíritas cujo objetivo é promover a elevação espiritual e moral do homem.

Em geral, trabalhar pela propagação do Espiritismo Crístico, que, por seu caráter universal e livre de todas as contingências terrestres:

- Deve ser considerado como uma doutrina consoladora e regeneradora da consciência humana.

- Não deve ser e não deve ser considerada uma religião terrestre entre muitas outras e, portanto, não deve ser assimilada a nenhum particularismo denominacional.

Artigo 3

Os membros da associação impõem respeito, tolerância em relação aos outros grupos espíritas, proibindo todos os críticos e todas as censuras às atividades, ações e escritos dos outros grupos, bem como ao nível de associação como no nível pessoal dos membros desses grupos.

Artigo 4

Como a exploração comercial da mediunidade está em absoluta contradição com a nossa doutrina, a associação não admitirá em seu seio nenhum meio lucrativo ou outro de suas faculdades. Conseqüentemente, qualquer membro que viole essa regra imperativa será excluído da associação.

Artigo 5

A essência do Espiritismo Crístico sendo claramente estabelecida e conhecida pelos livros de Allan KARDEC, e o ensino dos espíritos através dos médiuns, todas as ações, discussões, controvérsias religiosas, políticas e sindicais são fortemente proscritas e radicalmente excluídas, os membros pertencentes à associação são suficientemente esclarecidos sobre os princípios do Espiritismo Crístico, em todos os seus aspectos.

Artigo 6

A sede social fica na 23 Jeanne Collay Street, em BRON.

Artigo 7

A associação consiste em:

Membros Plenos,

Membros benfeitores,

Membros correspondentes.

Os membros titulares são as pessoas pertencentes à associação moral e materialmente. Os membros benfeitores são pessoas que vivem em comunidades onde não há grupos e desejam participar, fazendo isso individualmente. Os membros correspondentes são pessoas residentes na França ou no exterior e que, por sua posição e trabalho, perseguem os mesmos objetivos da associação e desejam colaborar em seu trabalho.

Todos os membros se devem mutuamente: benevolência e boas práticas. Em todas as circunstâncias, eles devem colocar o bem geral acima dos assuntos pessoais e da auto-estima. O pedido de admissão como membro da associação deve ser feito por escrito, por carta endereçada ao Presidente da associação.

Artigo 8

Nenhum membro que não tenha atingido a maioria legal de acordo com a legislação francesa não será admitido na associação. As reuniões são estritamente proibidas para crianças.

Artigo 9

A associação é perdida:

Por renúncia,

Pela morte,

Em caso de cancelamento pelo Conselho de Administração após ouvir as explicações da parte interessada.

Artigo 10

A associação é administrada por um Conselho de Administração composto por:

Um presidente

Um ou mais vice-presidentes,

Uma secretária

Secretário assistente,

Um tesoureiro,

Tesoureiro Assistente,

um ou mais avaliadores.

Artigo 11

Os membros do Conselho de Administração são eleitos por um ano e são reeleitos indefinidamente por voto em uma assembléia geral ordinária. Constituem-se no cargo, conforme disposto no artigo 10º. O Conselho de Administração possui todos os poderes

necessários para realizar a associação em direção à meta definida no artigo 2º destes estatutos. Em caso de empate, o voto do Presidente terá voto de qualidade na Mesa. O Conselho de Administração possui os mais amplos poderes, mas não pode modificar o Artigo 1 em seu espírito.

Artigo 12

A ação do escritório consiste em dirigir, organizar e planejar todas as atividades espirituais e materiais do grupo. Ele intervém em reuniões extraordinárias ou anuais em casos difíceis de estudar, tanto espiritual quanto materialmente.

Artigo 13

O exercício financeiro começa em 1º de outubro e termina em 30 de setembro.

Artigo 14

A assembleia geral ocorre todos os anos, na data fixada pelo conselho de administração. É validamente constituído independentemente do número de membros presentes. As decisões votadas obrigam todos os membros da associação, mesmo ausentes. Pelo menos quinze dias antes da data fixada, os membros da associação são convocados pelo secretário que indicará o dia. O presidente assistido pelos membros do Conselho, preside a assembléia e expõe a situação moral da associação. O tesoureiro reporta a sua administração e envia o balanço para aprovação da reunião. Se necessário, os membros cessantes do conselho são substituídos por votação secreta. Membros livres ou pessoas isoladas terão direito a um voto individualmente. Os votos postais enviados ao Presidente em exercício serão admitidos.

Artigo 15

Para atender às necessidades da associação, os membros da associação, que teriam os meios, uma participação mensal ou anual. Doações manuais em dinheiro ou em espécie serão aceitas se tiverem a intenção de servir ao propósito da associação.

Artigo 16

A associação considera que sua responsabilidade pode ser comprometida moralmente pelas publicações específicas de seus membros; ninguém pode assumir, por escrito, o título de membro do Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec.

Artigo 17

O presente regulamento pode ser alterado, se necessário, apenas por decisão do Conselho de Administração. Todas as modificações feitas nos presentes estatutos, ou quaisquer modificações dos membros da agência serão levadas ao conhecimento das autoridades competentes e de acordo com as disposições legais.

Artigo 18

No caso de dissolução da associação por razões excepcionais, a associação pagaria à instituição de caridade o produto total da venda de seus móveis e o saldo em dinheiro.

Artigo 19

Todos os membros podem participar da assembléia geral, mas apenas os membros que são membros há três anos ou mais têm direito a voto.

Presentemente as atividades do Centro Espiritual de Allan Kardec, em Lyon estão subdivididas em Reuniões reservadas para membros e “Reuniões espirituais”, que são públicas em que os médiuns captam mensagens dos desencarnados ou para ofertarem recomendações pessoais para as pessoas da assembleia. Há as reuniões de auxílio espiritual que também são públicas. Durante essas reuniões, ajudam-se os encarnados e os desencarnados pela oração. No final da reunião há o passe.

Há reuniões mediúnicas para iniciantes, que são reservadas aos membros onde são orientados para o desenvolvimento saudável da faculdade através de um estudo teórico e prático.

Existem ainda mais três instituições espíritas em Lyon, vejamos:

- A Fonte da Esperança localizado 147 chemin du Fresney,
- Grupo Espírita Nossa casa Escale Lyonnaise 100 rue de Créqui,
- Centro de Estudos Espíritas de Denicé Bennevent.

São confrades cômnicos e de boa vontade de Lyon, propondo a nobre tarefa de difundir o Espiritismo nas plagas que viu renascer o Codificador do Espiritismo.

CARTA INÉDITA DE ALLAN KARDEC A AMÉLIE-GABRIELLE BOUDET 20 DE SETEMBRO DE 1861

Por Enrique Eliseo Baldovino
Agosto/2015

Entre os tesouros doutrinários encontrados na França, recebidos pelo confrade Roger Perez das mãos de um descendente de Hubert Forestier, espiritista francês e antigo diretor de La Revue Spirite, durante os anos 1931-1971, que atuou no Movimento Espírita francês com o dirigente Jean Meyer (1855-1931) desde 1920, destaca-se uma raríssima Carta de Allan Kardec a sua esposa Amélie-Gabrielle Boudet – Manuscrito de quatro laudas, datado de 20 de setembro de 1861 –, missiva que foi enviada a Paris pelo Codificador, de Lyon, cidade onde o mestre encontrava-se em viagem doutrinária (2ª viagem espírita).

Recebemos este formoso presente do Secretário Geral do Conselho Espírita Internacional – CEI, Charles Kempf, a quem agradecemos pela imensa gentileza, desde que a histórica Carta foi transcrita somente na França, nas páginas da Revue Spirite, órgão oficial do CEI,¹ sendo, portanto, inédita no Brasil, seja na transcrição, seja na fotografia dos originais, ora publicados, por primeira vez em língua portuguesa – presente que desejamos compartilhar com todos.

A respeito do idioma espanhol, a Carta original, além de ser transcrita, já havia sido fotografada e editada, por nosso intermédio, para os leitores hispanofalantes, e analisada na nota do tradutor nº 399 à Revista Espírita de 1861 (EDICEI), como Manuscrito muito raro, anexo especial à tradução – do francês para o espanhol – desse ano,² documentos catalogados na França com os números 8002 e 8003, referente aos arquivos das fotos da histórica Carta.

Contexto histórico da rara Carta

Estamos em 1861, ano da 2ª viagem espírita de Allan Kardec, que percorreu, com grande sacrifício, as cidades de Sens, Mâcon, Lyon, Bordéus, entre outras, a fim de levar a Doutrina nascente ao interior da França.

Mas deixemos falar melhor ao próprio Codificador, que, na Revista Espírita de outubro de 1861, registrou o seguinte, no Banquete oferecido ao Sr. Allan Kardec pelos vários Grupos de espíritas lioneses, a 19 de setembro de 1861, lançando para a posteridade as bases dos futuros Encontros de Dirigentes e Trabalhadores Espíritas:

Mais um banquete reuniu este ano certo número de espíritas em Lyon, com a diferença de que no ano passado havia uns trinta convivas, ao passo que agora contavam-se cento e sessenta, representando os diversos Grupos que se consideram como membros de uma mesma família, e entre os quais não há sombra de ciúme e de rivalidade, fato este que notamos com prazer. A maioria dos presentes era composta de operários e todos notavam a perfeita ordem que não deixou de reinar um só instante. É que os verdadeiros espíritas têm satisfação nas alegrias do coração e não nos prazeres barulhentos. (...)3

Esses dados são confirmados no Manuscrito analisado, especialmente o grande número de convivas (mais de cento e sessenta) à reunião-banquete de confraternização entre os diversos Grupos Espiritistas, representando as várias cidades do Movimento Espírita iniciante. À época, era de praxe que os líderes dos Grupos fizessem discursos-homenagens, como as alocações do Sr. Dijoud, do Prof. Bouillant etc., especialmente ante a presença do emérito Codificador em suas terras, fechando esse ágape histórico com o Discurso do Sr. Allan Kardec,4 que é um primor de lucidez doutrinária, em prol da união e da unificação dos espíritas e do Movimento, conteúdo atualíssimo para os nossos dias, do qual extraímos o seguinte trecho elucidativo (p. 314):

(...) Mas isto é obra do tempo. Deixemos a Deus o cuidado de fazer vir cada coisa a seu tempo; esperemos tudo de Sua sabedoria e rendamos-Lhe graças por nos ter permitido assistir à aurora que surge para a Humanidade e por nos haver escolhido como os pioneiros da grande obra que se prepara. Que Ele se digne espalhar Sua bênção sobre esta assembleia, a primeira em que os adeptos do Espiritismo estão reunidos em tão grande número, com o sentimento de verdadeira confraternidade. (...)4

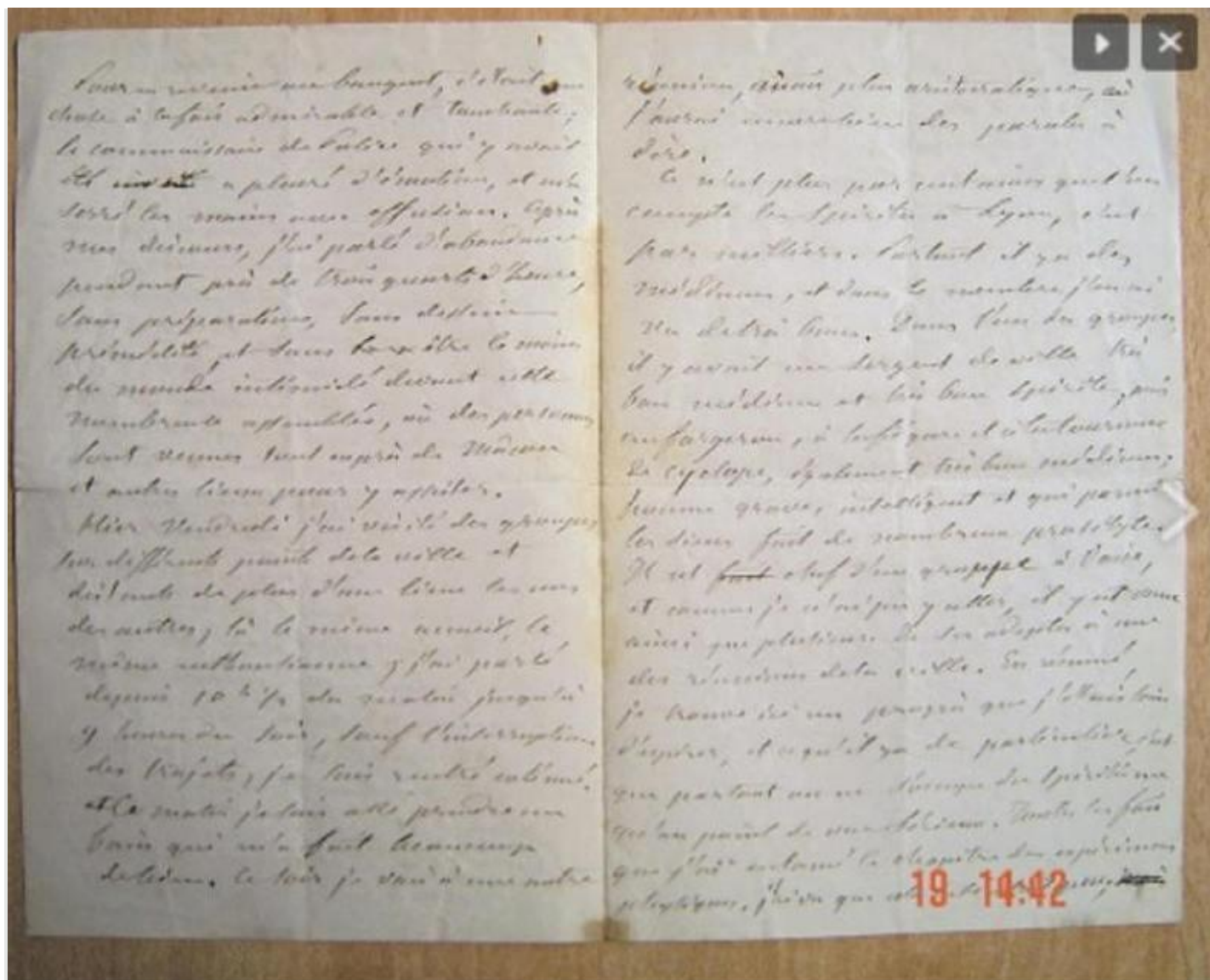
Total apoio de Amélie-Gabrielle Boudet

Um dia depois da citada reunião de confraternização espírita, isto é, na sexta-feira, 20 de setembro de 1861, de Lyon – terra natal do Codificador e cidade dos mártires –, Allan Kardec escreve a mencionada Carta a sua esposa Amélie Gabrielle Boudet, com um carinho comovedor, que dimensiona o profundo amor e respeito que Hippolyte Léon Denizard Rivail cultivava e sentia pela sua digna e valorosa companheira.

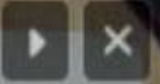
Amélie-Gabrielle Boudet (Thiais [Sena], França, 23.11.1795 – Paris, 21.01.1883) foi abnegada missionária, professora de Letras e de Belas-Artes, poetisa, desenhista, educadora emérita e autora de livros – Contos Primaveris (1825), Noções de Desenho (1826), O essencial em Belas Artes (1828) –, mulher extraordinária na qual Rivail, o nosso insigne Codificador Allan Kardec (Lyon, França, 3.10.1804 – Paris, 31.3.1869), apoiou-se em todos os momentos, principalmente durante a Codificação Espírita.

A Sra. Allan Kardec tinha setenta e quatro anos, por ocasião da morte do marido. Sobreviveu-lhe até 1883, ano em que morreu com oitenta e nove anos, sem herdeiros diretos, pois não teve filhos.

O Manuscrito foi finalmente enviado de Lyon a Paris, onde se encontrava a doce Gaby, como ele carinhosamente a chamava, e eis que o transcrevemos a seguir, por primeira vez num jornal de língua portuguesa.



Lyon 20 sept 1861 Carta de AK a Amélie em 20.09.1861 FACSiMILE



Lyon 20^e 1861

Mais un haut tout arête, qu'on
s'agitait les uns les autres
et plus tôt qu'on, même un
cours inévitablement un rétablissement
l'ensemble, et fera un grand bien
même un à un de l'autorité. Le
peut être tout un point qu'en être
surtout, et contraire.

Mais toujours a tellement été pris, que
je n'ai pu cette fois par occasion
de ma correspondance. Je me suis
rapporté comme d'habitude, même comme
je l'ai vu et le projeté, j'en
ai leur compagnie et qui reviennent
de part à l'autre. J'arriverai à Paris
Mardi à midi -

Très bien affectueux

Ma chère Amélie

Je t'écris de nouveau tout à propos
de l'histoire de la guerre d'Alsace, je t'ai
de ces événements qui tendent dans la vie
de la race, inévitables, c'est, comme
je te l'ai dit, le pas du bonjour, et
c'est pour de la 160 personnes, c'est
à qui pourrait me tuer la vie,
~~mais~~ me tuer la vie, mais qui
ont pu me parler et me, je suis
peu de ce que nous avons fait à tuer,
me peu plus et que je, l'âme
de nous ont vu le pas de ma
redoublé tout et tout grand leur enthousiasme.
Je t'ai à penser de la dernière et
châtiment, de même a produit une
sentiments profonds, mais que est
d'être que tout le monde a justifié
applaudi et appliqué!

(J'ai voulu t'interrompre ma lettre
et je ne puis le reporter **19 14.42**
Lundi)

Lyon 20 sept 1861 Carta de AK a Amélie em 20.09.1861 FACSÍMILE

Transcrição do Manuscrito

No raro e histórico Manuscrito Kardequiano, dirigido à sua Sra. Amélie, ressuma o grande afeto de H. L. D. Rivail pela sua amada esposa e nele encontramos dados inéditos, que merecem ser estudados no silêncio da meditação. Allan Kardec está intensamente emocionado pelo que viveu na véspera com os seus irmãos espíritas, e o conta em primeira pessoa:

Lyon 20 Sept. 1861.

Ma chère Amélie:

Je t'écris de nouveau sous l'impression de l'émotion de la journée d'hier; ce sont de ces évènements qui laissent dans la vie des traces ineffaçables. C'était, comme je te l'ai dit, le jour du banquet; il y avait plus de 160 personnes; c'était à qui pourrait me serrer la main, me toucher même; ceux qui ont pu me parler étaient, je crois, aussi heureux que s'ils avaient parlé à un roi; un peu plus il y en a qui, s'ils l'eussent osé, auraient baisé le pan de ma redingote tant était grand leur enthousiasme.

Je laisse à penser si les discours ont été chaleureux. Le mien a produit une sensation profonde, ainsi que celui d'Éraste que tout le monde a justement applaudi et apprécié!

(force m'a été d'interrompre ma lettre et je ne puis la reprendre qu'aujourd'hui samedi)

Pour en revenir au banquet, c'était une chose à la fois admirable et touchante; le commissaire de Police qui y avait été invité a pleuré d'émotion, et m'a serré les mains avec effusion. Après mes discours, j'ai parlé d'abondance pendant près de trois quarts d'heure, sans préparations, sans dessein prémédité et sans être le moins du monde intimidé devant cette nombreuse assemblée, où des personnes sont venues tout exprès de Mâcon et autres lieux pour y assister.

Hier vendredi j'ai visité des groupes sur différents points de la ville et distants de plus d'une lieue les uns des autres; là le même accueil, le même enthousiasme; j'ai parlé depuis 10 h ½ du matin jusqu'à 9 heures du soir, sauf l'interruption des trajets; je suis rentré exténué.

Ce matin je suis allé prendre un bain qui m'a fait beaucoup de bien. Ce soir je vais à une autre réunion, mais plus aristocratique, où j'aurai encore bien des paroles à dire.

Ce n'est plus par centaines que l'on compte les spirites à Lyon, c'est par milliers. Partout il y a des médiums, et dans le nombre j'en ai vu des très bons. Dans l'un des groupes, il y avait un sergent de ville très bon médium et très bon spirite; puis un forgeron, à la figure et à la tournure de cyclope, également très bon médium; homme grave, intelligent et qui parmi les siens fait de nombreux prosélytes. Il est chef d'un groupe à Vaise, et comme je n'ai pu y aller, il y est venu ainsi que plusieurs de ses adeptes à une

des reuniões de la ville. En résumé, je trouve ici un progrès que j'étais loin d'espérer, et ce qu'il y a de particulier, c'est que partout on ne s'occupe du Spiritisme qu'au point de vue sérieux. Toutes les fois que j'ai entamé le chapitre des expériences physiques, j'ai vu que cela intéressait peu; mais on était tout oreille, quand il s'agissait des conséquences morales et philosophiques. Mon voyage aura incontestablement un retentissement immense, et fera un grand bien même vis à vis de l'autorité. Le parti noir seul ne peut qu'en être horriblement contrarié!

Mon temps a tellement été pris, que je n'ai pu aller voir personne de ma connaissance. Je comptais repartir demain dimanche, mais comme je tiens à voir M. et Mme Rigolet, j'irai à leur campagne, ce qui renvoie mon départ à lundi. J'arriverai à Paris mardi à midi.

Ton bien affectionné

HLDR.1

Tradução inédita da Carta para a língua portuguesa

Lyon, 20 de setembro de 1861.

Minha querida Amélie:

Escrevo-lhe de novo sob a impressão da emoção da jornada de ontem; são esses eventos que deixam marcas inesquecíveis na vida. Como lhe dizia, era o dia do banquete: havia mais de 160 pessoas, das quais muitas vieram me cumprimentar e abraçar; outras conseguiram falar comigo, e creio que estavam tão felizes como se houvessem falado com um rei; um pouco mais e teria alguém que tivesse ousado beijar a barra do meu casaco, tão grande era o seu entusiasmo.

Ponho-me a pensar se os discursos foram expressivos. O meu produziu uma sensação profunda, assim como o de Erasto, que todos aplaudiram e apreciaram com justiça!

(Fui forçado a interromper a minha carta e somente pude retomá-la hoje, sábado.)

Voltando ao banquete, era algo admirável e, ao mesmo tempo, comovedor: o delegado de Polícia, que ali fora convidado, chorou de emoção e apertou minhas mãos com efusão. Após os meus discursos, falei abundantemente durante quase três quartos de hora, sem preparativos, sem uma intenção premeditada e sem sentir-me – no mais mínimo – intimidado perante essa numerosa assembleia, formada também por uma assistência que veio especialmente de Mâcon e de outros lugares.

Ontem, sexta-feira, visitei Grupos em diferentes pontos da cidade, distantes uns dos outros em mais de uma légua; lá aconteceu a mesma acolhida, o mesmo entusiasmo. Falei desde as 10 e meia da manhã até as 9 horas da noite, excetuando a interrupção dos trajetos; voltei extenuado.

Esta manhã fui tomar um banho, o que me fez muito bem. Esta noite vou a outra reunião, porém, mais aristocrática, onde ainda terei muitas coisas a dizer.

Já não são mais por centenas que se contam os espíritas em Lyon, senão por milhares. Em toda parte há médiuns, e entre os que tenho visto existem muito bons. Em um dos Grupos encontrei um guarda municipal que é muito bom médium e muito bom espírita. Depois tinha um ferreiro, de grande constituição física, igualmente muito bom médium: homem sério, inteligente e que, entre os seus, inspira a numerosos adeptos; ele é o chefe de um Grupo em Vaise, e como eu não pude ir lá, ele veio cá – com vários confrades seus – a uma das reuniões na cidade. Em resumo, encontro aqui um progresso que estava longe de esperar e, o que há de particular, é que por todas partes se dedicam ao Espiritismo do ponto de vista sério. Todas as vezes que abordei o tema das experiências físicas, notei que isto interessava pouco; mas todos prestavam atenção quando eram tratadas as consequências morais e filosóficas. Minha viagem terá indiscutivelmente uma imensa repercussão e fará um grande bem, inclusive perante as autoridades. Só o partido negro pode estar horrivelmente contrariado!

Estive ocupado de tal modo que não tive tempo para visitar os meus conhecidos. Tinha a intenção de partir amanhã, domingo, mas como desejo ver ao Sr. e à Sra. Rigolet, irei à sua casa de campo, o que transfere minha partida para a segunda-feira. Chegarei a Paris na terça-feira ao meio-dia.

Teu muito amado,

HLDR.2

Alguns comentários ao Manuscrito

a) Como observamos no texto inédito no Brasil, a Carta foi escrita em dois dias, em 20 e em 21 de setembro de 1861 (sábado), pois Allan Kardec interrompeu a missiva por motivos que desconhecemos. Imaginamos que seja pelo grande cansaço físico, porque Kardec falou no dia anterior desde as 10h30 até as 21h, ante diversos públicos, viajando constantemente de um Grupo a outro por Lyon e arredores. (Entre Paris e Lyon há uma distância de aproximadamente 400 km).

b) Muito importantes as conclusões do eminente Codificador sobre os diversos assistentes aos seus discursos, público de todas as camadas sociais – principalmente da classe operária –, que se davam as mãos sob a égide da Doutrina Espírita. Observemos o destaque de Kardec ao se referir às experiências ou manifestações físicas: notou que isso interessava pouco; o interesse maior estava na questão moral e filosófica, ou seja, nas consequências ético-morais, religiosas e educacionais a que o Espiritismo conduz. Esta é também uma grande lição doutrinária para os dias atuais.

c) Kardec faz referência às profundas palavras do Espírito Erasto, muito apreciadas e aplaudidas, epístola que também consta na Revista Espírita de outubro de 1861, sob o título: Epístola de Erasto aos espíritas lioneses – Lida no banquete de 19 de setembro de 1861,5 e que o Espírito ditou na SociÉTé Parisienne des Études Spirités, especialmente para os espíritas de Lyon, antes do Codificador sair em viagem doutrinária, o que demonstra um excelente planejamento em todos os sentidos, dos encarnados e dos

desencarnados. Damos, para os atentos leitores, algumas pinceladas da emotiva Epístola:

Não é sem a mais suave emoção que venho entreter-me convosco, caros espíritas do Grupo lionês. Num meio como o vosso, onde todas as camadas se confundem, onde todas as condições sociais se dão as mãos, sinto-me cheio de ternura e de simpatia, e feliz por vos poder anunciar que nós todos, que somos os iniciadores do Espiritismo na França, assistiremos com muito viva alegria os vossos ágapes fraternos, aos quais fomos convidados por João e Irineu, vossos eminentes Guias espirituais. Ah! esses ágapes despertam em meu coração a lembrança daqueles em que todos nos reuníamos, há mil e oitocentos anos, quando combatíamos contra os costumes dissolutos do paganismo romano, e quando já comentávamos os ensinamentos e as parábolas do Filho do Homem, morto, para a propagação da ideia santa, sobre a árvore da infâmia. Meus amigos, se o Altíssimo, por efeito de Sua infinita misericórdia, permitisse que a lembrança do passado pudesse brilhar um instante em vossa memória entorpecida, recordar-vos-íeis dessa época, ilustrada pelos santos mártires da plêiade lionesa: Sanctus, Alexandre, Attale, Episode, a doce e corajosa Blandine, Irineu, o bispo audaz, dos quais muitos dentre vós então formáveis cortejo, aplaudindo seu heroísmo e cantando louvores ao Senhor; também vos lembraríeis de que vários dos que me ouvem regaram com o seu sangue a terra lionesa, esta terra fecunda que Eucher e Gregório de Tours chamaram a pátria dos mártires. Não os nomearei; mas podeis considerar os que, em vossos Grupos desempenham uma missão, um apostolado, como tendo sido mártires da propagação da ideia igualitária, ensinada do alto do Gólgota, pelo nosso Cristo bem-amado! (...)5 [Cursiva original.]

d) A respeito dos corajosos mártires de Lyon, citados na Epístola de Erasto, discípulo de São Paulo, leia-se a nota do tradutor nº 399 em nossa tradução da Revista Espírita de 1861,2 onde elencamos dezenas de mártires lioneses, alguns infelizmente esquecidos na atualidade. Digno de nota, também, a alusão que o Espírito Erasto faz da reencarnação de alguns desses mártires de Lyon nas fileiras espíritas, sendo que vários dos que me ouvem regaram com o seu sangue a terra lionesa. E continua o seguidor do Apóstolo dos Gentios, enunciando profundas palavras que parecem ter sido pronunciadas para os dias de hoje:

(...) Hoje, caros discípulos, aquele que foi sagrado por São Paulo vem dizer-vos que vossa missão é sempre a mesma, porque o paganismo romano, sempre de pé, sempre vivaz, ainda enlaça o mundo, como a hera enlaça o carvalho; deveis, pois, espalhar entre os vossos irmãos infelizes, escravos de suas paixões e das paixões alheias, a sã e consoladora doutrina que meus amigos e eu viemos vos revelar, por nossos médiuns de todos os países. (...) 5

e) Já não são mais por centenas que se contam os espíritas em Lyon, senão por milhares. O mestre lionês observa e anota os passos agigantados que o Movimento Espírita iniciante está dando no interior da França, em 1861, e que terá o seu auge na sua terceira grande viagem espírita em 1862,1 onde visitou doutrinariamente mais de vinte cidades, participando de aproximadamente cinquenta reuniões, percorrendo um trajeto de 693 léguas, que correspondem – nada mais e nada menos – a 3.862 quilômetros, nos

parcos transportes da época! Sim, os seus elevados objetivos eram: levar o Espiritismo nascente ao interior da França e depois ao Exterior, conhecer o real estado da Doutrina nas várias cidades visitadas e observar a maneira como era compreendida nos seus diversos aspectos.

f) O homem Rivail-Kardec surge nestas páginas de forma cativante e comovedora. Estamos mais acostumados à faceta clássica do Codificador Allan Kardec, à sua personalidade austera – por causa da espinhosa e grande missão –, como pesquisador frio e arguto dos fenômenos espirituais e das suas lógicas consequências morais, como investigador totalmente dedicado à Doutrina, à Sociedade de Paris, à organização do Movimento, à Revue Spirite, à compilação e preparo das Obras etc.

Por outro lado, vemos na Carta um homem carinhoso, familiar, preocupado com sua esposa Amélie, com a visita aos seus conhecidos e amigos, dedicando-se com bonomia aos irmãos espiritistas e aos convivas, enfim, um pouco mais expansivo, exatamente como quando o casal Kardec reunia-se na sua residência da Ville de Ségur com Pierre-Gaëtan Leymarie e demais confrades queridos, atendendo-os com bom humor, sorriso franco, largo e comunicativo, conservando-se sempre digno e sóbrio em suas expressões, segundo o registro da Biographie d'Allan Kardec, de Henri Sausse. Kardec é, portanto, um homem integral, ladeado por uma mulher integral: Amélie Boudet.

Conclusão

Ao concluir a nossa pesquisa, somos imensamente gratos ao Codificador pelo seu ingente sacrifício e pela abnegação das suas Viagens Espíritas, que ensejaram estes documentos de rara beleza, humana e doutrinária, além da criação e fortalecimento dos Grupos Espiritistas que ele mesmo ajudou a fundar e, conseqüentemente, a nutrir, com a sua presença física e à distância, como verdadeiro líder e vanguardista do Espiritismo.

Na retaguarda do Movimento e da família, a corajosa Amélie-Gabrielle Boudet, essa mulher notável, que tanto tem oferecido à Humanidade no seu anonimato ativo e dinâmico, ensejando ao seu esposo a dedicação total ao Ideal Maior.

Que Amélie e Allan Kardec recebam, pelo pensamento, a nossa imensa gratidão e respeito, em forma de vibrações de reconhecimento e de sincera reverência dos seus irmãos espíritas do Brasil, da Argentina e do mundo.

Referências:

1 - REVUE SPIRITE. Organe officiel du Conseil Spirite International. Le Voyage Spirite de 1862 – Le Cent-Cinquantenaire. Artigo de Miguel Ramos, que transcreveu a rara “Carta de Allan Kardec a Amélie-Gabrielle Boudet” (p. 7). 4º trimestre de 2011, pp. 6 e 9.

2 - KARDEC, Allan. Revista Espírita – Periódico de Estudios Psicológicos (Año IV, 1861). Anexo especial com os originais fotografados da raríssima Carta de Allan Kardec a sua esposa Amélie-Gabrielle Boudet. Lyon, 20/09/1861. Tradução, do francês para o espanhol, de Enrique Eliseo Baldovino. Nota explicativa do tradutor nº 399 sobre a

Carta, com transcrição e publicação do Manuscrito. Brasília, DF: EDICEI. Tradução, também nossa, da Carta, do francês para o português, e realização da pesquisa histórica sobre os mártires de Lyon. Gentileza por el envío del Manuscrito del Sr. Charles Kempf, Secretario General del Consejo Espírita Internacional – CEI.

3_____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, EDICEL, p. 309, out. 1861. Tradução de Júlio Abreu Filho.

4 - Op. cit, p. 312-318.

5 - Op. cit., p.319-324.

